

2º CICLO DE ESTUDOS
HISTÓRIA DA ARTE, PATRIMÓNIO E CULTURA VISUAL

Depois do mar

A coleção de estanho e de latão de Belinho (Esposende)

Volume 1

Elisa Frias-Bulhosa

M

2023



Elisa Frias-Bulhosa

Depois do mar
A coleção de estanho e de latão de Belinho
(Esposende)

Volume 1

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, orientado pela Professora Doutora Ana Cristina Sousa e supervisionado pela Dra. Ana Paula Almeida

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2023

À minha mãe

Sumário

Declaração de honra	4
Agradecimentos.....	5
Resumo.....	7
Abstract	8
Índice de Imagens	9
Índice de Gráficos	16
Lista de abreviaturas e siglas	17
Introdução	18
1.1. Justificação do tema	19
1.2. Estado da Arte.....	22
1.3. Metodologia.....	28
1.4. Objetivos e problemáticas	33
1.5. Organização em capítulos.....	38
2.Problematizações prévias do estudo e crítica das fontes	40
3.Os objetos de estanho inventariados – formas, técnicas, funções e vocabulário.....	46
3.1. Pratos.....	48
3.1.1. Pratos octogonais.....	69
3.2. Escudelas.....	72
3.3. Colheres	83
3.4. Bacio (?)	92
3.5. Três propostas de identificação	96
4.As marcas achadas nos objetos de estanho – características, função e vocabulário	100
4.1. A marca do martelo coroadado	109
4.2. A marca da rosa coroadada ou da letra maiúscula	112
5.Objetos de outros materiais inventariados – formas, técnicas, funções e vocabulário	119
5.1. Bacias de latão.....	120
5.2. Castiçais de latão.....	143
5.3. Jarra de latão.....	151
5.4. Fivela de cobre	154
6.Relatório de estágio	158

Considerações Finais.....	169
Bibliografia.....	179

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 16 de setembro de 2023

Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa

Agradecimentos

Ao corpo docente do Departamento de Ciências e Técnicas do Património devo toda a aprendizagem dos últimos cinco anos. Graças aos professores e às suas excelentes capacidades de ensino, mantive curiosidade e dedicação pela História da Arte e pelo Património. Um especial obrigada à Professora Doutora Ana Cristina pela orientação, pelo ensinamento e pelo entusiasmo pelo tema. Agradeço-lhe todas as oportunidades que me proporcionou e a confiança depositada em mim. Sinto imenso orgulho na nossa feliz colaboração e uma crescente admiração pela professora.

À Câmara Municipal de Esposende, agradeço a produtiva oportunidade proporcionada. Um especial obrigada à Dra. Ana Almeida pela orientação e, acima de tudo, pelo apoio. A confiança que sempre demonstrou ter em mim durante e após o estágio tocou-me profundamente. Um especial obrigada à Dra. Elsa pela disposição em ceder o seu tempo para me ouvir e validar as minhas descobertas. O nosso trabalho em equipa apresenta importantes frutos – todas as marcas que achamos em conjunto. À Dra. Ana Caraméz, a minha colega de secretária, um muito grande obrigada pela familiaridade com que sempre me tratou, tal como à Sylvie, à Matilde e ao Sr. Pinto. Sempre me senti bem recebida e devo-o ao bom-ambiente que a equipa tem entre si e que me proporcionou.

Agradeço ao Orfeão Universitário do Porto, por todas as amizades que me ofereceu e me ajudou a cimentar. Obrigada por todas as experiências, seja nos ensaios, nos espetáculos ou nas muitas viagens que fiz em seu nome. Obrigada por me ter introduzido o mundo da cultura portuguesa, nas suas mais variadas vertentes. Um especial obrigada ao Coro Clássico e Popular, que me acompanhou ao longo dos cinco anos, e ao Grupo de Pauliteiras de Miranda, aquele que mais me enriqueceu.

Obrigada àqueles que me acompanharam ao longo destes cinco anos. Aos do curso, Ana Machado, Ana Magalhães, Carolina, Diogo e Mi. Aos do orfeão, os Porcos e o Marco, aquele que me alegrou diariamente e de quem me recordarei com carinho para sempre. Ao Tiago, à Ana e à Helena pelo reconhecimento. Espero que continuem a olhar para mim como uma pseudo-madrinha.

À minha muito grande família, um obrigada por todo o interesse que expressaram no meu percurso académico. Obrigada, avós, por terem cuidado de mim quando precisava. Obrigada, Kiko, pela disponibilidade que sempre tens em me ajudar. Pai, obrigada por te orgulhares da minha vivência académica e orfeónica. Nené, um especial obrigada por teres sido a segunda mãe que sempre foste. Sinto-me uma privilegiada por te ter tão carinhosamente a meu lado. Mãe, não consigo expressar por palavras o quão importante foste para mim nesta última etapa. Ao longo de toda a minha vida, ensinaste-me a pensar, a questionar e a argumentar. Devo todo o meu sentido crítico a ti. Devo-te este meu relatório.

Meu Pedro, infinitamente agradecida fico por teres partilhado comigo o academismo e o orfeonismo que tanto marcou a minha experiência na universidade. Obrigada por teres sido o meu parceiro nas digressões, nos ensaios e nas festas. Fico ternamente feliz por nos termos escolhido um ao outro na nossa primeira digressão de Páscoa, na primeira Queima das Fitas e todos os dias depois desses. Ao longo destes cinco anos de curso, aprendi duas verdades fundamentais. Em primeiro, descobri o quanto tenho ainda por aprender. O curso e o Orfeão ensinaram-me que o conhecimento é imensurável. Em segundo, aprendi que quero explorar essa ilimitada imensidão a teu lado.

Espero que todos os nomes aqui mencionados sintam orgulho deste resultado que vos apresento.

Resumo

Desenvolvido durante o Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, no contexto de um estágio curricular no Centro Interpretativo de São Lourenço, em Esposende, o principal propósito da investigação partiu do estudo da coleção de objetos de metal da exposição «Patrimónios Emersos e Submersos - Do Local ao Global». Esta coleção resulta do achado de uma embarcação da Época Moderna naufragada, cujo espólio contém um numeroso e diversificado leque de objetos do quotidiano. O grosso do acervo encontra-se em reserva no Centro Interpretativo de São Lourenço. Através da inventariação dos objetos em estudo, desenvolveu-se uma análise das tipologias, das formas, dos materiais e das técnicas utilizados, das marcas, das inscrições, da iconografia e das funcionalidades dos objetos, focando-se nos seus diferentes contextos sociais de uso. Especial ênfase foi dado ao núcleo de objetos de estanho, o material predominante do espólio estudado.

Este relatório evidencia a escassa investigação dedicada aos objetos de estanho em Portugal, para além de documentar a discrepância de informação patente nas publicações nacionais e internacionais dedicadas ao seu estudo. Conscientes destes problemas, procuramos desenvolver um processo de reconhecimento, de valorização e de divulgação deste património. Neste sentido, pretendeu-se dissecar as metodologias utilizadas internacionalmente no estudo de objetos de estanho e abrir um espaço de reflexão especulativa que permita produzir um melhor e mais apropriado conhecimento destes objetos e do período histórico que os produziu. É também um dos principais objetivos refletir sobre estratégias e ferramentas de comunicação para melhor conhecimento dos objetos modernos de estanho, na sociedade atual. Adicionalmente, tenciona-se demonstrar o potencial de uma contribuição da área científica da História da Arte para a temática dos objetos de estanho, para além de se pretender valorizar e legitimar os valores da aplicação prática desta área em projetos interdisciplinares.

Palavras-chave: Naufrágio; objetos de estanho; objetos de latão; Época Moderna; Belinho (Esposende).

Abstract

Developed during the Master's Degree in Art History, Heritage, and Visual Culture, in the context of a curricular internship at the São Lourenço Interpretive Centre, in Esposende, the main purpose of the research came from the study of the collection of metal objects of the exhibition «Emersed and Submerged Heritage - From Local to Global». This collection results from the discovery of a shipwreck of the Modern Era, which contains a numerous and diverse range of everyday objects. The bulk of the collection is in deposit at the São Lourenço Interpretive Center. Through the inventory of the objects under study, an analysis of the typologies, forms, materials, and techniques used, brands, inscriptions, iconography, and functionalities of the objects was developed, focusing on their different social contexts of use. Special emphasis was given to the core of pewter objects, the predominant material of the studied collection.

This report highlights the scarce research dedicated to pewter objects in Portugal, in addition to documenting the discrepancy of information evident in national and international publications dedicated to its study. Aware of these problems, we seek to develop a process of recognition, appreciation, and dissemination of this heritage. In this sense, it was intended to dissect the methodologies used internationally in the study of pewter objects and open a space for speculative reflection that allows to produce a better and more appropriate knowledge of these objects and the historical period that produced them. It is also one of the main objectives to reflect on strategies and communication tools for better knowledge of modern pewter objects in today's society. In addition, it is intended to demonstrate the potential of a contribution of the scientific area of Art History to the theme of pewter objects, in addition to valuing and legitimizing the values of the practical application of this area in interdisciplinary projects.

Keywords: Shipwreck; pewter objects; brass objects; Modern Era; Belinho (Esposende).

Índice de Imagens

IMAGEM 1. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0089. DIÂMETRO MÁXIMO: 24 CM; DIÂMETRO INTERNO: 13 CM; LARGURA DA ABA: 5.3 CM; PESO: 620 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0089.IM (1). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	48
IMAGEM 2. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0074. DIÂMETRO MÁXIMO: 22 CM; DIÂMETRO INTERNO: 14.6 CM; LARGURA DA ABA: 3.5 CM; PESO: 475 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0074.IM (7). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	49
IMAGEM 3. UMA OFICINA DE ESTANHO REPRESENTADA NA ENCICLOPÉDIA DE DIDEROT, PUBLICADA ENTRE 1751-1765. FONTE: NORTH, 1999: 12.	51
IMAGEM 4. ESQUEMA COM A INFORMAÇÃO CONSEGUIDA ATRAVÉS DA LEITURA DA BIBLIOGRAFIA SOBRE PRATOS. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.	53
IMAGEM 5. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0146. DIÂMETRO MÁXIMO: 18.2 CM; DIÂMETRO INTERNO: 9 CM; LARGURA DA ABA: 4.2 CM; PESO: 297 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0146.IM (3). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	54
IMAGEM 6. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0207. DIÂMETRO MÁXIMO: 19.6 CM; DIÂMETRO INTERNO: 9.6 CM; LARGURA DA ABA: 5 CM; PESO: 338 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0207.IM (8). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	54
IMAGEM 7. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0074. DIÂMETRO MÁXIMO: 22 CM; DIÂMETRO INTERNO: 14.6 CM; LARGURA DA ABA: 3.5 CM; PESO: 475 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0074.IM (7). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	55
IMAGEM 8. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0075. DIÂMETRO MÁXIMO: 22.3 CM; DIÂMETRO INTERNO: 14.5 CM; LARGURA DA ABA: 3.8 CM; PESO: 436 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0075.IM (7). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	56
IMAGEM 9. PORMENOR DA FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0075. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0075.IM (5). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	58
IMAGEM 10. PORMENOR DA FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0075. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0075.IM (7). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	58
IMAGEM 11. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE OBJETOS DO SÉCULO XV E XVI MUSEALIZADOS FORMALMENTE SEMELHANTES AOS PRATOS EM ESTUDO. FONTE: ELABORAÇÃO DA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO. ...	62
IMAGEM 12. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE OBJETOS DO SÉCULO XVII MUSEALIZADOS FORMALMENTE SEMELHANTES AOS PRATOS EM ESTUDO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.....	63

IMAGEM 13. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE OBJETOS DO SÉCULO XVIII E XIX MUSEALIZADOS FORMALMENTE SEMELHANTES AOS PRATOS EM ESTUDO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.	63
IMAGEM 14. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE IMAGENS DO SÉCULO XV QUE INCLUEM A REPRESENTAÇÃO DE OBJETOS FORMALMENTE SEMELHANTES AOS PRATOS EM ESTUDO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.	64
IMAGEM 15. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE IMAGENS DO SÉCULO XVI QUE INCLUEM A REPRESENTAÇÃO DE OBJETOS FORMALMENTE SEMELHANTES AOS PRATOS EM ESTUDO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.	64
IMAGEM 16. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE IMAGENS DO SÉCULO XVII ATÉ AO XIX QUE INCLUEM A REPRESENTAÇÃO DE OBJETOS FORMALMENTE SEMELHANTES AOS PRATOS EM ESTUDO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.....	65
IMAGEM 17. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0324. DIÂMETRO MÁXIMO: 21.5 CM; DIÂMETRO INTERNO: 13.5 CM; LARGURA DA ABA: 4 CM; PESO: 414 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0324.IM (6). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	70
IMAGEM 18. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0416. DIÂMETRO MÁXIMO: 21.3 CM; DIÂMETRO INTERNO: 13.1 CM; LARGURA DA ABA: 4 CM; PESO: 401 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0416.IM (1). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	71
IMAGEM 19. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0006. DIÂMETRO DO COVO: 14.4 CM; LARGURA DA ABA: 6 CM; PESO: 366 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0006.IM (8). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.....	73
IMAGEM 20. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0006. DIÂMETRO DO COVO: 14.4 CM; LARGURA DA ABA: 6 CM; PESO: 366 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0006.IM (10). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.....	73
IMAGEM 21. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0337. DIÂMETRO DO COVO: 16.5 CM; LARGURA DA ABA: 3 CM; PESO: 416 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0337.IM (8). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.....	73
IMAGEM 22. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0337. DIÂMETRO DO COVO: 16.5 CM; LARGURA DA ABA: 3 CM; PESO: 416 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0337.IM (13). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.....	74
IMAGEM 23. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0408. COMPRIMENTO: 17.1 CM; LARGURA: 11.2 CM; PESO: 408 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0408.IM (4). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	74

IMAGEM 24. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0408. COMPRIMENTO: 17.1 CM; LARGURA: 11.2 CM; PESO: 408 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0408.IM (7). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	75
IMAGEM 25. ESQUEMA COM A INFORMAÇÃO CONSEGUIDA ATRAVÉS DA LEITURA DA BIBLIOGRAFIA SOBRE ESCUDELAS. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.....	76
IMAGEM 26. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE OBJETOS MUSEALIZADOS E DE IMAGENS COM REPRESENTAÇÕES DE OBJETOS FORMALMENTE SEMELHANTES ÀS ESCUDELAS EM ESTUDO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.....	80
IMAGEM 27. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0717. COMPRIMENTO: 15 CM; COMPRIMENTO DA CONCHA: 6 CM; LARGURA DA CONCHA: 6.5 CM; COMPRIMENTO DA HASTE E DO REMATE: 9 CM; PESO: 27 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0717.IM (6). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.....	83
IMAGEM 28. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0715. COMPRIMENTO: 6.2 CM; LARGURA: 5 CM; PESO: 21 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0715.IM (7). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.....	84
IMAGEM 29. ESQUEMA COM A INFORMAÇÃO CONSEGUIDA ATRAVÉS DA LEITURA DA BIBLIOGRAFIA SOBRE COLHERES. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.....	85
IMAGEM 30. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE OBJETOS MUSEALIZADOS E DE IMAGENS COM REPRESENTAÇÕES DE OBJETOS FORMALMENTE SEMELHANTES À COLHER EM ESTUDO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.....	90
IMAGEM 31. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0347. ALTURA: 14.5 CM; COMPRIMENTO DA ABA: 14.7 CM; PESO DO BACIO: 1163 G; PESO DA ASA: 152 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0347.IM (4). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	93
IMAGEM 32. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0347 A SER SEGURADO, REPRESENTANDO A SUA DIMENSÃO EM RELAÇÃO À ESCALA HUMANA.	93
IMAGEM 33. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE OBJETOS MUSEALIZADOS E DE IMAGENS COM REPRESENTAÇÕES DE OBJETOS FORMALMENTE SEMELHANTES AO BACIO EM ESTUDO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.	94
IMAGEM 34. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0514. COMPRIMENTO: 2.8 CM; LARGURA: 2 CM; PESO 3 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0514.IM (3). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.....	96

IMAGEM 35. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0514. COMPRIMENTO: 2.8 CM; LARGURA: 2 CM; PESO 3G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0514.IM (4). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.....	96
IMAGEM 36. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0716. DIÂMETRO: 7.2 CM; ALTURA: 3.5 CM; PESO: 304 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0716.IM (15). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.....	98
IMAGEM 37. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0716. DIÂMETRO: 7.2 CM; ALTURA: 3.5 CM; PESO: 304 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0716.IM (6). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.....	98
IMAGEM 38. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0716. DIÂMETRO: 7.2 CM; ALTURA: 3.5 CM; PESO: 304 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0716.IM (9). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.....	99
IMAGEM 39. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0722. COMPRIMENTO: 19 CM; LARGURA: 12 CM; ESPESSURA: 1 MM; PESO: 229 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0722.IM (5). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	100
IMAGEM 40. ESQUEMA COM A INFORMAÇÃO CONSEGUIDA ATRAVÉS DA LEITURA DA BIBLIOGRAFIA SOBRE MARCAS NO ESTANHO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.	108
IMAGEM 41. PORMENOR DE UMA FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0074. COMPRIMENTO DA MARCA: 9 MM; LARGURA DA MARCA: 5 MM. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0074.IM (10). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	109
IMAGEM 42. PORMENOR DE UMA FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0009. COMPRIMENTO DA MARCA: 16 MM; LARGURA DA MARCA: 11 MM. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0009.IM (8). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.....	110
IMAGEM 43. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE REPRESENTAÇÕES DE MARCAS DO MARTELO COROADO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.....	111
IMAGEM 44. PORMENOR DE UMA FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0091. COMPRIMENTO DA MARCA: 8 MM; LARGURA DA MARCA: 7 MM. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0091.IM (12). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	113
IMAGEM 45. MARCA PRESENTE NUM PRATO INGLÊS, DATADO DE 1490 A 1530. FONTE: NEISH, RICKETTS, 2018: 39.	114
IMAGEM 46. PORMENOR DE UMA FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0188. COMPRIMENTO DA MARCA: 8 MM; LARGURA DA MARCA: 8 MM. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0188.IM (6). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	114

IMAGEM 47. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE REPRESENTAÇÕES DE MARCAS DA ROSA COROADA. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.....	117
IMAGEM 48. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0018. COMPRIMENTO: 41.8 CM; LARGURA: 29.5 CM; DIÂMETRO INTERNO: 26.2 CM; LARGURA DA ABA: 5 CM; PESO: 1018 G. INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0018.IM (1). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	123
IMAGEM 49. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0032. COMPRIMENTO: 34 CM; LARGURA: 29 CM; DIÂMETRO INTERNO: 22 CM; LARGURA DA ABA: 5.5 CM; PESO: 595 G. INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0032.IM (1). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	123
IMAGEM 50. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0349. COMPRIMENTO: 43 CM; LARGURA: 29 CM; DIÂMETRO INTERNO: 22.5 CM; LARGURA DA ABA: 5.5 CM; PESO: 1182 G. INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0349.IM (1). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	124
IMAGEM 51. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0277. DIÂMETRO MÁXIMO: 35 CM; DIÂMETRO INTERNO: 24 CM; LARGURA DA ABA: 3.2 CM; PESO: 693 G. INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0277.IM (6). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	124
IMAGEM 52. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0278. DIÂMETRO MÁXIMO: 36.5 CM; DIÂMETRO INTERNO: 22 CM; LARGURA DA ABA: 6 CM; PESO: 714 G. INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0278.IM (1). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	125
IMAGEM 53. <i>DISH</i> . PRODUÇÃO ALEMÃ, DO INÍCIO DO SÉCULO XVI. LATÃO, 41.9 X 4 CM. FONTE: < HTTPS://WWW.METMUSEUM.ORG/ART/COLLECTION/SEARCH/467531?AO=ON&FT=BRASS+DISH&OFFSET=40&RPP=40&POS=46 >.....	128
IMAGEM 54. <i>DISH</i> . PRODUÇÃO ALEMÃ, DO INÍCIO DO SÉCULO XVI. LATÃO, 38.6 CM DE DIÂMETRO. FONTE: < HTTPS://COLLECTIONS.VAM.AC.UK/ITEM/O87648/DISH-UNKNOWN/ >.....	129
IMAGEM 55. <i>SCHAAL MET H. JORIS EN DE DRAAK</i> . PRODUÇÃO ALEMÃ, POSSIVELMENTE DE NUREMBERGA, DO SÉCULO XVI. LATÃO, 47.5 CM DE DIÂMETRO E 4 CM DE PROFUNDIDADE. FONTE: < HTTPS://WWW.RIJKSMUSEUM.NL/EN/COLLECTION/BK-NM-11682 >.	130
IMAGEM 56. <i>SCHOTEL MET H. JORIS EN DE DRAAK</i> . PRODUÇÃO ALEMÃ, POSSIVELMENTE DE NUREMBERGA, DO SÉCULO XVI. LATÃO, 40 CM DE DIÂMETRO E 4.5 CM DE PROFUNDIDADE. FONTE: < HTTPS://WWW.RIJKSMUSEUM.NL/EN/COLLECTION/BK-NM-11683 >.	130
IMAGEM 57. <i>DISH</i> . PRODUÇÃO ALEMÃ, DO INÍCIO DO SÉCULO XVI. LATÃO, 38.1 X 4.4 CM. FONTE: < HTTPS://WWW.METMUSEUM.ORG/ART/COLLECTION/SEARCH/467538?AO=ON&FT=BRASS+DISH&OFFSET=0&RPP=40&POS=38 >.....	131

IMAGEM 58. <i>DISH</i> . PRODUÇÃO ALEMÃ, DO INÍCIO DO SÉCULO XVI. LATÃO, 38.7 x 4.6 CM. FONTE: < HTTPS://WWW.METMUSEUM.ORG/ART/COLLECTION/SEARCH/467539?AO=ON&FT=BRASS+DISH&OFFSET=40&RPP=40&POS=42 >.....	132
IMAGEM 59. <i>BEKKEN MET ADAM EN EVA</i> . PRODUÇÃO ALEMÃ, POSSIVELMENTE DE NUREMBERGA, DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVI. LATÃO, 46 CM DE DIÂMETRO E 6.5 CM DE PROFUNDIDADE. FONTE: < HTTPS://WWW.RIJKSMUSEUM.NL/EN/COLLECTION/BK-NM-2450 >.	132
IMAGEM 60. <i>PLAT: ADAM ET EVE</i> . PRODUÇÃO ALEMÃ, DO SÉCULO XVI. LATÃO, 38 CM DE DIÂMETRO E 5 CM DE PROFUNDIDADE. FONTE: < HTTPS://COLLECTIONS.LOUVRE.FR/ARK:/53355/CL010111165 >.	133
IMAGEM 61. ESQUEMA COM A INFORMAÇÃO CONSEGUIDA ATRAVÉS DA LEITURA DA BIBLIOGRAFIA SOBRE BACIAS DE LATÃO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.....	136
IMAGEM 62. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE OBJETOS DO SÉCULO XV E INÍCIO DO SÉCULO XVI MUSEALIZADOS FORMALMENTE SEMELHANTES ÀS BACIAS EM ESTUDO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.....	136
IMAGEM 63. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE OBJETOS DOS SÉCULOS XVI E XVII MUSEALIZADOS FORMALMENTE SEMELHANTES ÀS BACIAS EM ESTUDO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.....	137
IMAGEM 64. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE IMAGENS DOS SÉCULOS XV ATÉ AO XX QUE INCLUEM A REPRESENTAÇÃO DE OBJETOS FORMALMENTE SEMELHANTES ÀS BACIAS EM ESTUDO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.....	138
IMAGEM 65. PORMENOR DE «MESA DE LOS PECADOS CAPITALES», EL BOSCO, 1505-1510. DISPONÍVEL EM < HTTPS://WWW.MUSEODELPRAO.ES/EN/THE-COLLECTION/ART-WORK/TABLE-OF-THE-SEVEN-DEADLY-SINS/3F0A84E-D77D-4217-B960-8A34B8873B70 >.....	139
IMAGEM 66. PORMENOR DE «MESA DE LOS PECADOS CAPITALES», EL BOSCO, 1505-1510. DISPONÍVEL EM < HTTPS://WWW.MUSEODELPRAO.ES/EN/THE-COLLECTION/ART-WORK/TABLE-OF-THE-SEVEN-DEADLY-SINS/3F0A84E-D77D-4217-B960-8A34B8873B70 >.....	139
IMAGEM 67. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0343. COMPRIMENTO: 25 CM; LARGURA: 12 CM; PROFUNDIDADE DA BASE: 6 CM; PROFUNDIDADE DO BOCAL: 4.5 CM; PESO: 447 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0343.IM (1). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	144
IMAGEM 68. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0490. COMPRIMENTO: 25 CM; LARGURA: 9 CM; COMPRIMENTO DA BASE: 7 CM; COMPRIMENTO DO BOCAL: 4.7 CM; PESO: 552 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0490.IM (1). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	144

IMAGEM 69. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0762. COMPRIMENTO: 16 CM; LARGURA: 3.5 CM; COMPRIMENTO DO BOCAL: 4.5 CM; PESO: 311 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0762.IM (6). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	145
IMAGEM 70. ESQUEMA COM A INFORMAÇÃO CONSEGUIDA ATRAVÉS DA LEITURA DA BIBLIOGRAFIA SOBRE CASTIÇAS DE LATÃO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.....	146
IMAGEM 71. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE OBJETOS DO SÉCULO XV E INÍCIO DO SÉCULO XVIII MUSEALIZADOS FORMALMENTE SEMELHANTES AOS CASTIÇAS EM ESTUDO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.	148
IMAGEM 72. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE IMAGENS DOS SÉCULOS XV ATÉ AO XVIII QUE INCLUEM A REPRESENTAÇÃO DE OBJETOS FORMALMENTE SEMELHANTES AOS CASTIÇAS EM ESTUDO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.....	149
IMAGEM 73. <i>VANITAS STILL-LIFE</i> , BARTHEL BRUYN, O VELHO (1493-1555). DISPONÍVEL EM < HTTPS://WWW.WGA.HU/FRAMES-E.HTML?/HTML/B/BRUYN/ELDER/VANITAS.HTML >.....	150
IMAGEM 74. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0470. ALTURA: 20.5 CM; DIÂMETRO DA ENTRADA: 10 CM; DIÂMETRO DA BASE: 10 CM; PESO: 1645 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0470.IM (2). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	152
IMAGEM 75. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0470. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0470.IM (7). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	152
IMAGEM 76. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0470. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0470.IM (6). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	153
IMAGEM 77. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0532. COMPRIMENTO: 3 CM; LARGURA: 2.7 CM; ESPESSURA: 4 CM; PESO: 8 G. NÚMERO DE INVENTÁRIO FOTOGRÁFICO: ME.ARQ.SUB.0532.IM (7). FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	155
IMAGEM 78. ESQUEMA COM O LEVANTAMENTO DE OBJETOS MUSEALIZADOS E DE REPRESENTAÇÕES DE OBJETOS FORMALMENTE SEMELHANTES À FIVELA EM ESTUDO. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA, NA PLATAFORMA EM-LINHA MIRO.....	156
IMAGEM 79. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0009, EXEMPLIFICANDO O MÉTODO DE MEDIÇÃO APLICADO A OBJETOS DE FORMA MUITO IRREGULAR. FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	163
IMAGEM 80. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0022, EXEMPLIFICANDO O MÉTODO DE MEDIÇÃO APLICADO A OBJETOS DE FORMA MUITO IRREGULAR. FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	163
IMAGEM 81. FOTOGRAFIA DO OBJETO ME.ARQ.SUB.0624, EXEMPLIFICANDO O MÉTODO DE MEDIÇÃO APLICADO A OBJETOS DE FORMA MUITO IRREGULAR. FONTE: FOTOGRAFIA DA AUTORA.	164

IMAGEM 82. FOTOGRAFIA DE UMA DAS COMUNICAÇÕES NA ESCOLA BÁSICA ANTÓNIO RODRIGUES SAMPAIO.

FONTE: FOTOGRAFIA DE ANA CAMEZ..... 166

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1. CONTAGEM DE OBJETOS INVENTARIADOS, DIVIDIDOS POR MATERIAL. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA.....46

GRÁFICO 2. CONTAGEM DE OBJETOS DE ESTANHO INVENTARIADOS, DIVIDIDOS POR TIPOLOGIA. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA.....47

GRÁFICO 3. CONTAGEM DOS PRATOS COMPLETOS INVENTARIADOS, DE DIÂMETRO ENTRE 18 E 28 CENTÍMETROS, DIVIDIDOS SEGUNDO AS SUAS CARACTERÍSTICAS FORMAIS. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA.....50

GRÁFICO 4. CONTAGEM DOS PRATOS COMPLETOS INVENTARIADOS, DE DIÂMETRO ENTRE 28 E 46 CENTÍMETROS, DIVIDIDOS SEGUNDO AS SUAS CARACTERÍSTICAS FORMAIS. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA.....50

GRÁFICO 5. CONTAGEM DAS MARCAS ACHADAS EM PRATOS, DIVIDIDAS POR TIPOLOGIA. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA..... 101

GRÁFICO 6. RELAÇÃO ENTRE A TIPOLOGIA DOS PRATOS E A MARCA DO MARTELO COROADO LADEADO POR DUAS LETRAS. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA. 111

GRÁFICO 7. RELAÇÃO ENTRE A TIPOLOGIA DOS PRATOS E A MARCA DA POSSÍVEL ROSA COROADA. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA..... 116

GRÁFICO 8. CONTAGEM DE OBJETOS INVENTARIADOS, DIVIDIDOS POR MATERIAL. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA..... 119

GRÁFICO 9. CONTAGEM DE OBJETOS DE LATÃO E DE COBRE INVENTARIADOS, DIVIDIDOS POR TIPOLOGIA. FONTE: ELABORAÇÃO DA AUTORA..... 120

Lista de abreviaturas e siglas

CISL CENTRO INTERPRETATIVO DE SÃO LOURENÇO

DGPC DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL

Introdução

No inverno de 2014, após sucessivas tempestades, um importante conjunto de madeiras, de objetos de metal, concreções ferrosas e pelouros em pedra foram arrojados à costa da praia de Belinho, em Esposende. Nos anos seguintes, mais tempestades levaram a outros arrojamentos semelhantes. Desde então, o património local de Esposende enriqueceu com estes tão importantes achados, provenientes de um naufrágio que terá ocorrido naquela zona há centenas de anos. Nos últimos anos, o município tem desenvolvido vários esforços no sentido de compreender, salvaguardar, divulgar e valorizar estes objetos patrimoniais.

Entre os achados, destacam-se, em número, os objetos de estanho. Estes foram muito valorizados ao longo da nossa história nacional e europeia, uma vez que, durante séculos, até à Época Contemporânea, objetos de estanho estavam presentes no quotidiano de qualquer casa que tivesse os meios suficientes para os adquirir¹. Contudo, deparamo-nos com um âmbito temático muito pouco explorado, no contexto científico português. Semelhante ao achado de Belinho, a nível nacional, destaca-se o achado de São Julião da Barra, nos anos 90. Portugal enriqueceu com estes dois achados que contam com um numeroso espólio de objetos em estanho antigos. Apesar de haver muitos objetos de estanho preservados de geração em geração, são escassos os objetos anteriores a 1600², uma vez que era comum a matéria ser fundida, para produção de um novo objeto³, os objetos serem remodelados e atualizados aos novos gostos e estilos⁴, ou simplesmente descartados⁵. Neste sentido, valoriza-se intensamente estes dois achados por possibilitarem o estudo de objetos intocados, durante séculos.

Entende-se que o domínio do estanho entre os objetos do quotidiano da Época Moderna, apesar de existir desde a Antiguidade, floresceu extraordinariamente nos séculos XVI ao XVIII, em substituição da madeira, da pedra e dos materiais orgânicos,

¹ Cf. REDMAN, 1903: 8.

² Cf. NORTH, 1999: 10, 33.

³ Cf. GOTEIPE-MILLER, 1990: 8, NORTH, 1999: 10, 33.

⁴ Cf. BURGESS, 1921: 61.

⁵ Cf. GOTEIPE-MILLER, 1990: 8.

como o osso, uma vez que o estanho é um material mais higiênico⁶. Inicialmente, nas casas das classes mais altas⁷ e, a partir de meados do século XVI, chegando às famílias de classe inferior⁸, objetos de estanho eram tidos como uma necessidade e não tanto um luxo⁹, daí a simplicidade das suas formas. A predominância do estanho nestes usos retrocedeu com a proliferação dos objetos em faiança, porcelana e vidro¹⁰.

As peças de estanho influenciaram a cultura visual de um tempo alargado, por estarem tão presentes diariamente e por a sua utilização ser diária. Naturalmente, os artistas destas cronologias escolhem integrar nas suas obras objetos de estanho, o que nos leva a inferir sobre o valor que lhes era atribuído social e antropologicamente, além da sua utilidade prática, ao longo dos séculos. Os objetos do quotidiano são, também, um reflexo do seu tempo e espelham a evolução da forma, das técnicas, dos usos e do valor que lhes era atribuído, além de traduzirem o dia-a-dia de uma sociedade. Quando estes objetos não estão incorporados no seu tempo, não deixam de ser valorizados. Pelo contrário, suscitam interesse, podendo despertar o reconhecimento de valores artísticos e patrimoniais. Note-se que é admirável a influência que estes objetos têm na sociedade contemporânea, espelhada no desenvolvimento de uma prática de colecionismo centrada em objetos de estanho que está ainda muito presente nos dias de hoje a nível internacional.

1.1. Justificação do tema

A opção pelo tema em estudo considera-se justificada pela necessidade de contribuir com perspetivas inovadoras, no âmbito da História da Arte, dos Estudos do Património e da Cultura Visual, para a investigação já produzida pela equipa de investigação de Belinho 1. Propôs-se gerar conhecimento científico, a partir da observação e do estudo dos objetos, e contribuir para a construção de uma narrativa

⁶ Cf. GOTEIPE-MILLER, 1990: 10; NORTH, 1999: 54.

⁷ Cf. MASSÉ, 1910: 66.

⁸ Cf. MASSÉ, 1999: 94; GOTEIPE-MILLER, 1990: 10; NORTH, 1999: 27; WEINSTEIN, 2011: 61, 76-77, 78.

⁹ Cf. GOTEIPE-MILLER, 1990: 10.

¹⁰ Cf. GOTEIPE-MILLER, 1990: 11.

comunicativa para divulgação desse mesmo conhecimento, adaptada aos interesses da comunidade e da entidade acolhedora do estágio.

Primeiramente, uma reflexão sobre o enquadramento científico do Estudo dos Objetos e do Estudo dos Metais permite justificar a pertinência de uma investigação centrada nos objetos de estanho achados em Belinho 1. A nível nacional, percebe-se uma grande falta de entusiasmo científico pelo estudo de objetos do quotidiano produzidos em estanho. Tanto a nível académico, como a nível museológico, não existe a necessária divulgação de conhecimento sobre objetos deste material. A nível internacional, também se poderia deduzir uma semelhante reflexão, porém é necessário ter em conta algumas especificidades.

No âmbito da ação de levantamento bibliográfico, compreendeu-se que o maior recurso de conhecimento e estudo para a realização da presente investigação é produzida no Reino Unido, principalmente graças às instituições *The Pewter Society*¹¹ e *Pewterbank*¹², motoras de uma produção e de uma divulgação de conhecimento em grande escala. As suas publicações são direcionadas a colecionadores, o que, desde já, leva a que se entenda a prática do colecionismo de objetos de estanho como um impulso para a produção e divulgação de conhecimento. Não obstante, denota-se, mesmo neste contexto geográfico, uma falta de atenção para os objetos de estanho por parte dos equipamentos museológicos. Cite-se, como exemplo, o caso do *Victoria and Albert Museum*, incontornável para uma investigação centrada no estudo das Artes Decorativas. Após uma pesquisa na sua base de dados em-linha, constatou-se que várias fichas relativas a objetos de estanho apresentam muita pouca informação acerca do objeto, não excedendo, às vezes, uma superficial análise técnica e formal e a datação relativa do mesmo, e sem incluir, em muitos dos casos, reflexões acerca da origem geográfica, das marcas ou inscrições que o objeto possui e do seu valor funcional. Para além disso, um considerável número de fichas não inclui uma imagem da peça em causa.

¹¹ Vide <https://www.pewtersociety.org/>.

¹² Vide <https://pewterbank.co.uk/>.

Uma semelhante reflexão poderá ser dirigida a outros museus como o *London Museum*, o *The British Museum*, o *Louvre*, o *Rijksmuseum*, entre outros.

Neste sentido, compreende-se a necessidade de uma investigação centrada em peças de estanho, na tentativa de marcar um novo incentivo, dirigido a um objeto de estudo francamente muito pouco explorado a nível nacional. No esforço de dar resposta às atuais necessidades científicas, projetou-se uma investigação que não só produzirá conhecimento formal e técnico acerca dos objetos de estanho de Belinho 1, como também abordará a componente antropológica e sociológica dos mesmos, refletindo sobre as abrangências geográfica, cronológica e funcional possíveis, partindo sempre da sua observação e da sua contextualização.

Para além disso, o interesse da instituição acolhedora do estágio pela produção e pela divulgação de conhecimento científico relativo aos seus objetos de estanho, em torno do olhar e da perspetiva da História da Arte, dos Estudos Patrimoniais e da Cultura Visual, vai de encontro com os nossos interesses, acrescentando a oportunidade para criar uma narrativa de comunicação dos objetos em estudo, a partir das conclusões e reflexões que despontam do decorrer da investigação. Estas reflexões de natureza comunicativa são também pertinentes, pois poderão contribuir para o interesse de equipamentos museológicos com objetos de quotidiano produzidos em estanho e, consequentemente, promover a sua exposição e divulgação.

O primeiro contacto com o tema deu-se no âmbito de duas unidades curriculares do primeiro ano de Mestrado: *Artes Aplicadas: Técnicas, Formas e Funções*, que promove novos olhares em torno do estudo dos objetos, e *Metodologia de projeto e de investigação I*, na qual se analisa e se cultiva possibilidades temáticas e metodológicas de investigação. Neste sentido, o percurso para a definição do âmbito de estudo e para a delimitação do tema começou a ganhar forma desde o início do ano letivo 2021/2022. Nesse momento, entendeu-se enveredar pela componente de estágio curricular, de modo a garantir um contacto direto com a equipa de investigação de Belinho 1, sediada no Centro Interpretativo de São Lourenço [CISL] e com os objetos em estudo, a maioria deles em reserva no equipamento museológico supramencionado. A instituição acolheu o estágio de 350h, realizado entre 19 de setembro de 2022 e 1 de março de 2023.

1.2. Estado da Arte

Os estudos desenvolvidos a nível nacional sobre objetos de estanho são em número muito reduzido. Apesar de se atribuir alguma atenção ao estanho enquanto material de produção numa perspetiva dos estudos industriais, da física e da química, quase não existe produção literária sobre a componente humana dos objetos de estanho sob as perspetivas da História da Arte, do Património e da Cultura Visual. Reconhece-se, assim, uma urgente necessidade de se desenvolver estudos focados nos objetos feitos neste material, relacionando a sua contextualização histórica com as formas e as funções destes objetos e do seu valor social. A publicação de VAN ZELLER, 1985 é única, no sentido em que, tratando os objetos de estanho a nível formal, técnico e funcional, a partir da observação, descrição e contextualização, reúne num só texto variada informação sobre os diferentes subtemas que o estudo do estanho poderá desencadear. No entanto, este documento não motivou suficientemente o desenvolvimento deste âmbito temático no contexto científico português, apesar de clarificar o potencial que este assunto tem e a falta de produção científica que se reconhece. O autor expõe que

«Apesar de existirem alguns trabalhos sobre a louça de estanho portuguesa publicados em várias revistas, a sua história encontra-se por fazer. Poucos são os artífices conhecidos, assim como diminutas as informações sobre os locais onde trabalharam, as cidades que possuíram marcas ou punções e principalmente a forma que tiveram os objetos. [...] Mas todos estes elementos e alguns mais, espalhados por numerosos documentos, não nos elucidam sobre a arte em si, isto é, sobre a forma como eram fabricados os moldes, quais os formatos da louça de estanho e principalmente a nomenclatura das variadíssimas peças.» (VAN ZELLER, 1985: 13-14)

Apesar de escassear bibliografia que desenvolva o estudo de objetos de estanho, existem algumas publicações específicas sobre as peças de Belinho 1, produzida pela equipa que investiga este achado. Contudo, o âmbito destas publicações não se

particulariza nos objetos de estanho, abordando, de forma mais geral, a totalidade das tipologias e dos materiais do achado de Belinho. Para além disso, não se focam profundamente nas questões artísticas e sociológicas dos objetos achados, optando-se por desenvolver o contexto do achado, as metodologias de intervenção, a embarcação naufragada e todo o espólio associado sob a perspetiva da Arqueologia. Não obstante, a consulta destas publicações foi fundamental para se compreender a informação já produzida sobre a coleção em geral. Desta consulta, os artigos CASTRO, 2015; ALMEIDA *et al*, 2017, 2022 e MARTINS; CASTRO; NAYLING, 2017 destacam-se das restantes publicações no que toca à revisão literária necessária para o cumprimento dos objetivos do nosso estágio e da nossa investigação.

Com o objetivo de construir uma metodologia de análise de objetos de metal produzidos durante a Época Moderna, consultou-se as obras de SOUSA, 1997, 2010 e MARTINS, 2010. Esta leitura foi fundamental, pois as três publicações exploram o ofício do trabalho em metal, os processos de fabrico, as técnicas comumente empregadas e os usos funcionais, sociais e simbólicos dos objetos. No caso de MARTINS (2010), a autora centra-se especificamente no estudo dos pratos e das bacias de latão, porém SOUSA (1997, 2010) trata um muito mais amplo leque de tipologias de objetos e materiais.

Aquando do levantamento de bibliografia enquadrada no âmbito do Estudo dos Objetos, reconheceu-se que não há abundância de estudo de peças executadas em metal, privilegiando-se outros materiais, especialmente a cerâmica. Daí que as publicações de Tânia CASIMIRO (2018, 2019, 2020) e de Carlos BOAVIDA (2009, 2011, 2016, 2017a, 2017b, 2017c) consultadas podem esclarecer, de forma muito geral, as tipologias de objetos mais comuns e os seus usos na Idade Moderna, porém não dão resposta às especificidades associadas aos objetos de metal.

A bibliografia imprescindível para o estudo dos objetivos de estágio e da investigação concentra-se especificamente nos objetos do quotidiano da Idade Moderna produzidos em estanho. Tendo em conta o que foi dito acerca do enquadramento teórico a nível nacional, necessariamente teve de se optar pela leitura de publicações internacionais. Neste sentido, detetaram-se trabalhos de duas

naturezas. Primeiramente, as obras que, de forma mais ou menos geral, desenvolvem um variado conhecimento sobre as diferentes tipologias de objetos de estanho, ao longo do tempo. Em segundo, levantaram-se estudos sobre achados de embarcações modernas naufragadas, cujo espólio contava com um grande número de objetos produzidos em estanho descobertos em contexto semelhante ao achado de Belinho.

Por razões já mencionadas no subcapítulo «Justificação do tema», o país que mais produz e divulga conhecimento sobre objetos de estanho é Inglaterra e, por essa razão, a maior parte das obras consultadas sobre este campo de estudos são inglesas. Para além disso, o inglês não é um obstáculo linguístico, ao contrário do alemão, do neerlandês e do francês, que, apesar de serem contextos com potencial para a produção de estudos sobre objetos de estanho, limitaram imensamente o processo de levantamento bibliográfico. Neste sentido, tomaram-se essenciais os estudos de REDMAN, 1903; BELL, 1906; MASSÉ, 1910, 1915, 1921; BURGESS, 1921; GOTEIPE-MILLER, 1990; WEINSTEIN, 2011. Estes autores construíram uma muito clara imagem sobre a produção de objetos de estanho; as tipologias e as formas a encontrar; o seu valor social, tanto enquanto objeto funcional, como enquanto objeto colecionável; o seu valor económico; os seus usos e possíveis funções e a sua muito valorizada presença no quotidiano ao longo do tempo. Independentemente da coletânea acima citada se concentrar no estanho inglês e no estanho inglês exportado para as colónias americanas, muita da informação poderá ser válida para os objetos de estanho achados em contexto português, principalmente se se tiver em conta que Inglaterra era dos maiores centros produtores e exportadores de estanho¹³ e que a Península Ibérica era um dos maiores importadores do estanho inglês até ao final do século XVI¹⁴.

No seguimento do levantamento das publicações acima enumeradas, detetou-se duas publicações periódicas que, centrando-se unicamente no estudo de objetos de estanho, principalmente ingleses e norte-americanos, condensam muita e variada informação dentro um amplo leque temático, metodológico e cronológico. Trata-se de

¹³ Cf. WEINSTEIN, 2011: 44, 160; ROBERTS, 2012: 14; ROBERTS, 2013: 47; SOULAT, BRY, 2019: 95.

¹⁴ Cf. WEINSTEIN, 2011: 72, 139, 154; ROBERTS, 2012: 14.

The Pewter Society's Journal e The Bulletin – The Pewter Collectors Club Of America Inc.

Note-se que os artigos que integram estes periódicos são redigidos pelos membros das duas sociedades que, pelo que se entende, são, na sua maioria, colecionadores e amadores de estanho. Aproveita-se para ressaltar a importância do colecionismo para a produção e divulgação de conhecimento, tomando-se esta atividade como o principal motor do estudo destas peças.

No âmbito dos achados de espólios de objetos de estanho, naufragados ou escavados, merece menção WADLEY, 1985; GOTEIPE-MILLER, 1987, 1990; CASTRO, 2000; BRIGADIER, 2002; WEINSTEIN, 2011 e ROBERTS, 2013. Somente o relatório de Filipe Castro trata de um achado português, originário de uma embarcação naufragada em São Julião da Barra, Lisboa, que conta com um numeroso espólio produzido em estanho. Infelizmente, os autores não deram ainda continuidade ao estudo dos objetos de estanho encontrados. No caso de Weinstein e Gotelipe-Miller, não se conhece mais nenhuma publicação. Sabe-se que Roberts terá publicado um artigo, em 2014, sobre este tema, porém não se conseguiu acesso ao mesmo, devido ao facto de integrar uma publicação periódica de *The Pewter Society*, a qual exige a sua compra para se poder consultar. Apesar de se ter avançado com um pedido ao autor para se aceder ao artigo, a autorização não nos foi concedida. Por fim, também Filipe Castro não deu continuidade ao estudo destes objetos, passando a eleger o estudo das estruturas das embarcações. Contudo, verificou-se que o autor colaborou com uma estudante universitária no estudo do achado de São Julião, resultando dessa cooperação a dissertação de BRIGADIER (2002). Outro aspeto a mencionar sobre o autor Filipe Castro é que este integra a equipa de investigação dos objetos achados em Belinho 1, porém a sua contribuição concentra-se nas madeiras estruturantes da embarcação e não no espólio que esta transportava.

Com um menor contributo para a nossa investigação, consultou-se ARNOLD (1978), também um relatório sobre achados de embarcações naufragadas e dos seus espólios, porém conta com poucos objetos produzidos em estanho, tratando-se estes de uma minoria, comparativamente aos restantes materiais encontrados.

Apesar de se conhecer as seguintes obras, infelizmente, estas não podem ser acrescentadas à lista de publicações centradas em achados de naufrágios cujo espólio de estanho é considerável, uma vez que não se conseguiu garantir o seu acesso. Trata-se de MARTIN, Colin (1975). *Full fathom five: wrecks of the Spanish Armada*. Nova Iorque: Viking Press; BRUSETH, James; TURNER, Toni (2005). *From a watery grave: the discovery and excavation of La Salle's shipwreck, La Belle*. Texas A & M University; BRUSETH, James; BARR, Juliana (2014). *La Belle: the ship that changed history*. Texas A & M University Press; RAY, Eric; JONES, Bradford; BORGES, Amy; BRUSETH, James (2017). *La Belle: The Archaeology of a Seventeenth-Century Vessel of New World Colonization*. Texas A & M University Press: College Station.

Para além das monografias, teses, artigos científicos e publicações periódicas e coletivas mencionadas, foram levantados inventários ou catálogos de objetos de estanho. Neste sentido, cita-se GADD; RICHARDSON; BOORER, 2000; NORTH, 1999; BONHAMS, 2010; NEISH, 2018. Infelizmente, não se acrescenta à lista o catálogo da coleção de estanho do *London Museum*¹⁵, uma vez que não foi possível ter acesso à obra.

Tendo em consideração que as publicações para já citadas concentram muita e variada informação sobre múltiplos temas relativos ao estudo dos objetos de estanho, paralelamente realizou-se um levantamento de bibliografia de um âmbito mais específico e que se concentrasse numa só tipologia de objetos. É o caso das publicações PRICE, 1908; HOMER, 1980 e WADLEY, 1985 para o estudo das colheres de estanho; MICHAELIS, 1949 e HAYWARD & MARSDEN, 2015, 2016, relativamente a escudelas de estanho; MASSÉ, 1909; CURLE, 1926; NEATE, 1928; COTERELL, 1934 e GADD, 2001, específico para os castiçais de latão; SOUSA, 2010, e MARTINS, 2010, esclarecedor para a análise das bacias de latão, e HERRADÓN, 2008, 2018a, 2018b; TEIXEIRA & GIL, 2011; BOAVIDA, 2011, 2016; SOULAT & BRY, 2019; KULESZ & MICHALIK, 2020, especificamente para o estudo de fivelas da Época Moderna.

¹⁵ Trata-se de FORSYTH, H.; GADD, J.; HALL, D. (2017). *The Museum of London's Pewter Collection*. Londres: Museum of London; The Pewter Society.

Por fim, outra temática que exigia um levantamento de publicações específicas foi o estudo das marcas encontradas nos objetos de estanho. Esclarecedor sobre as formas, a função, o valor e sobre a história destas marcas são GADD, 1998, 1999; HAGNAUER, 1948; RICKETTS, DOUGLAS, 1994 e RICKETTS, 2007, 2008. Para além destes artigos que se concentram nas marcas de estanho, encontra-se muita informação sobre este tema ao longo de BELL, 1906; de MASSÉ, 1915, 1921 e de GOTEIPE-MILLER, 1990; no capítulo 6 de WEINSTEIN, 2011 e no capítulo 4 de ROBERTS, 2013. De modo a complementar este processo de compreensão da história das marcas dos objetos de estanho, levantou-se alguns inventários de marcas, com o objetivo de se encontrar ilustrações com uma forma semelhante às marcas encontradas na realização do nosso estágio. Neste sentido, consultou-se COTTERELL 1934 e MUNDEY, 1991, inventários de marcas em objetos de estanho de produção inglesa, e HINTZE, 1921a, 1921b, 1923, 1926, 1927, 1928, 1931, relativo à produção alemã e suíça. Nestes inventários, para além de constar o desenho das várias marcas levantadas pelos autores, incluiu-se também toda a informação que lhe foi possível associar, tal como o nome do autor e alguns pormenores biográficos, a sua geografia e cronologia de produção e em que tipologias de objetos a marca em questão foi puncionada.

Paralelamente à consulta da bibliografia já mencionada, que se toma como a mais essencial para a investigação, foi necessário concentrar algum tempo inicial do estágio na leitura de publicações que desenvolvem as boas práticas do processo de inventariação. Reconheceu-se como incontornável a coleção das normas de inventário, publicadas pela DGPC, com o objetivo de definir e divulgar as orientações técnicas para a realização de um inventário integrado no campo do património cultural móvel nacional. Desta coleção consultou-se PINHO; FREITAS, 2000 e ALVES *et al*, 2011, i.e., o caderno referente às normas de inventariação gerais para as Artes Plásticas e as Artes Decorativas e o caderno especializado nas normas de inventariação para a Ourivesaria, respetivamente. Para além das orientações explicitadas, o caderno específico para a ourivesaria integra, no final, três glossários constituintes de vocabulário relativo às tipologias e às formas de um amplo leque de objetos; à terminologia específica para questões técnicas, tanto estruturais como decorativas; e aos materiais.

Uma outra necessidade reconhecida rapidamente foi a de contextualizar os objetos em estudo, a nível histórico, social, económico e comercial. Por um lado, tal implicou a consulta de várias publicações de Amélia POLÓNIA (1995, 1999, 2002a, 2002b, 2003, 2004a, 2004b, 2005, 2006, 2010) e de Amândio BARROS (2002, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2005c, 2006, 2007, 2008, 2015, 2016a, 2016b), a fim de compreender relações comerciais internacionais, os portos comerciais e a construção e ciência náuticas que Portugal dispunha na Época Moderna. Contudo, reconhece-se a escassa atenção que se dá aos objetos de metal, uma vez que os produtos de maior foque neste campo de estudos são as especiarias, a cerâmica, os escravos, entre outros. Sobre os objetos de metal, há uma preferência por explorar a importação de mão-de-obra, especialmente vinda do Norte da Europa para Lisboa, e não tanto a importação dos objetos em si.

Por outro lado, a necessidade de compreender o contexto histórico e social dos objetos em estudo levou a que se consultasse várias obras de Ana Isabel BUESCO (2013), Hugo Miguel CRESPO (2016, 2018, 2019), Annemarie Jordan GSCHWEND (1999, 2018) e de Juan MARSILLA (1992, 2001, 2011, 2013, 2015, 2017), incluindo as colaborações entre vários autores como MARSILLA, ESPINACH, AULESA (2015) e CRESPO, AGUIAR-BRANCO, ROQUETTE (2016). Através destas leituras, procurou-se aprofundar o entendimento dos objetos em estudo a nível funcional e social e saber integrá-los nos costumes e tradições à mesa da Época Moderna

1.3. Metodologia

A presente investigação enquadra-se essencialmente em três perspetivas diferentes: da História da Arte, dos Estudos Patrimoniais e da Cultura Visual. Uma vez que a análise dos objetos em estudo ainda não tinha sido aprofundada sob estas três perspetivas, considera-se que o contributo do presente trabalho será inovador. Neste sentido, a metodologia aplicada ao longo da realização do estágio curricular e da investigação privilegiou sempre estes três campos de estudo.

No início do estágio, começado no dia 19 de setembro de 2022, já se tinha reconhecido a falta de estudos científicos no âmbito dos objetos de estanho,

especialmente a nível nacional, e dos objetos de latão. Neste sentido, decidiu-se desenvolver uma investigação em torno desses materiais. A primeira ação a realizar durante o estágio foi a seleção dos objetos a inventariar. Esta teria de estar de acordo tanto com o nosso interesse pessoal como da instituição acolhedora do estágio. Sabendo que a coleção achada em Belinho possui centenas de objetos, a finalidade de a inventariar na totalidade não era viável. Neste sentido, estruturou-se uma ordenação com diferentes fases de inventariação. Primeiramente, privilegiou-se as peças de estanho cujas marcas já tinham sido identificadas, no âmbito do projeto *ForSEADiscovery* em 2015, aplicado somente aos objetos que já tinham sido intervencionados a nível de restauro e de conservação, na esperança de que durante a presente investigação se produzisse novo conhecimento sobre as mesmas. De seguida, os objetos de estanho estruturalmente mais bem conservados, na expectativa de que fosse possível achar novas marcas que ainda não tinham sido identificadas. Durante esta fase de inventariação, foram encontradas por nós 17 marcas. Para terminar a inventariação dos objetos de estanho, deixou-se para último os fragmentos de estanho. À medida que restavam fragmentos cada vez mais pequenos e estruturalmente mal conservados, passou-se à inventariação de outros materiais. Uma vez que todos os objetos constituintes do achado de Belinho partilham um mesmo contexto, optou-se por estudar os objetos de latão e de cobre que mais facilmente poderiam dar a conhecer alguma informação nova sobre a embarcação e o acervo de Belinho na sua generalidade.

Entende-se que o processo de inventariação poderia ter sido mais exaustivo, tendo em conta as 350 horas que constituem a realização do estágio. Contudo, o número de objetos inventariados pode ser justificado nas seguintes noções. Primeiramente, a falta de conhecimento relativo a estes tipos de peças é notória, pelo que teve de ser dedicado muito tempo à aquisição de conhecimento. Em segundo, ao longo do tempo de estágio, houve certos constrangimentos que impediam o acesso aos objetos, nomeadamente deslocações de peças do CISL para lugares expositivos ou laboratórios de conservação e de restauro e vice-versa. Tendo em conta estas circunstâncias, o processo de inventariação foi finalizado com 215 objetos inventariados e estudados.

Paralelamente à ação de inventariação, consultou-se documentos disponibilizados pela instituição acolhedora do estágio referentes aos objetos em estudo. Entre eles, nomeia-se o inventário preexistente e dossiês independentes, cuja informação se centrava nos empréstimos e viagens das peças, após a sua incorporação pela Câmara Municipal de Esposende. Para além disso, de modo a complementar a informação que era conseguida durante a observação dos objetos e a consulta de documentos que lhe eram associados, foi-se avançando com a leitura da bibliografia. Note-se que as bibliotecas nacionais e as suas bases de dados não serviram o suficiente os interesses da investigação, pois não possuem nos seus acervos suficiente bibliografia sobre estanho. Deste modo, privilegiou-se a consulta de publicações acessíveis através de bases de dados em-linha estrangeiras, inglesas ou americanas na sua maioria, como já foi mencionado no subcapítulo referente ao Estado da Arte.

Apesar de haver previamente uma ficha de inventário para a coleção, considerou-se vantajoso criar um modelo de ficha de inventário que desse resposta às necessidades transversais a qualquer coleção, além das necessidades específicas que teriam em conta as características do acervo e do achado. Para além disso, justifica-se a preferência por realizar um novo modelo de ficha de inventário, em detrimento de somente validar a informação constituída no inventário preexistente, no entendimento de que o modelo preexistente apresentava fragilidades superáveis com a criação de um novo modelo. No seu desenvolvimento, teve-se em consideração dois cadernos das normas gerais de inventário, publicadas pelo Instituto Português de Museus, tratando-se estes de PINHO, FREITAS (2000) e ALVES *et al* (2011). O desenvolvimento da nova ficha de inventário é um dos temas aprofundados no capítulo seis, denominado por «Relatório de Estágio».

Desde já, clarifica-se que o presente trabalho se sustenta especialmente na observação das peças e na associada inventariação das mesmas. Relativamente à análise das fontes, privilegiou-se a bibliografia estrangeira e as fontes visuais produzidas durante a Idade Moderna. De facto, as representações artísticas são entendidas como parte integrante do seu tempo e de uma sociedade, daí a sua necessidade na presente investigação. Foi essencial realizar um levantamento de imagens modernas que incluíssem uma representação de objetos formalmente semelhantes às peças em

estudo. Tal análise permite testemunhar a evolução formal que a tipologia de objeto sofreu e os vários usos que lhe eram atribuídos. De modo a complementar esta informação, também se levantou objetos em contexto museológico formalmente semelhantes às peças em estudo. A consulta das suas fichas de inventário, disponibilizadas em-linha, proporcionou o acesso à informação facultada pela instituição, referente ao contexto espacial e temporal de produção, à denominação da tipologia, entre outros aspetos. Deste modo, através de uma metodologia comparativa entre esses objetos musealizados e as peças achadas em Belinho, torna-se possível averiguar se alguma informação será válida para o achado de Belinho ou não. Os sítios em-linha dos museus e bases de dados em que se realizou a pesquisa e levantamento de objetos e de imagens artísticas foram *Victoria and Albert Museum*, *Museum Boijmans Van Beuningen*, *Louvre*, *The Metropolitan Museum of Art*, *Rijksmuseum*, *The British Museum*, *Museum of Fine Arts Boston*, *The National Gallery*, *Museo Nacional del Prado*, *Museu Nacional de Arte Antiga*, *The Mary Rose*, *Vasamuseet*, *Google Arts and Culture*, *Web Gallery of Art*, *MatrizNet* e inventário em-linha de Bens Culturais da Igreja que inclui os inventários da Arquidiocese de Braga, Arquidiocese de Évora, Diocese de Lamego, Diocese do Porto, Diocese de Viana do Castelo e Tesouro-Museu da Sé de Braga.

Note-se que, a meio da investigação, houve a tentativa de conseguir mais informação acerca de objetos musealizados através do contacto, via correio eletrónico, com algumas das instituições acima enumeradas. Porém, a única resposta que se recebeu foi enviada pelo *Victoria and Albert Museum*, que recomendou a leitura do seu catálogo sobre objetos de estanho (NORTH, 1999) e que lamentou não poder auxiliar mais ativamente a nossa investigação. Entre as várias tentativas de contacto sem sucesso, destaca-se a infelicidade de a instituição *The Pewter Society* não ter respondido, sendo que, várias vezes, se tentou contactar e integrar a sociedade, a fim de se garantir acesso a mais obras bibliográficas sobre a produção de objetos em estanho.

Para sistematização dos dados adquiridos durante esta fase metodológica, correspondente à recolha de dados, elaboraram-se gráficos, utilizando o *Microsoft Excel*, tabelas e esquemas, utilizando a plataforma em-linha *Miro*. Os apêndices mais

essenciais, especialmente imagens e gráficos, estão incluídos no decorrer do texto, enquanto os restantes estão no segundo volume devido à sua extensão. Primeiramente, os gráficos foram um recurso essencial para compreender quantitativamente a variedade formal dos objetos que analisamos, para além de auxiliar na contagem das peças inventariadas, de as dividir por tipologias e de contabilizar as marcas estudadas. As tabelas serviram duas temáticas. Primeiramente, organizam a informação sobre as imagens utilizadas no esquema e ao longo do texto. Desta forma, estas tabelas integram a imagem em questão e alguma informação associada, nomeadamente a fonte a que se acedeu para realizar a transferência da imagem e os dados que essa fonte fornece, particularmente o título e o artista, a geografia de origem e a datação quando aplicável. Em segundo, um certo número das tabelas feitas expõe o vocabulário utilizado para categorização e descrição das tipologias das peças em estudo. Entende-se que, no estudo da história de uma tipologia de objetos, atender à linguagem do seu tempo em confronto com a da atualidade cumpre com critérios científicos, além de materializar a memória do quotidiano moderno. Note-se que especialmente no caso do estudo dos pratos e das bacias é vantajoso compreender a denominação que as instituições museológicas atribuem aos objetos, uma vez que se reconheceu uma grande variedade de expressões em utilização, na atualidade, para a sua categorização. Esta análise linguística é elaborada nos capítulos 3 e 5, referentes às várias tipologias de objetos em estudo.

Por fim, reconhece-se que a criação de esquemas foi um recurso muito valioso, pois estes permitem, numa só imagem isenta de informação exceto a data de produção, compreender a evolução formal de uma tipologia de objeto ou de uma marca. Neste sentido, facilita-se o processo de datação da peça em estudo ou, quando aplicável, testemunha-se a inadequação da informação adquirida através da bibliografia quando comparada à realidade da época, representada numa pintura ou gravura.

Em suma, não havendo informação preexistente que possa satisfazer de modo direto as perguntas de investigação, optou-se por aplicar um método de investigação dedutivo, partindo do enquadramento histórico-social das tipologias de objetos em estudo e examinando as suas técnicas e formas, os seus usos e os seus contextos sociais. Para

além disso, evidenciar-se-á uma aproximação cronológica e formal entre os objetos em estudo e peças levantadas a fim de se criar hipóteses ou de se chegar a conclusões aplicadas especificamente aos objetos achados em Belinho. Neste sentido, conseguiu-se e sistematizou-se dados conseguidos através da observação das peças em estudo, da leitura da bibliografia, da análise de representações modernas e de objetos musealizados. A presente investigação sustenta-se em comparar e confrontar estas quatro fontes de informação recolhida. Por outras palavras, após a leitura da bibliografia e depois de uma mais generalizada compreensão do tema, confrontou-se a informação adquirida com fontes visuais modernas ou objetos modernos musealizados, validando ou invalidando alguma informação. De seguida, adaptou-se o conhecimento conseguido dessas três fontes às peças em estudo, partindo-se para o desenvolvimento de hipóteses ou de conclusões, quando possível. Aplicando a metodologia desenvolvida ao longo do presente subcapítulo, cumpriu-se os principais propósitos e objetivos da investigação, enumerados no capítulo seguinte.

1.4. Objetivos e problemáticas

Analisar os objetos de estanho de Belinho 1, tendo em conta a sua forma, o material, a técnica de produção e o seu estado de conservação é um dos objetivos gerais desta investigação. Neste sentido, identificam-se quatro principais propósitos do presente trabalho:

- Compreender este conjunto de objetos patrimoniais. Neste sentido, procura-se produzir conhecimento científico sobre os objetos em estudo, sob a perspetiva da História da Arte, dos Estudos Patrimoniais e da Cultura Visual, de modo a compreender a sua produção, usos e valores.
- Criar um alicerce para uma futura divulgação e comunicação dos objetos em estudo e da respetiva informação científica recolhida.
- Reconhecer a importância deste património cultural conservado em contexto subaquático, enquanto parte integrante do património cultural da humanidade. Nesta perspetiva, constata-se a importância de proteger e preservar este património; de cultivar o interesse e o apreço da comunidade a que pertence

atualmente e motivar a cooperação entre as instituições científicas e profissionais com a entidade responsável pelos objetos.

- Promover o reconhecimento deste património local e nacional, por parte da comunidade, a fim de cultivar uma noção de valorização por este conjunto de objetos, tanto na sua dimensão material, como na sua dimensão imaterial. Ciente da importância de que a pesquisa, a informação e a educação se revestem para a proteção e preservação do património cultural, tal ação cultivará o interesse e o apreço da comunidade e motivará a cooperação entre as instituições científicas e profissionais com a entidade responsável pelos objetos. Entende-se que este último propósito está intrinsecamente articulado com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de uma comunidade de agentes patrimoniais educados e ativos.

Neste seguimento, os principais objetivos específicos são:

- Analisar, rever e contribuir para o inventário preexistente, iniciado pela equipa de investigação de Belinho 1 no ano de 2014, a fim de construir um mais completo e interdisciplinar inventário, ao incorporar à já existente perspetiva arqueológica uma nova interpretação – a da História da Arte. Para além disso, trata-se de uma oportunidade para validar e atualizar o inventário anteriormente realizado. Esta contribuição conta com a informação recolhida no cumprimento dos seguintes objetivos.
 - Sistematizar a informação existente quanto à embarcação naufragada e ao seu acervo, de modo a enquadrar os objetos em estudo no contexto do seu achado.
 - Analisar, através da observação dos objetos em estudo, os materiais e técnicas utilizados; a sua forma; o seu estado de conservação; as possíveis funcionalidades do seu uso e, nos casos de se detetar ou reconhecer tais elementos, a iconografia, as inscrições e, com especial incidência, as marcas.

- Levantar e recolher os dados relativos à incorporação e às viagens dos objetos inventariados, além das informações relativas às intervenções do âmbito da conservação e restauro dos objetos.
- Específico do estudo das marcas encontradas, reconhecer a sua forma, com especial cuidado no caso das marcas ilegíveis, parcialmente legíveis ou incompletas, e identificar a sua origem geográfica e cronológica, refletindo, ao longo do processo de investigação, acerca do impacto social que estes elementos teriam e da maneira como alteravam o valor de um objeto.
- Comparar as marcas identificadas com outras semelhantes, levantadas a partir da pesquisa em inventários de marcas de objetos de estanho; em bibliografia que trata especificamente este tipo de objetos e as suas marcas; e em bases de dados em-linha de museus cuja coleção integra objetos de estanho.
- Relacionar os vários objetos achados em Belinho 1 entre si, a fim de averiguar o seu contexto cronológico e geográfico. No caso de se tratar de um mesmo contexto, balizar temporalmente e contextualizar geograficamente a produção destes objetos.
- Contribuir para uma datação relativa da produção dos objetos, devidamente justificada com base nas formas e técnicas de produção e nas informações *a priori* conseguidas pela equipa de investigação relativas ao estudo das madeiras estruturantes da embarcação.
- Compreender a abrangência geográfica e cronológica e o amplo leque formal, material e técnico da produção das tipologias de objetos em estudo, procurando estabelecer paralelos entre contextos de produção.
- Refletir sobre o impacto que tais tipologias de objetos teriam a nível da Cultura Visual do seu tempo, com base na Arte Visual produzida durante a Época Moderna.

- Levantar objetos semelhantes do mesmo contexto cronológico, a fim de os comparar com os objetos em estudo. Tal ação tornará mais viável uma eventual futura proposta para a concretização de um exercício de reconstrução virtual 3D, uma vez que concentrará a informação necessária para a sua execução.
- Confrontar o vocabulário utilizado, por diferentes fontes e contextos científicos a nível internacional, para classificação, designação e descrição das diferentes tipologias de objetos em estudo, visando demonstrar a falta de aplicação de vocabulário português específico e cientificamente adequado para o estudo de objetos de estanho.
- Refletir sobre o impacto que este conjunto de bens patrimoniais tem a nível local, nacional e internacional, ciente de que a sua divulgação cultivará o interesse da comunidade e, conseqüentemente, conscientizará para a sua proteção e salvaguarda.
- Confrontar várias metodologias de análise de um amplo leque de tipologias de objetos de estanho, visando uma reflexão acerca dos contextos de publicação de conhecimento científico, questionando sobre o sentido de associação ou dissociação, se for o caso, relativo ao conhecimento divulgado entre os diferentes contextos científicos.
- A fim de contribuir para uma futura comunicação dos objetos em estudo, refletindo nas possibilidades narrativas de uma exposição museológica focalizada na vertente antropológica destes objetos, refletir sobre o significado cultural e social das marcas identificadas, contextualizando-as no longo processo de definição de uma regulamentação quanto à produção de objetos de estanho. Para além disso, evidenciar o amplo leque de funcionalidades e de possíveis usos dos objetos no quotidiano leigo, incluindo o quotidiano a bordo de uma embarcação.

Considerando os propósitos e os objetivos enumerados, justifica-se a opção por enveredar pela componente de estágio curricular, devido à necessidade de um contacto direto com a equipa de investigação de Belinho 1 e com os objetos em estudo. Deste

modo, garante-se um melhor cumprimento dos objetivos e, portanto, uma maior viabilidade para a concretização da investigação.

De seguida, lista-se as principais questões que despontaram para dar resposta aos objetivos enumerados.

- Que materiais foram utilizados na produção dos objetos inventariados? Qual a qualidade desses materiais? Os materiais utilizados influenciam a forma do objeto? Os mesmos materiais são utilizados noutros objetos semelhantes?
- Como foram os objetos fabricados? Que métodos de produção e que instrumentos foram utilizados? De que maneira a forma dos objetos é alterada ou influenciada pelas técnicas de produção? O método de produção dos objetos diferencia dentro de uma só tipologia?
- Os objetos possuem iconografia, marcas ou inscrições? Como é que estes elementos afetam a aparência e o valor dos objetos?
- Há sinais de intervenções de conservação ou de restauro? Há sinais de uso?
- Porque é que o objeto foi produzido? Que função realizaria? Quão bem desempenharia a sua função? O desempenho da sua função seria afetado pelos materiais, métodos de produção, elementos decorativos, entre outros? A função dá-nos alguma informação sobre o produtor dos objetos? Ou sobre o seu dono? Qual a função dos objetos hoje e como se afastou da função original?
- Qual a proveniência geográfica deste conjunto de objetos? O seu contexto de produção é partilhado entre os vários objetos ou varia?
- Qual a cronologia de produção destes objetos? Partilham a mesma cronologia ou foram produzidos em tempos diferentes?
- Qual o contexto geográfico de produção das peças? Quais foram as oficinas produtoras dos objetos?
- De que porto terá partido a embarcação que os transportava? Qual seria o seu destino?

- Como identificar a proveniência geográfica e a cronologia das marcas encontradas? Qual teria sido o seu valor social? Qual teria sido o seu valor cultural? De que maneira alteram o valor do objeto?
- Estes objetos refletem um estatuto social ou económico?
- Que valor é atribuído aos objetos em estudo pela sociedade atual?
- Que valor cultural refletem estes objetos?
- De que modo estes objetos espelham o seu tempo? Qual o seu impacto a nível da Cultura Visual do seu tempo de produção e de uso quotidiano?
- Qual o significado patrimonial deste conjunto de objetos a nível local, nacional e internacional?

Do cumprimento dos objetivos definidos resultará a realização de um trabalho constituído por duas componentes: uma prática, que trata da concretização do estágio curricular e de todas as ações associadas, e uma teórica, resultando desta o relatório de estágio. Este integra o inventário realizado aquando da realização do estágio, além de se tratar de um documento académico que concentra muito conhecimento disperso, tanto a nível temático como a nível de contexto de produção e de publicação, sobre os objetos de estanho da Época Moderna, confrontando e refletindo sobre metodologias de análise, conhecimento sobre as formas, as técnicas de produção, as funções e o vocabulário utilizado referente às tipologias de objetos em estudo.

1.5. Organização em capítulos

O presente trabalho é composto por dois volumes, sendo que o primeiro, composto por seis capítulos, diz respeito ao relatório de estágio, integrando a investigação centrada nos objetos estudados, enquanto o segundo volume compila todos os apêndices, elaborados pela autora, que complementam e auxiliam a leitura do primeiro volume.

Na estruturação do primeiro volume, procurou-se uma organização que correspondesse cronologicamente às ações realizadas aquando da realização do estágio curricular. Neste sentido, apresenta-se primeiramente os objetos de estanho

inventariados, uma vez que estes foram os primeiros a serem estudados aquando da realização do estágio, seguidos pelos objetos de outros materiais, sendo estes o latão e o cobre.

Tendo em consideração que os objetos de estanho em estudo enquadram-se num tema pouco estudado, principalmente a nível nacional, e que a equipa de investigação de Belinho 1 ainda não se concentrou profundamente no âmbito do estudo dos objetos, o segundo capítulo, sendo que o primeiro se refere à introdução, trata-se de uma introdução crítica ao tema em estudo. Neste sentido, examina-se a bibliografia e as fontes levantadas e as problematizações anteriores à realização do estágio, expondo as maiores dúvidas e ambiguidades que estas apresentam. A abordagem para a escrita deste capítulo centra-se em evidenciar algumas incoerências entre diferentes fontes ou em questionar alguns métodos de investigação aplicados anteriormente em problematizações prévias, sublinhando-se a vulnerabilidade da informação.

No terceiro capítulo explora-se a análise das peças de estanho inventariadas aquando da realização do estágio, englobando perspetivas acerca das suas formas, produção, funções e vocabulários associados. Englobados no capítulo três enquadram-se cinco subcapítulos, cada um referente a uma tipologia de objeto diferente. Neste sentido, o capítulo 3.1 refere-se ao estudo dos pratos de estanho, seguido pelas escudelas, pelas colheres, pelo bacio e, por último, três objetos cuja tipologia não foi possível identificar com certezas. Naturalmente, este estudo partiu da observação dos objetos, complementando-a e confrontando-a, mais tarde, com a informação conseguida através da leitura da bibliografia e da análise das fontes visuais.

O quarto capítulo concentra-se unicamente no estudo das marcas achadas nos objetos de estanho, justificando-se, assim, o facto de serem dois capítulos consecutivos. À imagem do capítulo anterior, o quarto capítulo inclui a descrição das marcas achadas, a sua interpretação e uma tentativa de contextualização temporal e espacial das mesmas.

O capítulo seguinte replica estruturalmente o capítulo 3, no sentido em que também explora as formas, a produção, as funções e o vocabulário de objetos,

concentrando-se nas peças de latão e de cobre inventariadas. Novamente, cada tipologia de objeto possui um subcapítulo diferenciado, iniciando-se com as bacias de latão, seguidas dos castiçais de latão e em liga de cobre, de um jarro de latão e, por fim, de uma fivela de cobre. A mesma metodologia aplicada no terceiro capítulo surge no capítulo quinto, ou seja, parte-se da descrição dos objetos, complementando-a e confrontando-a com a informação adquirida através da leitura da bibliografia e da análise das fontes visuais.

Por fim, optou-se por encerrar o primeiro volume com o relatório de estágio propriamente dito, incluindo-se a contextualização do estágio curricular realizado, apresentando-se a entidade de acolhimento e as suas principais linhas de ação, e as ações concretizadas, esclarecendo as respetivas opções metodológicas. A vantagem de colocar esta informação no último capítulo justifica-se pelo facto de esta introduzir o volume seguinte que inclui o inventário realizado, aquando da realização do estágio.

Por sua vez, o segundo volume divide-se em três apêndices. O primeiro é composto por quatro tabelas que incorporam os objetos musealizados formalmente semelhantes às peças em estudo e as representações artísticas, de variados suportes, que incluem objetos semelhantes às do achado de Belinho. De seguida, o segundo apêndice incorpora várias tabelas que agregam o vocabulário setecentista para categorização e descrição dos objetos em estudo, além de algumas considerações sobre o vocabulário inglês utilizado atualmente para o estudo das peças estudadas.

2. Problematizações prévias do estudo e crítica das fontes

Aprofundar um tema que carece de estudos sistemáticos e atualizados implica uma consulta exaustiva em bibliografia de natureza geral, de modo a conseguir enquadrar os objetos em estudo numa perspetiva holística. A falta de investigação concentrada nos objetos de estanho é notada e apontada na publicação de VAN ZELLER (1985: 13-14). No entanto, este documento não motivou suficientemente o desenvolvimento deste âmbito temático no contexto científico português. A dissertação de mestrado de BRIGADIER (2002) concentra-se numa seleção de objetos de estanho achados em Portugal, em São Julião da Barra, sugerindo que a sua produção é

portuguesa. Nesta publicação, são feitas considerações acerca da falta de estudo que este tema recebe. A autora reconhece como principais entraves ao desenvolvimento desta temática o facto de, diferentemente do resto da Europa, até ao século XVII, raramente os fabricantes portugueses marcarem os seus objetos. Por outro lado, o terramoto de 1755 em Lisboa destruiu muitos documentos que serviriam de fonte para o estudo do estanho português¹⁶. No entender da autora, estas duas circunstâncias são tidas como «dead ends for research on the topic» (BRIGADIER, 2002: 88).

Por outro lado, a nível internacional, já se entende que o tema está mais desenvolvido, principalmente em Inglaterra. Contudo, aquando das pesquisas bibliográficas realizadas, percebeu-se que as publicações mais acessíveis são as mais antigas. Por outras palavras, as obras mais desatualizadas são as mais fáceis de aceder. Neste sentido, reconhece-se que estas fontes constituem um risco, se analisadas e interpretadas como fontes inteiramente adequadas no contexto académico atual. Primeiramente, uma grande parte desta bibliografia foi produzidas no início do século XX, um período de sobrecategorização no campo da História da Arte, que resultou, em alguns casos, na definição de um conjunto de grupos ou de classificações dogmáticos. Em segundo, pressupõe-se que, desde a publicação dessas obras, o conhecimento relativo aos objetos de estanho tenha sido atualizado.

Neste seguimento, aproveita-se para questionar o porquê da escassez de publicações nas últimas duas décadas. Tal pode ser justificado pelo facto de as publicações mais recentes serem meramente consultadas através da sua compra. Tendo em conta que o maior motor de divulgação de conhecimento sobre objetos de estanho se encontra em Inglaterra, a informação só é consumida pelos membros inscritos nas respetivas sociedades. Tal condição impede o acesso ao conhecimento mais atual e vasto que, atualmente, é construído relativamente ao tema em estudo. Neste sentido, deixa-se a recomendação de que, para se desenvolver uma investigação sobre estanho

¹⁶ Cf. BRIGADIER, 2002: 88, 102.

sob o ponto de vista do Estudo dos Objetos, uma subscrição na *The Pewter Society* é um recurso essencial para se garantir acesso a uma importante quantidade de informação.

Dando continuidade aos riscos que as análises das fontes levantaram, reconheceu-se que muitos dos autores citados não são historiadores ou historiadores de Arte ou arqueólogos, tratando-se de colecionadores e estudiosos do tema. Desde logo, se reconhece um risco e sente-se uma desconfiança aquando da sua leitura. Por um lado, o olhar de um colecionador poderá ser muito especializado para a compreensão de uma certa tipologia de objetos e, por isso, o seu conhecimento poderá ser uma mais-valia. Por outro lado, é um risco basear uma investigação nessas mesmas obras, pois não se deve ignorar o facto de não se tratar de uma perspectiva científica, com metodologias e objetivos cientificamente desenvolvidos. Exemplifica-se com o caso de PRICE (1908) que, apesar de apresentar muitas conclusões a partir do seu conhecimento sobre colheres de estanho, fundamenta este estudo numa seleção de objetos cujo critério não deve ser considerado academicamente válido, uma vez que a seleção de objetos que estudou constituiu a sua própria coleção e a coleção de um seu amigo, também *connoisseur* do tema. Entende-se, por isso, que se trata de uma seleção de objetos reduzida e limitada. Daí que é oportuno qualquer leitor desta publicação de 1908 questionar o processo de categorização e classificação dos objetos em estudo e se os resultados apresentados por Price são rigorosamente válidos.

Outras fontes que requerem especial atenção são os periódicos do *The Pewter Society* e do *The Collectors Club of America*, uma vez que os artigos que as constituem são direccionados e produzidos unicamente por colecionadores. Após a leitura destes dois recursos, todas as inseguranças enumeradas no parágrafo anterior brotam novamente.

Outra reflexão que ressalta da contextualização dos estudos levantados é o facto de os autores não serem formados no âmbito da História da Arte, predominando as áreas da Arqueologia e da Arqueologia Subaquática na sua maioria. Naturalmente, o conhecimento técnico de um arqueólogo é diferente de um historiador de arte e, por isso, um arqueólogo não pode dar resposta às perguntas e às metodologias que um historiador de arte procura. Daí que seja essencial o cruzamento de várias áreas

científicas que, de maneira complementar, acrescentam um novo e diversificado valor ao objeto em estudo. Um importante caso a sublinhar é o de Martin ROBERTS (2012a, 2012b, 2013) que possui como formação de base a Geografia e uma pós-graduação em Arqueologia, concentrando-se nos métodos de prospecção geomagnética, na análise XRF, entre outros¹⁷. As suas publicações são uma essencial contribuição, porém aponta-se para a falta de metodologias de observação e de descrição dentro do domínio do Estudo dos Objetos integrado na área da História da Arte.

Por conseguinte, conclui-se que, em todos os contextos geográficos, se nota a falta de estudar o tema dos objetos de estanho sob as perspetivas que a História da Arte potencializa e aplicando as metodologias científicas específicas da área, por técnicos formados especificamente neste ramo.

Apesar dos obstáculos reconhecidos, persistiu-se num exaustivo levantamento bibliográfico. Compreendeu-se que, além de se duvidar da veracidade dos factos e da informação contida e de se notar fragilidades nas metodologias de investigação empregues e nas hipóteses que os autores constroem, a consulta das fontes levantadas revela uma enorme dispersão da informação pelos diferentes contextos geográficos de produção. Neste sentido, constata-se a inexistência e, consequentemente, a necessidade de um cruzamento de conhecimento gerado pelos diferentes autores nesses diferentes contextos. Esta dispersão e esta falta de cruzamento das fontes fragiliza a investigação e pode gerar ambiguidade, equívocos, imprecisões e, como verificamos, informação contraditória quando se compara textos de diferentes autores ou quando se confronta informação conseguida em texto e objetos levantados, tanto de estanho musealizados como outros suportes artísticos que incluam uma representação de objetos de estanho. Por conseguinte, tal gera hesitação na construção de reflexões, de conclusões e de hipóteses.

Não obstante, considerando que o presente trabalho foi construído com base nas informações levantadas, tratando-se estas das problematizações e das investigações

¹⁷ Cf. ROBERTS, 2012a: 3.

prévias do estudo dos objetos de estanho, foi necessário partir dos factos e da informação aí tratados e desenvolvidos. No entanto, atende-se sempre às fragilidades e hesitações que as suas leituras levantam.

Por fim, desenvolve-se uma crítica aos estudos prévios específicos ao achado de Belinho, publicados pela equipa de investigação. Estes concentram-se especialmente no estudo das madeiras estruturantes da embarcação e não tanto no seu espólio, apesar de serem feitas considerações sobre estes objetos. Após a sua leitura, compreende-se que a datação do naufrágio, da construção da embarcação e do fabrico dos objetos a bordo é inconsistente ao longo dos anos. Os elementos que mais contribuíram para a datação do achado foram as madeiras do barco e a artilharia que este possuía. Relativamente à construção da embarcação, é dito que esta é característica das embarcações ibéricas dos séculos XVI ao século XVII¹⁸, excetuando um artigo no qual se alarga a baliza temporal entre os séculos XV ao XVII¹⁹. Relativamente à artilharia, lê-se que terá sido produzida na primeira metade do século XVI²⁰, além de que a forma da colubrina octogonal só tem um paralelo formal e este respeita a uma nau de 1533²¹. Reconhecendo estas informações, segue-se para a análise das datações propostas ao longo do tempo. Nas primeiras publicações, do ano 2015, lê-se que a coleção tratar-se-á de uma produção de meados do século XVI²² ou que o navio terá sido construído no século XVI ou inícios do século XVII e que os objetos a bordo seriam também do século XVI ou XVII²³. Num artigo do ano seguinte, especifica-se que a embarcação terá sido produzida entre os anos 1580 e 1640²⁴, sem reflexões relativamente ao restante espólio. Em 2017, conclui-se que o achado terá sido produzido no século XVI ou XVII²⁵, especificando-se a baliza temporal entre o último quartel do século XVI e o primeiro do século XVII²⁶. Na publicação mais recente, de 2022, reflete-se acerca da datação

¹⁸ Cf. BETTENCOURT *et al*, 2015 :15-16; ALMEIDA *et al*, 2017: 87.

¹⁹ Cf. MARTINS *et al*, 2017: 189.

²⁰ Cf. ALMEIDA *et al*, 2017: 92; FONSECA, 2017: 40.

²¹ Cf. FONSECA, 2017: 40.

²² Cf. [S.a.], 2015: 5.

²³ Cf. BETTENCOURT *et al*, 2015: 3, 4.

²⁴ Cf. BARROS, 2016b, 51.

²⁵ Cf. MARTINS *et al*, 2017: 190.

²⁶ Cf. ALMEIDA *et al*, 2017: 94.

especificamente dos objetos de metal. Lê-se que a marca do martelo coroado indica que os objetos de estanho que a possuem são do século XVI e que os pratos de latão achados foram datados entre 1520 e 1580²⁷. Nesse texto, chega-se à conclusão que uma parte dos objetos, incluindo o armamento, indicam uma cronologia da primeira metade e de meados do século XVI²⁸.

Após a leitura destas fontes, reconhece-se o risco que é especificar uma datação quando não existe o alicerce teórico necessário para a suportar. Neste seguimento, compreende-se que um estudo mais aprofundado dos objetos de metal poderá corroborar a datação definida, sugerir uma outra ou sustentar a noção de que ainda não existe informação suficiente sobre o achado para prosseguir com tal objetivo.

Relativamente ao estudo específico dos objetos de metal, reconhece-se que houve uma tentativa de reconhecer morfologicamente os objetos, a fim de melhor os compreender. As únicas considerações feitas são de 2015, 2017 e 2022. Inicialmente, reconheceu-se que os pratos possuem abas largas, com paralelos formais dos séculos XVI e XVII, e que as escudelas de asa com três lóbulos correspondem a um modelo do século XVI²⁹. Em 2017, contraria-se o que foi dito anteriormente e diz-se que os pratos de estanho se caracterizam pelas suas abas curtas³⁰. Sobre as marcas, identifica-se duas tipologias, uma sendo a do martelo coroado e outra a hipótese de se tratar de uma rosa coroada³¹. Na publicação mais recente, data-se os pratos de latão³², propondo que seriam destinados ao espaço das igrejas católicas³³, além de se datar a marca do martelo coroado³⁴. Pretende-se, no decorrer da presente investigação, validar ou invalidar estas informações.

²⁷ Cf. ALMEIDA *et al*, 2022: 127.

²⁸ Cf. ALMEIDA *et al*, 2022: 141.

²⁹ Cf. BETTENCOURT *et al*, 2015: 4.

³⁰ Cf. ALMEIDA *et al*, 2017: 83.

³¹ *Ibidem*.

³² Cf. ALMEIDA *et al*, 2022: 127.

³³ Cf. ALMEIDA *et al*, 2022: 125.

³⁴ Cf. ALMEIDA *et al*, 2022: 127.

3. Os objetos de estanho inventariados – formas, técnicas, funções e vocabulário

Uma das principais ações a seguir no funcionamento do estágio foi inventariar uma seleção de objetos da coleção em estudo, com especial incidência em objetos de estanho.

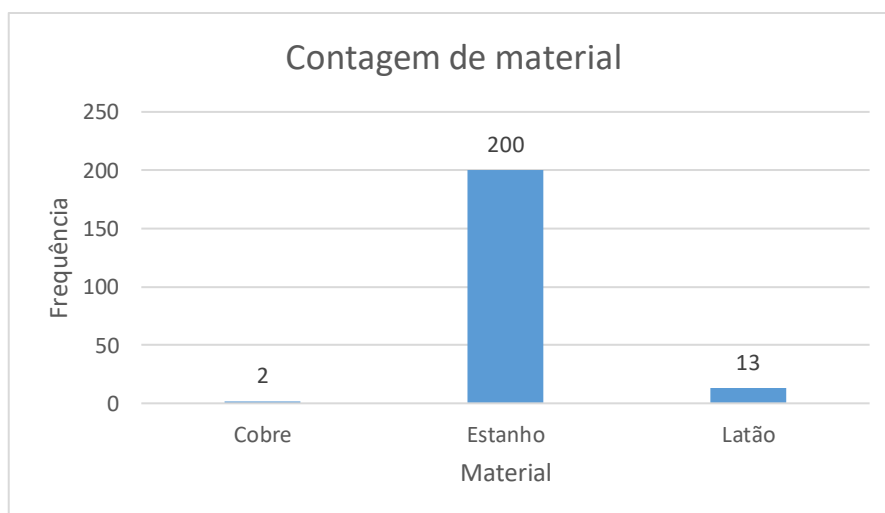


Gráfico 1. Contagem de objetos inventariados, divididos por material. Fonte: elaboração da autora.

Neste sentido, inventariou-se e estudou-se 200 objetos de estanho, de variadas tipologias. Desse número, 186 objetos correspondem a pratos e fragmentos de prato; seis fragmentos de estanho cuja tipologia não foi identificada, devido à reduzida dimensão dos fragmentos; uma colher e um fragmento de colher correspondente a uma concha; três escudelas; um bacio e, por fim, três objetos cujas tipologias são de difícil identificação. Mesmo assim, apresenta-se a hipótese de estas três peças constituírem um castiçal, uma capa de livro ou tampa de uma caixa e uma peça de jogo.

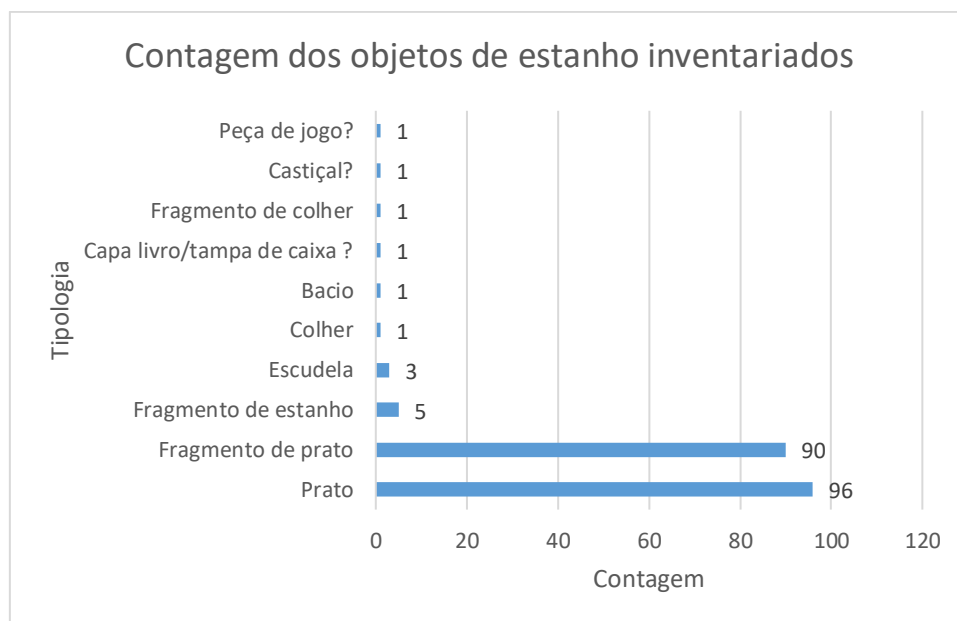


Gráfico 2. Contagem de objetos de estanho inventariados, divididos por tipologia. Fonte: elaboração da autora.

O presente capítulo concentrar-se-á nas diferentes tipologias dos objetos de estanho estudados, dedicando-se às suas formas, às técnicas de produção e ao leque funcional de cada uma das tipologias. Esta descrição decorrerá a partir da perspetiva da História da Arte, servindo-se de variadas metodologias de análise, atribuídas diferentemente a cada tipologia de objeto que, por sua vez, estão divididas em cada um dos seguintes subcapítulos.

Para além disso, o capítulo 3 reflete sobre o vocabulário português mais comumente utilizado para a identificação e classificação dos objetos estudados, comparando-o com os vocábulos utilizados na língua inglesa. Entende-se que tal ponderação é necessária, uma vez que a maior parte da informação conseguida acerca de objetos de estanho está publicada na língua inglesa. Para além disso, procurou-se semelhanças com os vocábulos utilizados durante a Época Moderna, durante o seu contexto temporal e social de produção. Aquando da análise das fontes, reconheceu-se uma grande limitação na adaptação do inglês para o português, especificamente os vocábulos descritivos e identificadores das variadas tipologias de objetos com os quais fomos confrontados. Pretende-se que o presente capítulo testemunhe esta lacuna

terminológica, na tentativa de alertar para esta questão e desencadear futuras respostas.

3.1. Pratos

No decorrer do estágio, foram inventariados 96 pratos de estanho e 90 fragmentos de prato do mesmo material. A partir da observação dos pratos completos, é possível identificar essencialmente duas categorias de pratos. A mais comum dentro da coleção em estudo corresponde a pratos fundos ou semi-fundos, de fundo em ônfalo, com uma aba larga ou ultra-larga e de bordo dobrado. Note-se que, dentro da mesma categoria, existem variações na profundidade do prato e na largura da aba. Na língua inglesa, esta categoria define-se como «broad rimmed pewter» (WEINSTEIN, 2011: 62), devido à largura da aba, e «bossed» (WEINSTEIN, 2011: 86), uma vez que o fundo é em ônfalo. Encontra-se exemplificada na imagem 1.



Imagem 1. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0089. Diâmetro máximo: 24 cm; diâmetro interno: 13 cm; Largura da aba: 5.3 cm; peso: 620 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0089.IM (1). Fonte: fotografia da autora.

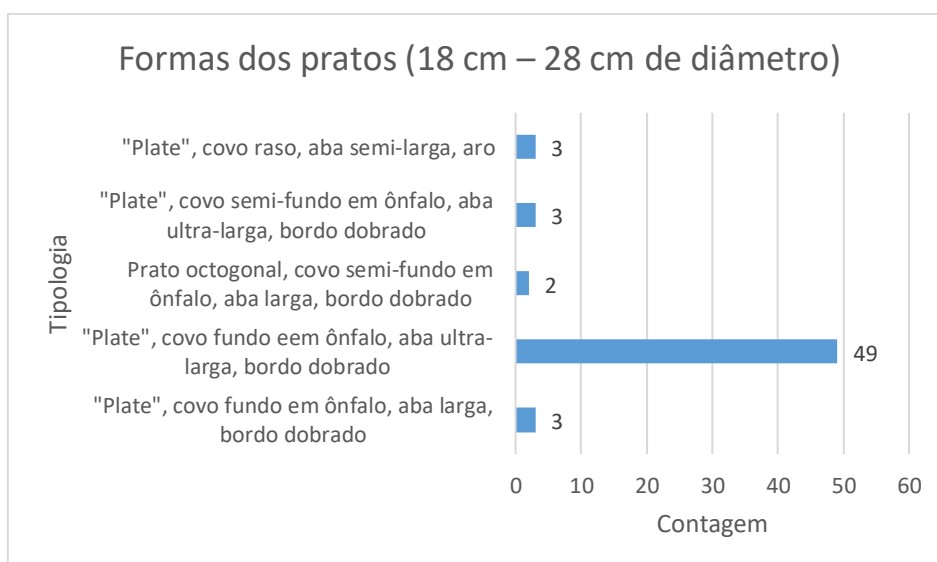
A segunda categoria, de menor número, trata-se de pratos rasos, sem profundidade, de aba semilarga e de bordo em aro. Na língua inglesa, trata-se de «narrow rimmed plates with broad flat bases» (WEINSTEIN, 2011: 73). Esta não deve ser

confundida com a forma medieval e pós-medieval de bacias de aba curta, mas de covo muito fundo³⁵.



Imagem 2. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0074. Diâmetro máximo: 22 cm; diâmetro interno: 14.6 cm; Largura da aba: 3.5 cm; peso: 475 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0074.IM (7). Fonte: fotografia da autora.

Aprofundando a observação e análise das duas formas, foi possível subcategorizá-las nas tipologias que integram os seguintes gráficos.



³⁵ Cf. WEINSTEIN, 2011: 77.

Gráfico 3. Contagem dos pratos completos inventariados, de diâmetro entre 18 e 28 centímetros, divididos segundo as suas características formais. Fonte: Elaboração da autora.

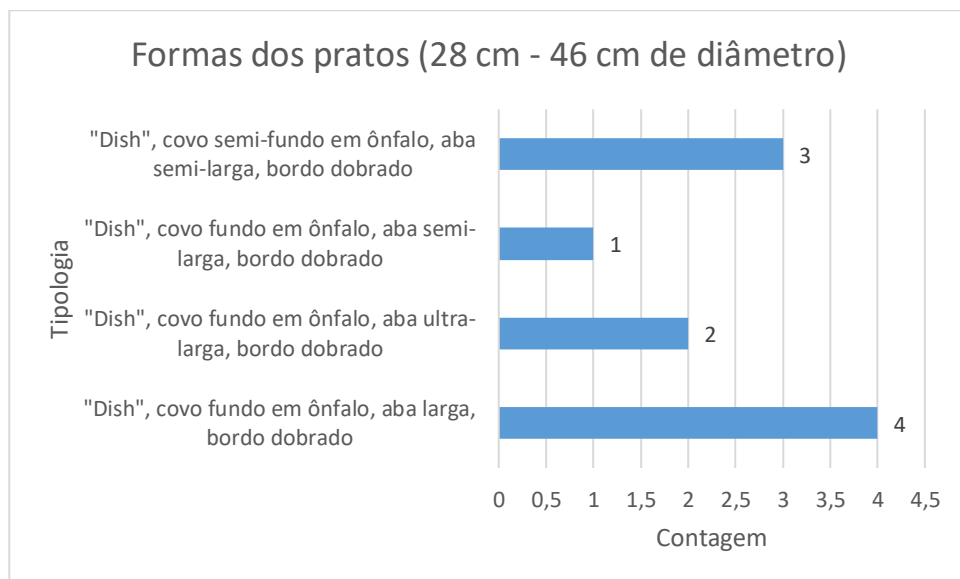


Gráfico 4. Contagem dos pratos completos inventariados, de diâmetro entre 28 e 46 centímetros, divididos segundo as suas características formais. Fonte: Elaboração da autora.

De facto, facilmente se reconhece que a tipologia mais comum é o prato de fundo em ônfalo e de aba larga em detrimento da categoria do prato raso de aba curta. Após o reconhecimento das formas, foi necessário procurar compreendê-las no domínio formal, técnico e funcional.

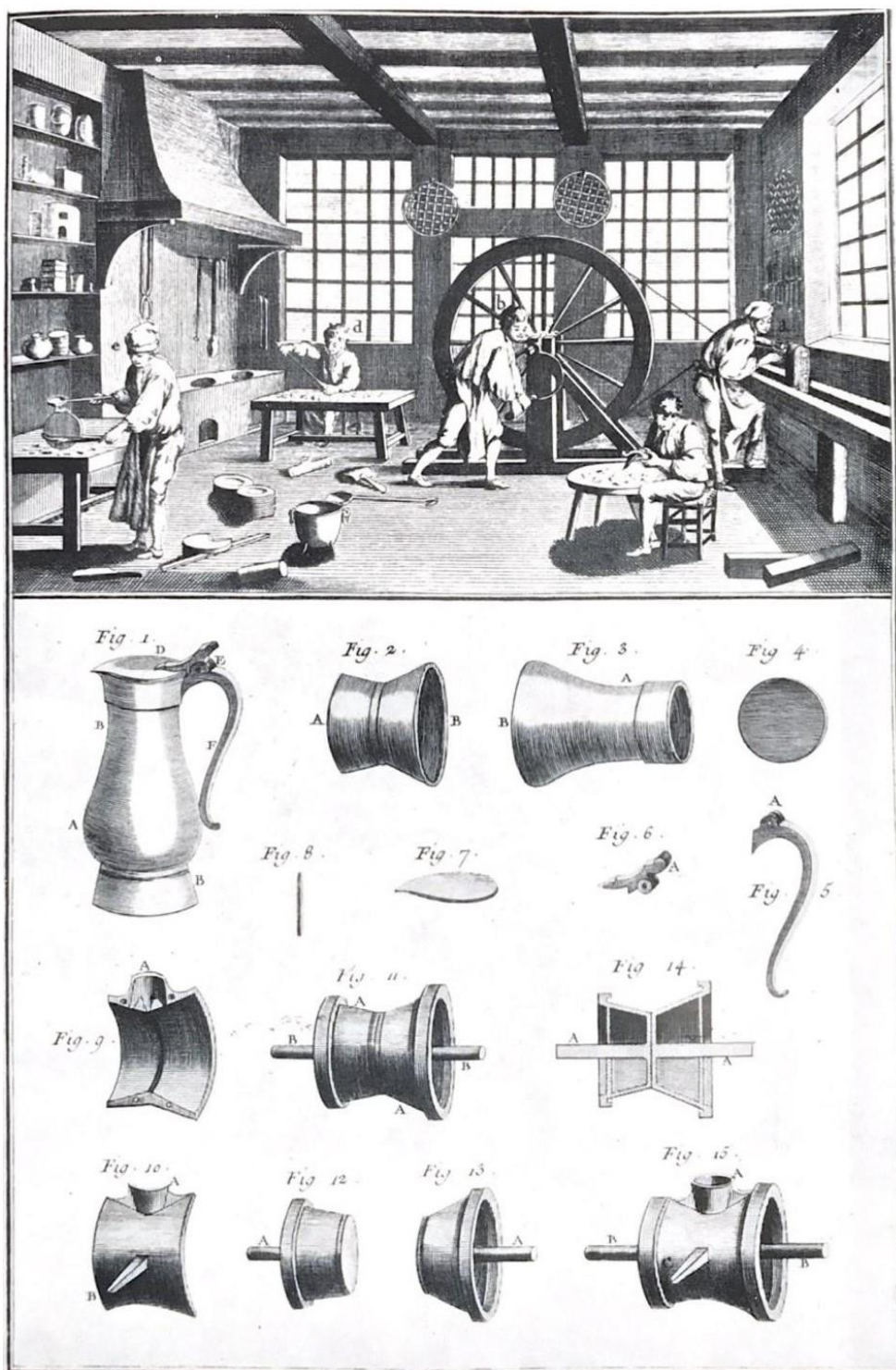


Imagem 3. Uma oficina de estanho representada na Enciclopédia de Diderot, publicada entre 1751-1765. Fonte: NORTH, 1999: 12.

Relativamente às técnicas de produção desta tipologia de objetos durante a Época Moderna, a bibliografia é consistente, no sentido em que as publicações de vários

autores que tratam o tema coincidem. Compreende-se que um molde daria forma ao metal³⁶, ação representada com a letra E na imagem 3. Depois, o objeto seria trabalhado com o martelo, para dar profundidade ao prato³⁷. Estas marcas do martelo são visíveis no reverso do covo³⁸. Os moldes seriam, geralmente, feitos de bronze, material preferido devido à sua durabilidade³⁹, a partir do início do século XV⁴⁰. Anteriormente, os moldes mais duráveis seriam feitos de pedra ou barro⁴¹. O interior dos moldes de bronze seria banhado com uma mistura de ocre vermelho, de pedra-pomes moída e de clara de ovo, para fazer com que o metal fluísse facilmente no seu interior⁴². Para além dos moldes mais duráveis, existiam temporários e, por isso, mais económicos, feitos de madeira, de barro, de arenito ou de gesso⁴³. O resultado seria visualmente muito idêntico ao de um objeto de prata⁴⁴. Estas considerações são comuns aos vários autores que se debruçaram sobre estes objetos, BELL, 1906: 36-37; MASSÉ, 1910: 55-65; MASSÉ, 1915: 117-122; NORTH, 1999: 11-13 e WEINSTEIN, 2011: 44.

Após a compreensão dos métodos de produção destes objetos, surge a primeira reflexão que relaciona o fabrico dos pratos com a sua forma e centra-se nos moldes. Nas palavras de NORTH (1999: 12),

«Surviving inventories show that these bronze moulds were the most valuable items in the workshop. It is clear that once an investment had been made in such moulds, there was no incentive to change a design. [...] This is why pewter shapes became so traditional, continuing in production over many years.»

Esta afirmação de North é muito importante, pois compreende-se que, sobrevivendo um molde durante vários anos, também sobrevive a forma com que este

³⁶ Cf. REDMAN, 1903: 10; GOTEIPE-MILLER, 1990: 11, 13; ROBERTS, 2013: 19.

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ Cf. MASSÉ, 1910: 59; MASSÉ, 1915: 122; ROBERTS, 2013: 19.

³⁹ Cf. GOTEIPE-MILLER, 1990: 13.

⁴⁰ Cf. NORTH, 1999: 12; WEINSTEIN, 2011: 44.

⁴¹ Cf. NORTH, 1999: 12; SOUSA, 2010: 274; WEINSTEIN, 2011: 44.

⁴² Cf. GOTEIPE-MILLER, 1990: 13.

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ *Ibidem*.

estrutura uma peça. O mesmo se verifica noutras artes do metal, como a joalheria. Note-se que um molde não seria necessariamente utilizado numa só oficina, uma vez que os moldes poderiam ser emprestados ou copiados e, por isso, partilhados por diferentes locais de produção⁴⁵. Para além disso, a Inglaterra era um país que exportava moldes para fabrico de objetos de estanho⁴⁶. Tendo isto em consideração, entende-se que este sistema de partilha e de distribuição de moldes trata-se de mais uma maneira de divulgação e de sobrevivência das formas, podendo esta sobrevivência durar anos devido ao custo que acarretava a execução de um novo molde e à durabilidade dos antigos que, certamente, continuariam em uso.

Segue-se para a análise das formas mais difundidas na Idade Moderna, a partir da informação obtida da leitura bibliográfica, organizada na imagem 4.

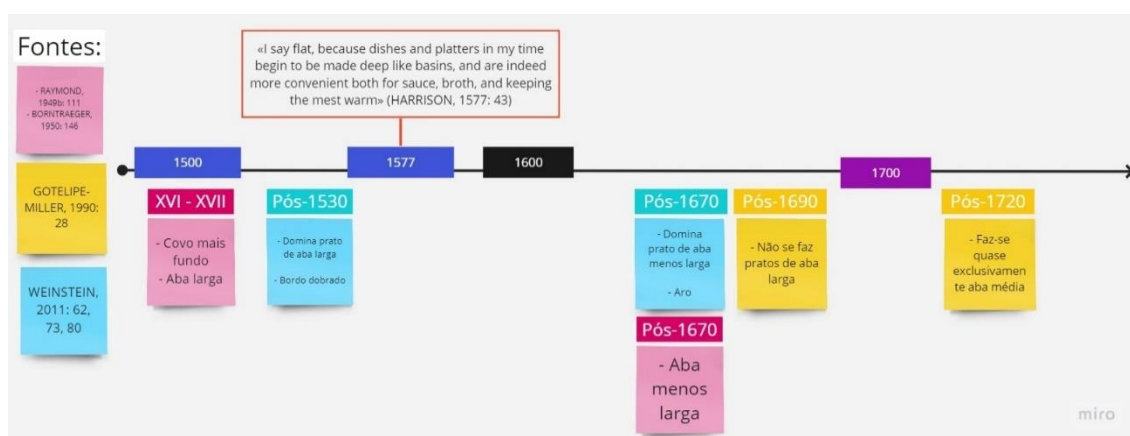


Imagem 4. Esquema com a informação conseguida através da leitura da bibliografia sobre pratos. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

A primeira reflexão que surge é que os diferentes autores concordam nas balizas temporais que se têm vindo a construir. Por outras palavras, parece ser coerente que elas se enquadrem nos séculos XVI e XVII⁴⁷, ou especificando como Weinstein o fez, entre 1530 e 1670⁴⁸, período em que predomina a forma do prato de aba larga,

⁴⁵ Cf. MASSÉ, 1915: 293; GOTELIPE-MILLER, 1990: 17; SOUSA, 2010: 511.

⁴⁶ Cf. MASSÉ, 1915: 162.

⁴⁷ Cf. RAYMOND, 1949b: 111; BORNSTRAEGER, 1950: 146.

⁴⁸ Cf. WEINSTEIN, 2011: 62, 73, 80.

correspondente à forma mais comum no achado de Belinho, exemplificada pelas seguintes imagens.



Imagem 5. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0146. Diâmetro máximo: 18.2 cm; diâmetro interno: 9 cm; Largura da aba: 4.2 cm; peso: 297 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0146.IM (3). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 6. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0207. Diâmetro máximo: 19.6 cm; diâmetro interno: 9.6 cm; Largura da aba: 5 cm; peso: 338 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0207.IM (8). Fonte: fotografia da autora.

Apesar de esta baliza temporal parecer ser consensual, North menciona dois pratos de aba larga, de covo em ônfalo e de bordo dobrado produzidos

aproximadamente em 1400⁴⁹. Tal facto propõe a existência desta forma anterior à datação supracitada.

A partir do último quartel do século XVII, segundo Raymond, Borntraeger e Weinstein especificamente, após 1670⁵⁰, domina a forma do prato de aba menos larga⁵¹, correspondente à segunda categoria definida para o achado de Belinho, exposta nas imagens seguintes.



Imagem 7. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0074. Diâmetro máximo: 22 cm; diâmetro interno: 14.6 cm; Largura da aba: 3.5 cm; peso: 475 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0074.IM (7). Fonte: fotografia da autora.

⁴⁹ Cf. NORTH, 1999: 54.

⁵⁰ Cf. RAYMOND, 1949b: 111; BORNSTRAEGER, 1950: 146; WEINSTEIN, 2011: 80.

⁵¹ Cf. *Ibidem*.



Imagem 8. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0075. Diâmetro máximo: 22.3 cm; diâmetro interno: 14.5 cm; Largura da aba: 3.8 cm; peso: 436 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0075.IM (7). Fonte: fotografia da autora.

De forma a contextualizar estas balizas aparentemente claras e exatas, é necessário compreender a relação entre as funções e as formas dos objetos. Para tal, a tese de doutoramento de WEINSTEIN (2011) dá a melhor resposta. É através desta leitura que compreendemos que a primeira categoria definida para Belinho, descrita pela autora como «broad rimmed pewter» (WEINSTEIN, 2011: 62), tornou-se popular no contexto inglês a partir do século XVI, nos pratos cuja função seria servir a comida⁵². Esta forma dá resposta ao modo e à etiqueta de comer em banquete do tempo medieval e pós-medieval. Durante um banquete, todos os pratos seriam servidos ao mesmo tempo⁵³, o que, juntamente com a imagem de pratos de servir de aba larga dispostos muito próximos uns dos outros, constituía um efeito cenográfico⁵⁴, com a exposição da comida e de serviço de mesa a ocupar a mesa quase na totalidade⁵⁵. Tal procedimento contribuía para uma noção de abundância e de riqueza, o que, em última instância, ajudava a construir e estabelecer o estatuto social do anfitrião e dos convidados⁵⁶. Neste

⁵² Cf. WEINSTEIN, 2011: 80.

⁵³ Cf. WEINSTEIN, 2011: 72.

⁵⁴ Cf. WEINSTEIN, 2011: 80.

⁵⁵ *Ibidem*.

⁵⁶ *Ibidem*.

seguimento, compreende-se que o aumento da largura da aba pode ser justificado por uma imposição social, sendo esta a de cobrir a mesa com esplendor e abundância. Tal é conseguido graças à ilusão de ocupação de espaço que as abas grandes dos pratos de servir criam.

Para além da utilização de um serviço de mesa para servir a comida, um outro conjunto de objetos seria utilizado para consumo. Na Baixa Idade Média, era habitual duas pessoas de condição social inferior partilharem um prato de madeira, denominado «trencher» (WEINSTEIN, 2011: 71). Só no final do século XVI se tornou expectável que cada indivíduo tivesse o seu próprio prato⁵⁷, uma vez que, a partir do século XV e cada vez mais no século XVI, o estanho deixa de ser exclusivo das classes sociais mais elevadas⁵⁸. Tal mudança está associada ao surgimento de uma forma muito comum nos pratos de estanho, a «spanish trencher» (WEINSTEIN, 2011: 72). Esta forma corresponde a um prato sem profundidade e com uma aba larga⁵⁹.

Deste modo, após esta leitura, conclui-se que, em meados do século XVI, assistiu-se à consolidação do estilo do prato de aba larga, sendo que, nos pratos de servir, a forma estaria em vigor desde 1530⁶⁰ e, nos pratos para comer, a partir de 1550, com a chegada do *spanish trencher*⁶¹. Esta seria a forma mais popular e mais produzida em Inglaterra até à década de 70 do século XVII, aquando da introdução dos pratos rasos de maior covo e de menor aba⁶². Para além da mudança na preferência da forma e nas proporções, esta segunda e mais moderna categoria apresenta uma evolução estrutural, pois opta-se por envolver o rebordo com um aro fundido e não terminar com um bordo dobrado, a fim de reforçar o material⁶³, como apresentado nas seguintes imagens.

⁵⁷ Cf. WEINSTEIN, 2011: 71.

⁵⁸ Cf. MASSÉ, 1999: 94; GOTEIPE-MILLER, 1990: 10; NORTH, 1999: 27; WEINSTEIN, 2011: 61, 76-77, 78.

⁵⁹ Cf. WEINSTEIN, 2011: 72.

⁶⁰ Cf. WEINSTEIN, 2011: 62, 73, 80.

⁶¹ Cf. WEINSTEIN, 2011: 72-73.

⁶² Cf. WEINSTEIN, 2011: 73.

⁶³ Cf. WEINSTEIN, 2011: 73, 87.



Imagem 9. Pormenor da fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0075. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0075.IM (5). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 10. Pormenor da fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0075. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0075.IM (7). Fonte: fotografia da autora.

Neste ponto, confrontamo-nos com o primeiro impasse no processo de datação dos objetos achados na praia de Belinho. Tendo em consideração que todos estes objetos têm origem numa mesma embarcação, todos eles partilham o mesmo contexto temporal. Neste sentido, como poderá uma parte do achado de Belinho ser datada entre

1530 e 1670 e uma outra ser datada posteriormente a 1670, quando todos eles são transportados por uma mesma embarcação e, por isso, paradoxalmente estarem todos eles no mesmo lugar ao mesmo tempo? Atente-se que tal distanciamento temporal não surgiu somente na tese de Weinstein, pois já anteriormente outros autores o verificavam⁶⁴. Por outro lado, reconhece-se que Brigadier, apesar de também concordar com esta relação entre forma dominante e as balizas temporais associadas, é a única autora que não assume esta como um dogma. Brigadier reconhece cenários que justifiquem uma forma de continuar a existir fora do seu tempo dominante. Exemplificando, afirma que alguns objetos poderiam ser utilizados durante, pelo menos, meio século e poderiam durar um tempo indefinido⁶⁵. Para além disso, as preferências pessoais, tanto dos fabricantes como dos compradores, são determinantes para as formas que são produzidas independentemente do seu tempo⁶⁶. Este entendimento enquadra a sua afirmação «dating unmarked pewter based on shape is simply impossible» (BRIGADIER, 2002: 103). Por outras palavras, é possível fazer aproximações, mas não criar uma datação precisa e dogmática.

Neste seguimento, depreende-se que a sobrecategorização das formas e a datação dogmática dos objetos de estanho da Época Moderna não são adequadas para a realidade de fabrico destes objetos durante o tempo moderno. Por isso, não é apropriado seguir escrupulosamente estas balizas limítrofes num processo de uma investigação dentro do presente âmbito temático. Neste sentido, a presente investigação confirma a coexistência de duas formas que, ao longo das últimas décadas, eram consideradas como sendo temporalmente distantes. Nesse sentido, contribui para a necessidade de repensar as balizas cronológicas destes objetos. Atente-se que numa publicação de 2012 já se enfatizava esta necessidade. Nas palavras de Hall, «It used to be argued that very flat profile plates dated to circa 1600, but over the years bits of

⁶⁴ A mesma noção errónea surge em REDMAN, 1903: 56; RAYMOND, 1949: 111; BORNTRAEGER, 1950: 146; GOTEIPE-MILLER, 1990: 28 e MARTINS, 2010: 61.

⁶⁵ Cf. BRIGADIER, 2002: 102-103.

⁶⁶ *Ibidem*.

evidence have emerged which justify them being given a wider date range» (HALL, 2012: 46).

Contudo, note-se que o achado de Belinho não é a única coleção de objetos que contradiz a veracidade e a adequação das balizas temporais tratadas. Primeiramente, também os objetos achados em Punta Cana, tratados no relatório feito por ROBERTS (2013), e os objetos achados em São Julião, estudados por CASTRO (2000) e BRIGADIER (2002), também confirmam a sobrevivência das formas para lá das balizas que autores anteriores criaram. Em segundo, imagens artísticas modernas, que incluem representações de objetos do quotidiano de estanho, e objetos de estanho moderno musealizados, também nos fazem questionar as balizas temporais que limitam as características formais de um objeto. Concentremo-nos em primeiro lugar nos achados de naufrágios e nos relatórios de Roberts, Castro e Brigadier.

Roberts sugere que os objetos de estanhos achados em Punta Cana constituíam a carga de um navio mercante, provavelmente vindo da Espanha em direção a Punta Cana⁶⁷. Entre este espólio, encontram-se pratos circulares muito semelhantes aos achados em Belinho. Estes pratos são, na sua maioria, de fundo em ônfalo e de bordo dobrado⁶⁸. Surgem tanto pratos fundos como pratos rasos⁶⁹, tal como se verifica no achado de Belinho. Relativamente às proporções das abas dos pratos, este número varia entre 21% e 48%⁷⁰, ou seja, encontram-se abas entre as proporções de aba normal e de aba ultra-larga. Atente-se que, novamente, está-se perante uma coleção de objetos que partilha do mesmo contexto temporal e que conta com a co-sobrevivência de formas tidas como temporalmente distantes.

A partir da análise das formas e da comparação entre o espólio de Punta Cana e do achado do Mary Rose, um navio naufragado em 1545 e trazido à superfície em 1982, o autor sugere que estes objetos são datados de meados do século XVI, afirmando que os pratos de fundo em ônfalo são uma «típica» (ROBERTS, 2013: 5) produção do Norte

⁶⁷ Cf. ROBERTS, 2013: 1.

⁶⁸ Cf. ROBERTS, 2013: 5.

⁶⁹ *Ibidem*.

⁷⁰ Cf. ROBERTS, 2013: 6.

da Europa quinhentista⁷¹. Neste seguimento, é importante reconhecer as parecenças formais entre os objetos achados em Punta Cana e aqueles achados em Belinho. Assim, surge uma nova reflexão relativa a uma possível datação da coleção em estudo. Será possível que a datação que Roberts fundamenta, no relatório de 2013, seja válida para os objetos de Belinho?

Por outro lado, após a análise do relatório de CASTRO (2000) e da dissertação de BRIGADIER (2002), que se centra no espólio de estanho naufragado em 1606 e achado na década de 90, em Lisboa, surge uma nova inquietação quanto à datação dos objetos em estudo. Analisando o inventário anexado ao relatório, reconhecem-se pratos fundos ou semi-fundos, de aba ampla e de bordo dobrado⁷². Contudo, apesar de, novamente, os objetos achados em São Julião serem formalmente semelhantes aos objetos achados em Belinho e, por conseguinte, aos objetos achados em Punta Cana, os períodos de datação definidos por Roberts e por Castro diferem, apontando o primeiro para meados do século XVI e o segundo para o final do século XVI e início do século XVII⁷³. Neste seguimento, conclui-se que ambos os autores reconheceram que as formas dos pratos achados são tão válidas para meados do século XVI, como para o início do século XVII, confirmando a ideia de que as formas sobrevivem ao longo da Idade Moderna com muita consistência. Consequentemente, resta ao investigador, após a leitura de ambos os relatórios, questionar a exatidão da datação de Roberts e da datação de Castro, uma vez que se reconhece que as balizas temporais limítrofes, que se criaram para a produção artística da Idade Moderna, não são um dogma adequado e deveriam ser, por isso, muito mais fluídas e menos exatas, a fim de se adequarem melhor à realidade da produção criativa da Época Moderna.

Em suma, até ao presente momento, expôs-se a co-sobrevivência de formas tidas como temporalmente afastadas e distintas datações para uma mesma forma. Resta concluir que as formas criadas para os pratos modernos se mantêm, durante muito tempo, estruturalmente inalteradas, devido à sua funcionalidade, adaptabilidade e à sua

⁷¹ Cf. ROBERTS, 2013: 5.

⁷² Vide CASTRO, 2000: 24-42; BRIGADIER, 2002: 103.

⁷³ Cf. CASTRO, 2000: 2, 8.

capacidade de dar resposta às variadas necessidades sociais e de etiqueta no comer. Reconhece-se um amplo e variado leque de proporções e de estilos, porém a forma permanece sem alterações estruturais muito significativas.

Finalmente, após a leitura da bibliografia, confronta-se esta análise com a de objetos semelhantes em contexto museológico e com imagens representativas de objetos de estanho modernos levantadas, na tentativa de verificar a grande amplitude da baliza temporal para a produção destas formas. Neste sentido, segue-se para a análise das seguintes imagens que contêm objetos musealizados semelhantes às peças achadas em Belinho.

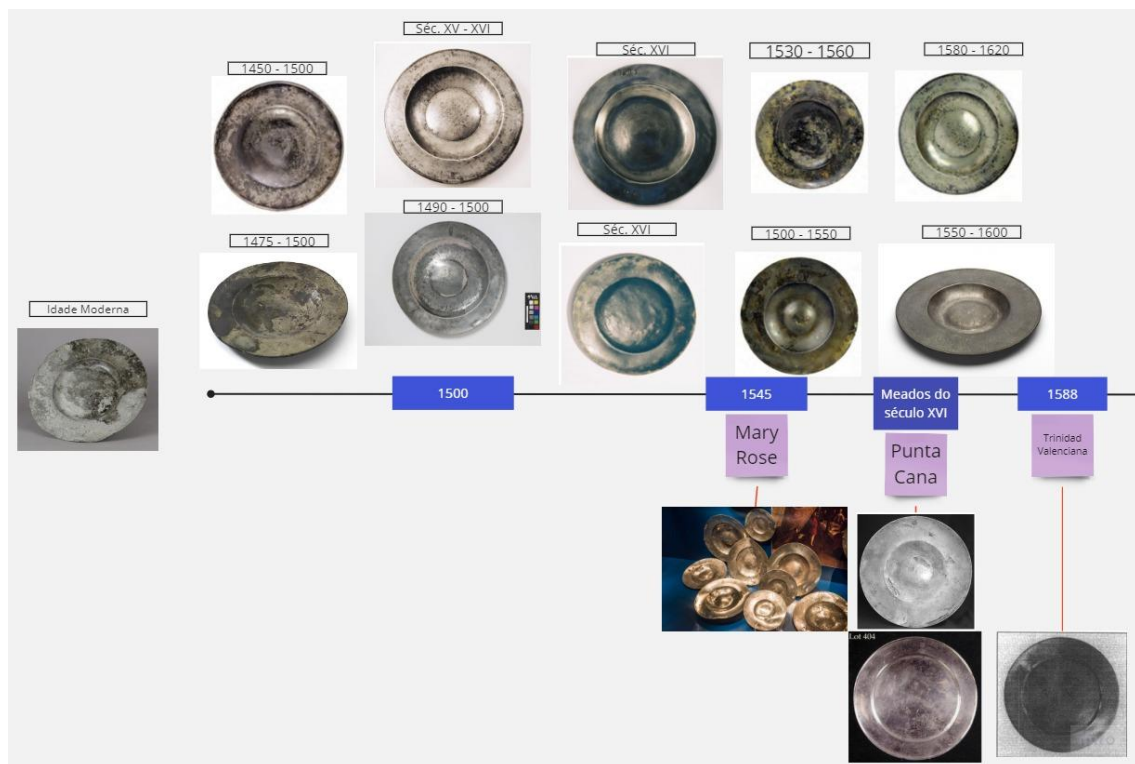


Imagem 11. Esquema com o levantamento de objetos do século XV e XVI musealizados formalmente semelhantes aos pratos em estudo. Fonte: elaboração da, na plataforma em-linha Miro.



Imagem 12. Esquema com o levantamento de objetos do século XVII musealizados formalmente semelhantes aos pratos em estudo. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

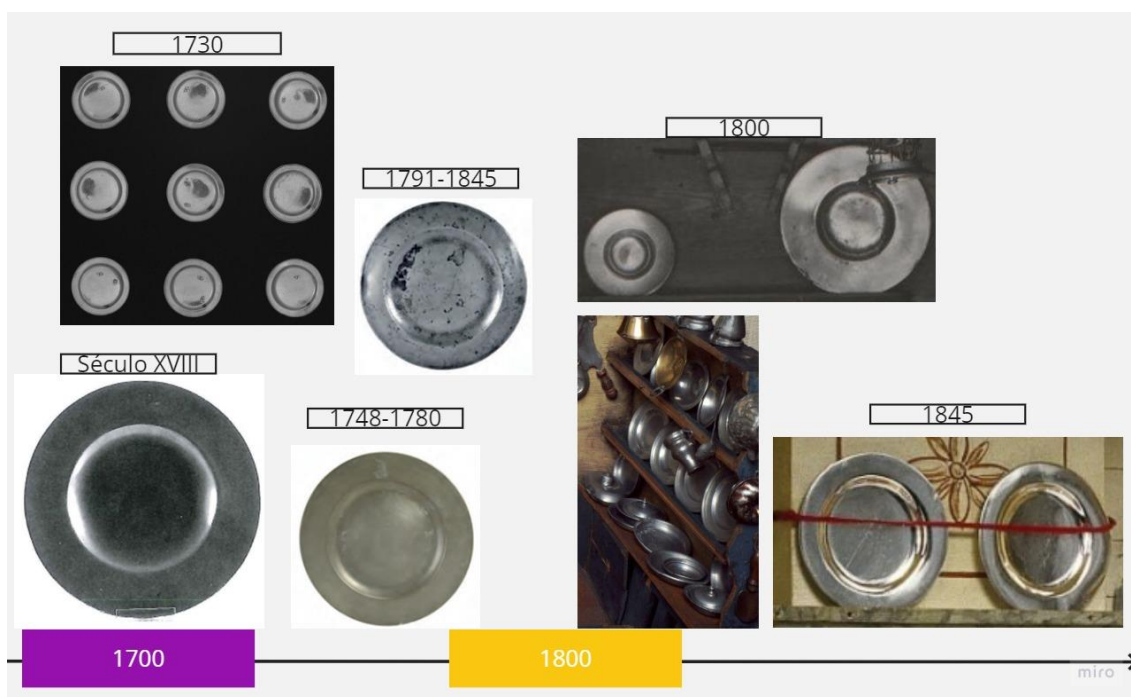


Imagem 13. Esquema com o levantamento de objetos do século XVIII e XIX musealizados formalmente semelhantes aos pratos em estudo. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

Na mesma linha, analisando as representações modernas de objetos formalmente semelhantes às peças em estudo levantadas, reconhece-se uma vasta variedade de

formas de prato, em termos de tamanho, profundidade do covo, largura da aba, entre outros aspetos formais.



Imagem 14. Esquema com o levantamento de imagens do século XV que incluem a representação de objetos formalmente semelhantes aos pratos em estudo. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

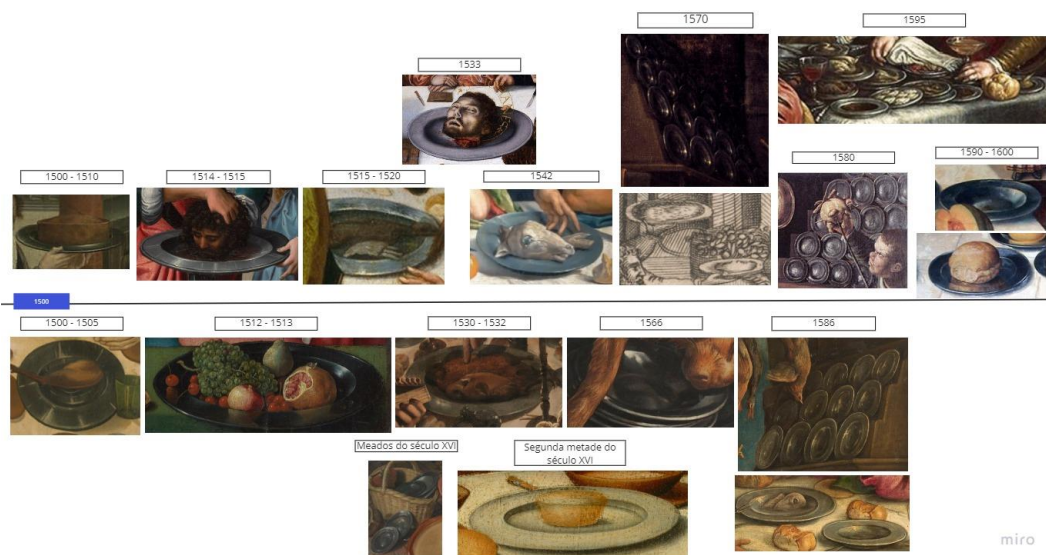


Imagem 15. Esquema com o levantamento de imagens do século XVI que incluem a representação de objetos formalmente semelhantes aos pratos em estudo. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

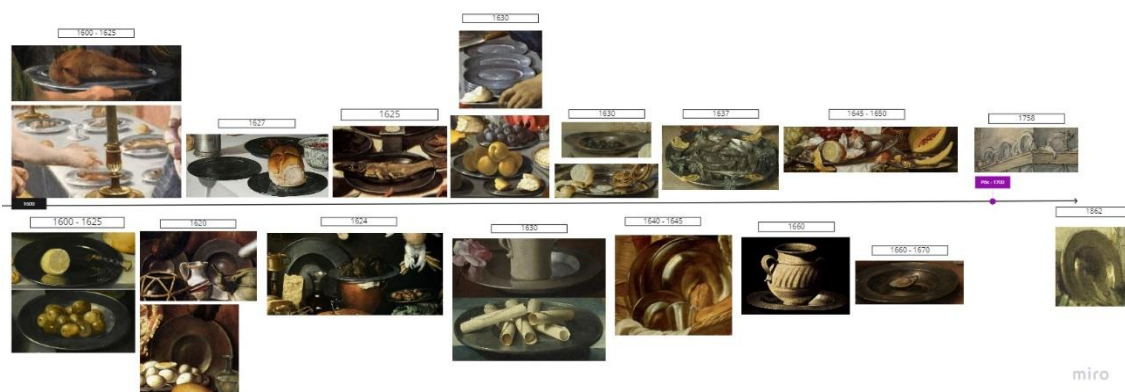


Imagem 16. Esquema com o levantamento de imagens do século XVII até ao XIX que incluem a representação de objetos formalmente semelhantes aos pratos em estudo. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

Esta seleção de objetos e de imagens da Época Moderna é suficiente para compreender que as balizas temporais definidas nas últimas décadas e divulgadas por REDMAN (1903: 56); RAYMOND (1949b: 111); BORNTAEGER (1950: 146); GOTELIPE-MILLER (1990: 28); MARTINS (2010: 61) e repetidamente em WEINSTEIN (2011) não são válidas, uma vez que recorrentemente vemos pratos de fundo em ônfalo posteriores ao século XVI, além de se reconhecer uma enorme variedade de proporções que as abas, a profundidade do covo e o diâmetro total do objeto podem tomar. Curiosamente, as cozinhas de casas de bonecas, datadas dos séculos XVII e XVIII e integradas nas imagens 12 e 13, esclarecem muito rapidamente sobre a convivência das formas. Nas suas cozinhas, que entendemos que são um reflexo das cozinhas do seu tempo, encontram-se simultaneamente pratos rasos e fundos, de aba curta ou larga e com fundo em ônfalo ou raso.

Nas palavras de REDMAN (1903: 56), «we are sorry to say that in our opinion it is impossible for anyone to tell exactly the date of old pewter vessels». No mesmo seguimento, GOTELIPE-MILLER (1990: 29) afirma:

«Since the available dating schemes have been compiled from flatware survived in attics, or have been passed down through generations as keepsakes or “collector’s items”, it is felt that these are biased towards the more remarkable examples of pewter manufacture, and that

everyday utilitarian wares are not well represented. Indeed we may see a Shift in existing dating horizons as more archaeological pewter is recovered.»

Tendo isto em consideração, questiona-se o porquê da persistência em datar objetos de tal natureza com base nos sistemas para já definidos, uma vez que rapidamente se reconhecem como inapropriados à realidade da Época Moderna. Neste sentido, toma-se necessário o desenvolvimento de novos alicerces teóricos que permitam datar estes objetos com maior veracidade.

Por fim, finaliza-se o presente capítulo, refletindo acerca do vocabulário que é utilizado e o vocabulário que era utilizado durante a Época Moderna para identificar as tipologias de pratos, tanto na língua portuguesa como na língua inglesa. A informação necessária foi organizada nas tabelas cinco a oito, constituintes do Anexo II.

Rapidamente se reconhece uma falta de concordância entre a língua inglesa e a portuguesa no que toca ao leque de vocábulos existente para se referir às diferentes tipologias de pratos reconhecidas no contexto inglês. Enquanto, nesse contexto, existem os termos *saucer*, *plate*, *dish*, *charger* e, apesar de surgir mais raramente, *platter*, em Portugal o leque é mais restrito. De facto, nos inventários portugueses modernos lê-se, essencialmente, prato pequeno, prato médio ou prato grande⁷⁴, além de que se poderia mencionar a função que tal objeto viria a servir, como por exemplo prato de esmolos, entre outros. Note-se que esta realidade permanece nos dias de hoje, sendo que a função determina a designação no caso do prato de sobremesa, no prato de sopa, no prato de salada, entre outros cenários. Neste seguimento, reconheceu-se, muito rapidamente, uma lacuna terminológica no estudo destes objetos, uma vez que em Inglaterra os objetos em estudo estão muito mais fragmentados e categorizados do que em Portugal, o que dificulta o processo de adaptação do conhecimento produzido em Inglaterra para o contexto português.

⁷⁴ Cf. SOUSA, 2010: 522.

Outra dificuldade linguística reconhecida na leitura de publicações inglesas foi a discrepância que existe entre diferentes autores ou entidades relativamente à definição de um só vocábulo. Exemplificando, um autor utiliza a palavra *saucer* para se referir a um prato com menos de 16.5 cm de diâmetro, como é o caso de Gotelipe-Miller⁷⁵, enquanto um outro chama *saucer* a um prato com 19cm de diâmetro, como Weinstein⁷⁶. Além disso, sublinha-se que ainda não foi possível compreender o critério das instituições museológicas inglesas que, às vezes, optam pelo vocábulo *dish* e, outras vezes, pela palavra *plate*. Independentemente disso, reconhece-se que não existe ligação entre a discussão linguística que tem vindo a surgir entre autores e as definições atribuídas pelos museus. Tais discordâncias linguísticas, que criam uma enorme ambiguidade que afeta necessariamente o entendimento de um certo objeto, deveriam ser rapidamente reconhecidas, a fim de se criar um mais coerente alicerce linguístico para ser possível desenvolver o estudo da tipologia do prato. Este deverá ser um desafio a valorizar no futuro para o desenvolvimento do estudo dos objetos de mesa.

De seguida, surgem as reflexões acerca destas divergências linguísticas, reconhecidas dentro da mesma língua (o inglês) e entre duas diferentes (o inglês e o português). Porque é que em Inglaterra se sentiu a necessidade de categorizar tanto os objetos de acordo com o seu tamanho? E será tal categorização inteiramente válida, após, anteriormente, se ter verificado que a sobrecategorização dos objetos do quotidiano moderno não se adequa ao contexto social, histórico e artístico da Época Moderna? Neste sentido, procurou-se aprofundar o tema.

Por um lado, Roberts afirma que a terminologia atualmente utilizada para a categorização das larguras das abas (entre *narrow* e *broad*) deveria ser mais apropriada através da análise dos documentos do século XVI⁷⁷, a fim de desvalorizar o sistema criado pelos colecionadores e estudiosos do tema e sobrelevar a terminologia do tempo de produção dos objetos. Apesar de não acreditar na quantificação da largura das abas, o autor aconselha a que os estudiosos elaborem um juízo qualitativo com base na

⁷⁵ Cf. GOTEIPE-MILLER, 1990: 28.

⁷⁶ Cf. WEINSTEIN, 2011: 13

⁷⁷ Cf. ROBERTS, 2013: 6.

aparência do objeto⁷⁸ e não tanto nas suas medições. Neste sentido, reconhece-se a necessidade de estudar os documentos da época para se conhecer o sistema linguístico e classificativo em contexto.

Por outro lado, reconhecemos a possibilidade de não se optar por criar uma terminologia baseada no tamanho, mas sim noutros aspetos do objeto. Primeiramente, após se aprender que, na Idade Moderna, os pratos não eram vendidos tendo em conta o seu tamanho ou diâmetro, mas sim o seu peso⁷⁹, e que as formas de *charger*, *platter*, *dish* e *saucer* tinham de cumprir com um certo peso padrão⁸⁰, questionamos se não seria mais válido manter a sua categorização centrada no peso e não no tamanho. Outra possibilidade levantada, após a leitura de RAYMOND (1947), centra-se na profundidade do covo dos pratos. Nas palavras do autor,

«Obviously dishes came in many sizes, and one gets the impression that these are listed in a diminishing sequence. The expression "big deep dishes" at the head of the list seems to me to be of especial significance. They were not chargers or platters. This evidence seems to support the impression which I have gotten from Welch's History of the Pewter Company, that the classification as a dish was not a matter of size, but one of depth. Plates and platters were flat, dishes more like what we call soup plates. [...] Returning to the dish question, Sir John Eliot of Cuttenbeake, Cornwall, had, before his death in 1632 [...] 17 pewter dishes and 13 other small dishes and saucers. Some were great and some were small. But apparently small "dishes" were not plates or platters.» (RAYMOND, 1947: 41)

Neste caso, olhando para a documentação da época de produção dos pratos modernos, reconhece-se uma lacuna que a terminologia desenvolvida atualmente não

⁷⁸ *Ibidem.*

⁷⁹ Cf. REDMAN, 1903: 20; MASSÉ, 1910: 39-40; MASSÉ, 1915: 167; MASSÉ, 1921: 61; GOTELIPE-MILLER, 1990: 28; WEINSTEIN, 2011: 40.

⁸⁰ Cf. MASSÉ, 1910: 40.

dá resposta. Novamente, entende-se necessário rever o sistema de classificação dos pratos modernos, recomendando-se a análise da documentação da época.

Uma última reflexão a realizar acerca do achado de Belinho centra-se no número de pratos e de fragmentos de prato achados. Uma vez que o número é substancial, pressupõe-se que estes objetos fizessem parte da carga da embarcação. Nesse cenário, toma-se a embarcação naufragada como um navio mercante. No entanto, reconhece-se a possibilidade de nem todos os pratos serem carga e alguns deles serem objetos utilizados no quotidiano a bordo, uma vez que seria natural a tripulação comer com objetos de madeira, enquanto as classes mais altas, incluindo os oficiais, usarem objetos de metal, recorrentemente estanho⁸¹. À imagem do estudo realizado por Roberts, apesar da má condição dos pratos, degradados por causa do naufrágio e do ambiente marítimo em que viveram durante séculos, após tratamento de conservação e de restauro, poderá ser possível achar marcas de facas⁸² deixadas nos pratos ao comer, devido à maleabilidade característica do estanho. Tal elemento poderá esclarecer se o objeto foi usado para comer e, possivelmente, criar a hipótese de ter sido utilizado a bordo pelos indivíduos de posição social mais elevada. Relativamente ao destino da restante mercadoria, muito dificilmente se descobrirá, a partir somente da observação dos objetos, se iria servir o meio eclesiástico ou secular. Nas palavras de Burgess, «many of the cups, dishes and other objects in private houses in olden time were either identical with those then used for church purposes or they had been derived from similar sources without regard to their ultimate use» (BURGESS, 1921: 117). Neste sentido, o destino final dos objetos do achado de Belinho permanece uma incógnita. Contudo, é quase certo que se destinassem a servir ambientes eclesiásticos e seculares.

3.1.1. Pratos octogonais

⁸¹ Cf. WEINSTEIN, 2011: 61, 82.

⁸² Cf. ROBERTS, 2013: 19.

Entre os 96 pratos de estanho inventariados, destacam-se dois pratos octogonais, denominados na língua inglesa por *pointed dishes* ou *pointed plates*⁸³, dependendo do seu diâmetro total.



Imagem 17. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0324. Diâmetro máximo: 21.5 cm; diâmetro interno: 13.5 cm; Largura da aba: 4 cm; peso: 414 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0324.IM (6). Fonte: fotografia da autora.



⁸³ Cf. ROBERTS, 2013: 10.

Imagem 18. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0416. Diâmetro máximo: 21.3 cm; diâmetro interno: 13.1 cm; Largura da aba: 4 cm; peso: 401 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0416.IM (1). Fonte: fotografia da autora.

Após a análise da bibliografia, reconhece-se que muito pouco se sabe sobre esta tipologia de pratos da Época Moderna. Atente-se que esta forma sempre foi considerada como uma criação dos Países Baixos, do final do século XVI, porém somente na prata e não no estanho⁸⁴. Neste sentido, reconhece-se uma realidade fundamental na criação artística da Idade Moderna que se trata da correspondência de tipologias e de características formais entre diferentes materiais. É uma realidade transversal a um incontável número de tipologias de objetos e de materiais.

Sem precedente, Roberts argumenta que o achado de Punta Cana, que contém alguns pratos octogonais, vem provar que esta forma existe em Inglaterra antes da data supramencionada⁸⁵. Após o levantamento de imagens, na procura por representações de objetos formalmente semelhantes aos do achado de Belinho, compreendeu-se que esta forma não surge tão comumente como a dos pratos circulares e, por isso, pressupõe-se que seria, de facto, bastante menos usual no quotidiano de uma casa moderna.

Relativamente à técnica que permite dar esta forma aos pratos, compreende-se que, na sua origem, os pratos partiriam de um molde de um prato circular e que, posteriormente, seriam cortados de maneira a atribuir-lhes a forma octogonal⁸⁶. Tal técnica justifica a irregularidade da forma e da largura da aba e o facto de surgirem, no limite da mesma, marcas cortadas a meio⁸⁷.

Tomando todas estas questões em consideração, tal como Roberts considera que «the discovery of the Punta Cana pewter suggests the shape was familiar long before [late 16th and early 17th Century]» (ROBERTS, 2013: 11), então o achado de Belinho também é um importante fator para a compreensão desta forma nos pratos modernos.

⁸⁴ Cf. ROBERTS, 2013: 12.

⁸⁵ Cf. ROBERTS, 2013: 12, 14.

⁸⁶ Cf. ROBERTS, 2013: 10-11.

⁸⁷ Cf. ROBERTS, 2013: 11.

Neste sentido, recomenda-se uma intensa divulgação, integrando contextos científicos distintos, a fim de dar a conhecer este importante achado e contribuir para a sua compreensão. Tal achado poderia e deveria ser sobrelevado, tendo em conta que as palavras de Roberts, «This distinctive and hitherto unrecorded form is perhaps the most surprising component of the pewter assemblage» (ROBERTS, 2013: 10), poderão também ser entendidas como válidas para o achado de Belinho.

3.2. Escudelas

No decorrer do estágio, foram inventariadas três escudelas de estanho. Seguindo a metodologia utilizada por HAYWARD & MARSDEN (2015, 2016), identifica-se que uma das escudelas possui um covo de fundo em ônfalo de categoria *bossed*, de paredes curvas, e duas abas de cinco lóbulos; a segunda escudela possui um covo de fundo em ônfalo de categoria *domed*, de paredes curvas e duas abas de três lóbulos, uma delas incompleta; e, por fim, na terceira escudela, gravemente deformada devido a críticas alterações estruturais, reconhece-se meramente as duas abas de três lóbulos, sendo a tipologia do covo irreconhecível. Anteriormente à realização do estágio, a equipa de investigação já tinha identificado as duas primeiras escudelas. A terceira, devido à sua deformação estrutural, estava classificada, na ficha de inventário preexistente, como um prato.



Imagem 19. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0006. Diâmetro do covo: 14.4 cm; largura da aba: 6 cm; peso: 366 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0006.IM (8). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 20. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0006. Diâmetro do covo: 14.4 cm; largura da aba: 6 cm; peso: 366 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0006.IM (10). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 21. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0337. Diâmetro do covo: 16.5 cm; largura da aba: 3 cm; peso: 416 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0337.IM (8). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 22. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0337. Diâmetro do covo: 16.5 cm; largura da aba: 3 cm; peso: 416 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0337.IM (13). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 23. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0408. Comprimento: 17.1 cm; largura: 11.2 cm; peso: 408 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0408.IM (4). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 24. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0408. Comprimento: 17.1 cm; largura: 11.2 cm; peso: 408 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0408.IM (7). Fonte: fotografia da autora.

Relativamente à técnica de produção desta tipologia de objetos, o fabrico do covo é semelhante ao fabrico dos pratos, desenvolvido no capítulo 3.1. Por outras palavras, este é estruturado através de um molde⁸⁸. Surpreendentemente, não seria tão comum as escudelas serem marteladas para aperfeiçoar a forma das paredes do corvo, como seria na produção de pratos⁸⁹. A produção de uma escudela particulariza-se pelo acrescento das asas ao covo. Apesar de ser possível, a partir de um só molde, estruturar uma escudela com asas, este processo de fabrico é muito mais raro⁹⁰. De facto, o normal seria produzir, de forma independente, as asas e o covo e, mais tarde, soldá-los. Outra possibilidade seria encostar à parede exterior do covo (já terminado) o molde da asa e deitar o metal derretido que viria estruturar a asa⁹¹. O segundo método implicava a utilização de um pano de linho no interior do covo, de modo a impedir que o metal da asa ainda derretido no molde não escorresse e não danificasse o interior do objeto⁹².

⁸⁸ Cf. HAYWARD, MARSDEN, 2015: 8.

⁸⁹ *Ibidem*.

⁹⁰ *Ibidem*.

⁹¹ Cf. HAYWARD, MARSDEN, 2015: 9.

⁹² *Ibidem*.

Tendo em conta que o covo e as asas de uma só escudela poderão ser, originalmente, dois elementos independentes, entende-se possível que um covo e as asas de uma só escudela tenham sido produzidas por duas mãos diferentes. Essencialmente, tal está relacionado com o maior desgaste das mesmas e necessidade de troca. Neste sentido, é possível identificar vários cenários que levem a que uma escudela seja, na verdade, uma produção inter-temporal. Em alguns casos, seria possível comprar uma tijela e soldar as asas posteriormente. Igualmente possível será encontrar escudelas de asas formalmente diferentes⁹³. As possíveis circunstâncias são variadas. Neste seguimento, identifica-se um risco na datação de uma escudela através da sua forma, uma vez que, erroneamente, um investigador poderá datar a escudela como um todo, ignorando que os diferentes elementos poderão ter um contexto de produção temporal diferente entre si.

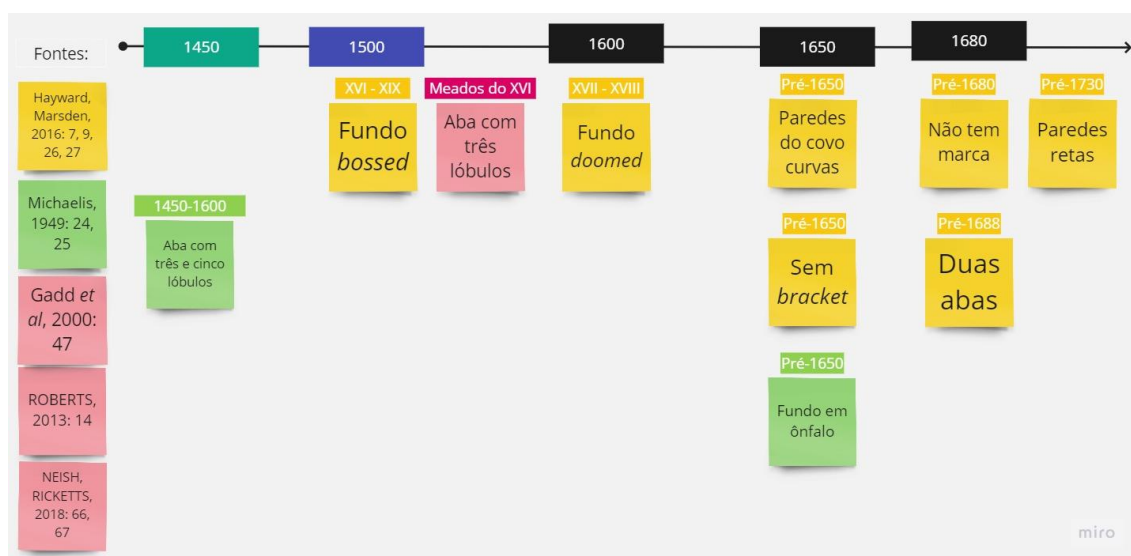


Imagem 25. Esquema com a informação conseguida através da leitura da bibliografia sobre escudelas. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

Segue-se para a análise das duas formas identificadas, entre o achado de Belinho, e da datação que ambas sugerem. Desde o início da leitura do estudo de Hayward e Marsden se compreende que a descrição e análise formal dos objetos está muito

⁹³ Cf. MASSÉ, 1915: 187.

compartimentada, havendo uma categorização específica para o fundo do covo, outra para as paredes, uma terceira para a asa e, por fim, para os *brackets*.

Relativamente ao fundo do covo, os autores Hayward e Marsden afirmam que fundos *bossed* deverão ter surgido no século XVI, como comprova o achado de Punta Cana; tornaram-se a forma dominante da produção inglesa no século XVIII; e sobreviveram até ao início do século XIX⁹⁴. A segunda forma, o fundo *domed*, é tida pelos dois autores como raro e, apesar de a seleção de objetos com um fundo assim ser limitado, assumem que esta forma sugere uma produção do século XVII até ao primeiro quartel do XVIII⁹⁵.

Quanto às paredes de covo reto, Hayward e Marsden concluem que essa forma permanece ao longo das primeiras duas décadas do século XVIII⁹⁶, sem reflexões quanto à sua origem temporal. Relativamente ao covo curvo, os autores assumem que a datação de objetos com essa forma deverá ser anterior a 1650, devido ao achado de Punta Cana⁹⁷.

Quanto ao estudo das abas das escudelas, um primeiro elemento que participa no processo de datação dos objetos é reconhecer se a escudela possui uma ou duas abas. Segundo Hayward e Marsden, a partir de sensivelmente 1688, normaliza-se as escudelas de somente uma aba, com exceção das escudelas de crianças e das escudelas decorativas ou comemorativas que permanecem com duas abas⁹⁸. Neste sentido, os autores propõem que escudelas de duas abas deverão ser anteriores a esta data. Ambas as escudelas achadas em Belinho possuem duas abas, o que sugere uma produção anterior a 1688.

Relativamente à forma das asas achadas em Belinho, o estudo de Hayward e de Marsden não dá resposta, uma vez que não a incluem no seu levantamento estudado. Neste sentido, foi necessária a consulta de outra bibliografia. Acharam-se várias

⁹⁴ Cf. HAYWARD, MARSDEN, 2016: 8.

⁹⁵ *Ibidem*.

⁹⁶ Cf. HAYWARD, MARSDEN, 2016: 4.

⁹⁷ Cf. HAYWARD, MARSDEN, 2016: 7.

⁹⁸ Cf. HAYWARD, MARSDEN, 2016: 26.

escudelas de fundo em ônfalo, de paredes do covo curvas e com abas de três lóbulos, tratadas por outros autores. Três destas estão datadas de meados do século XVI, tanto de produção inglesa⁹⁹ como de produção holandesa¹⁰⁰. Uma outra escudela de igual aba foi encontrada numa embarcação naufragada em 1554¹⁰¹. Apesar de não lhe ser sido atribuída uma data de produção, o facto de existir em meados do século XVI está de acordo com as datações para já recolhidas. Para além disso, no relatório de Roberts, o autor escreve «All conform to general expectations for 16th Century porringers in that they have two ears with multi-lobed margins and a bossed base» (ROBERTS, 2013: 14). Esta descrição e as imagens dos objetos mencionados correspondem a duas das escudelas achadas em Belinho. Neste sentido, entende-se que a datação de escudelas de covo curvo e de fundo em ônfalo e de aba com três lóbulos é muito consistente, centrada em meados do século XVI, o que leva a que esta datação seja entendida como válida para as duas escudelas de Belinho.

Por outro lado, quanto à escudela com asa de cinco lóbulos, esta forma não integra, novamente, o estudo de Hayward e Marsden e, infelizmente, só se encontrou dois objetos formalmente semelhantes. Trata-se de uma escudela integrante do espólio de Punta Cana e, por isso, datada de meados do século XVI, e de uma escudela integrante do achado de La Belle, naufrágio que ocorreu em 1686. Infelizmente, não há menção de uma datação para a produção desta segunda escudela. As únicas leituras que mencionam escudelas de asas com cinco lóbulos são o relatório de Roberts e um artigo de MICHAELIS (1949). Este segundo autor data a produção desta forma entre 1450 e 1600¹⁰². Por sua vez, Roberts não se concentra na datação da forma, mas sim na geografia de exportação da forma. O autor considera que, não havendo paralelos formais no resto da Europa, a asa de cinco lóbulos deverá ser uma forma específica para o comércio espanhol e, possivelmente, mediterrânico¹⁰³. Uma vez que, não havendo mais informação sobre tal, se esta proposta de Roberts for entendida como válida, cria-

⁹⁹ Cf. NEISH, RICKETTS, 2018: 66, 67.

¹⁰⁰ Cf. GADD, RICHARDSON, BOORER, 2000: 47.

¹⁰¹ Cf. ARNOLD, 1978: 290.

¹⁰² Cf. MICHAELIS, 1949: 24.

¹⁰³ Cf. ROBERTS, 2013: 15.

se a hipótese de que o espólio transportado pelo navio naufragado em Belinho apresenta pelo menos uma forma especializada para o comércio ibérico e, por conseguinte, é credível que o destino dos objetos em estudo fosse a Península Ibérica ou uma das suas colónias. Contudo, antes de formular tal dedução, tem de se averiguar se as três escudelas achadas seriam objetos de carga ou objetos de uso quotidiano a bordo. Novamente, enquanto o grosso da tripulação usava objetos de madeira para comer, as classes mais altas servir-se-iam de pratos de metal, recorrentemente estanho¹⁰⁴. Esse cenário explicaria o facto de se terem achado somente três escudelas. No entanto, no caso de se verificar que estas três escudelas poderiam fazer parte da carga da embarcação, pressupõe-se que haverá mais exemplares ainda por achar.

O último elemento de análise, essencial para compreender o método de produção e, por conseguinte, a datação do objeto, é o *bracket*. Trata-se de um elemento estrutural que reforça o ponto de ligação entre as asas e o covo, localizando-se, por isso, debaixo das asas. No caso dos objetos achados em Belinho, ambas as escudelas não têm *bracket*. Segundo Hayward e Marsden, o seu levantamento não conta com escudelas sem *bracket* suficientes para retirarem conclusões quanto à sua datação. Porém, afirmam simplesmente «Indeed, many pre-1650 porringers have no brackets» (HAYWARD, MARSDEN, 2016: 13). Apesar de ser a única informação conseguida relativa ao tema, se a considerarmos válida, poderá, então, corroborar que as escudelas de Belinho são anteriores a meados do século XVII. Tal noção vai de encontro com os sistemas de datação para já considerados para os covos e para as asas das escudelas de Belinho. Atente-se que houve uma tentativa de verificar esta datação divulgada por Hayward e Marsden, porém reconheceu-se como uma dificuldade saber se um objeto em contexto museológico ou integrante de um inventário tem ou não *bracket*, uma vez que só se poderá ter esse conhecimento se estiver claramente descrito ou fotografado. Após a pesquisa realizada, compreendeu-se que não é comum partilhar-se a existência ou não de *brackets* nas escudelas. A única exceção trata-se do relatório de Roberts, no qual,

¹⁰⁴ Cf. WEINSTEIN, 2011: 61, 82.

claramente, se percebe que as escudelas não têm *brackets* por baixo das asas¹⁰⁵. Tal achado quinhentista fundamenta a noção de Hayward e de Marsden de que escudelas sem *bracket* serão anteriores a 1650.

Tendo em consideração a informação recolhida e com o auxílio da sua organização na imagem 25, entende-se como válida a hipótese de que as três escudelas achadas em Belinho poderão ter sido produzidas entre meados do século XV e meados do século XVII. Apesar de se criar esta datação relativa, tomam-se como válidas, para o estudo das escudelas modernas, as reflexões realizadas no capítulo 3.1, integrando a questão da sobrecategorização das formas, o consequente dogmatismo dos sistemas de datação para já construídos e a necessidade de construir novos alicerces teóricos mais adaptados à realidade da produção de objetos do quotidiano moderno. Novamente, verifica-se que a datação de escudelas musealizadas formalmente semelhantes às aquelas achadas em Belinho e as imagens artísticas modernas que incluam uma representação de objetos do quotidiano de estanho nos obrigam a questionar as balizas temporais recolhidas da leitura da bibliografia.

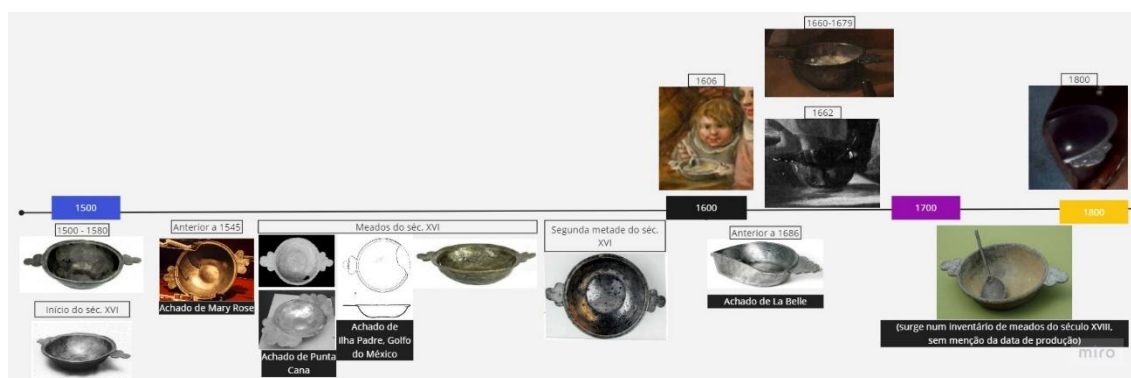


Imagem 26. Esquema com o levantamento de objetos musealizados e de imagens com representações de objetos formalmente semelhantes às escudelas em estudo. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

Por outro lado, o facto de haver pouco conhecimento sobre escudelas de estanho cria uma dependência muito grande num reduzido núcleo de autores e em poucas

¹⁰⁵ Cf. ROBERTS, 2013: 14.

publicações. Daí que não se consegue confrontar diferentes realidades e diferentes contextos do estudo das escudelas de estanho modernas. Por sua vez, tal leva a que o conhecimento sobre o tema seja muito menor e, de certo modo, mais questionável. Neste sentido, reconhece-se a necessidade de um maior desenvolvimento do tema das escudelas modernas e da produção de mais conhecimento, a partir da observação de uma maior e mais variada seleção de escudelas. Neste processo de aprofundamento do estudo das escudelas, recomenda-se ter sempre em consideração o inadequado processo de datação para o estudo dos pratos modernos, tratado no capítulo 3.1., a fim de não se cair, novamente, no mesmo erro.

Relativamente às funções desta tipologia de objeto, a mais primordial é a de servir comida semilíquida, como caldos, sopas e papas¹⁰⁶. Contudo, a escudela servia muitos mais propósitos. Nas palavras de MICHAELIS (1949a: 23), «It is probably quite true to say that porringers were, at times, used for all the purposes indicated by their various appellations». Não obstante, numa tentativa de numerar alguns usos recolhidos, reconhecemos que as escudelas poderiam servir tanto para comidas sólidas como para beber líquidos¹⁰⁷, o que inclui a prova de vinho¹⁰⁸. Também poderia servir molhos como uma molheira¹⁰⁹. Na cozinha, poderia servir de tijela medidora¹¹⁰, tijela para misturar ingredientes¹¹¹ e como coador¹¹², caso tivesse perfurações no fundo. Na medicina, uma escudela poderia servir para a preparação de medicamentos, para servir a comida, bebida e medicamentos aos doentes¹¹³ e poderia recolher o sangue retirado durante uma sangria¹¹⁴. No quotidiano, a forma da escudela serviria também como bacia para fazer a barba¹¹⁵. Curiosamente, no quotidiano a bordo, seria usual a escudela que

¹⁰⁶ Cf. HAYWARD, MARSDEN, 2015: 10, 11.

¹⁰⁷ Cf. HAYWARD, MARSDEN, 2015: 10.

¹⁰⁸ Cf. MICHAELIS, 1949a: 23; HAYWARD, MARSDEN, 2015: 14.

¹⁰⁹ Cf. HAYWARD, MARSDEN, 2015: 10.

¹¹⁰ Cf. RUCKMAN, 1948: 52; HAYWARD, MARSDEN, 2015: 10, 13.

¹¹¹ Cf. HAYWARD, MARSDEN, 2015: 10.

¹¹² Cf. HAYWARD, MARSDEN, 2015: 14.

¹¹³ Cf. HAYWARD, MARSDEN, 2015: 11.

¹¹⁴ Cf. HAYWARD, MARSDEN, 2015: 12.

¹¹⁵ Cf. BOND, 2009: 136.

serviria para sangrias ser a mesma usada para fazer a barba ¹¹⁶, uma vez que, na Época Moderna, o barbeiro a bordo era também quem praticava os tratamentos médicos¹¹⁷. No contexto litúrgico, as escudelas poderiam ser incluídas nos batismos¹¹⁸, em substituição da concha. Por fim, também identificamos, não só na bibliografia, como em objetos musealizados, que existiam escudelas em miniatura que serviam de brinquedos. Estes, curiosamente, poderiam servir de forma de recompensa a crianças, por alguma tarefa que teriam executado¹¹⁹.

No que toca às dificuldades linguísticas, estas foram mais rapidamente identificadas no estudo das escudelas do que no dos pratos, tal como observado no capítulo 3.1. Exemplificando, uma diferenciação nas duas análises trata-se do facto de Hayward e Marsden discriminarem as várias tipologias de fundo, utilizando os vocábulos *bossed* e *domed*. Na língua portuguesa, denominar-se-ia os dois tipos de fundo como fundo em ônfalo, sem diferenciação, pelo que a tradução do vocabulário utilizado para a descrição destes objetos para o português foi novamente uma limitação. Outra dificuldade tratou-se de achar uma tradução para a palavra *bracket*. Não tendo sido encontrada nenhuma devidamente apropriada, manteve-se a palavra inglesa na redação do presente texto. De resto, o vocabulário encontrado para se referir à escudela é extremamente variado, dependendo da função atribuída ao objeto. Daí que é possível que as expressões «drinking vessel» (NORTH, 1999: 56); «ear dishes» (HAYWARD, MARSDEN, 2015: 9); «small deep dish» (HAYWARD, MARSDEN, 2015: 10); «bleeding bowls» (HAYWARD, MARSDEN, 2015: 10); «measuring bowls» (HAYWARD, MARSDEN, 2015: 13); «wine tasters» (HAYWARD, MARSDEN, 2015: 14); «strainer» (*ibidem*); «shaving bowls» (BOND, 2009: 136) remetam à tipologia da escudela.

Uma última reflexão acerca da denominação de escudela centra-se nos dicionários setecentistas portugueses. Após a análise da tabela 9 do Anexo II, compreende-se que no século XVIII não se restringia escudela e tigela a um limitado leque material,

¹¹⁶ Cf. BOND, 2009: 138.

¹¹⁷ Cf. BOND, 2009: 142.

¹¹⁸ Cf. HAYWARD, MARSDEN, 2015: 11.

¹¹⁹ Cf. RUCKMAN, 1948: 52.

excetuando no dicionário de SILVA & BLUTEAU (1789) que reduz tigela a um objeto feito em barro ou metal. No entanto, os dicionários portugueses atuais limitam a palavra escudela à madeira ou, na minoria dos casos, à madeira e à porcelana. Neste seguimento, realizou-se uma pesquisa por *porringer* nos dicionários ingleses e compreendeu-se que as definições inglesas são muito mais apropriadas para o estudo das escudelas de estanho, pois ou não restringem o objeto a um limitado leque material ou incluem, nesse leque, o metal. Apesar de a definição portuguesa atual não prever que estes objetos possam ser feitos de metal, o que deriva do facto de, a partir dos séculos XVII e XVIII, se privilegiar a cerâmica em detrimento do metal, entendeu-se que a palavra mais apropriada para classificar esta tipologia de objetos seria escudela.

3.3. Colheres

Durante o estágio, foram inventariados uma colher e um fragmento de colher, respetivo somente à concha do objeto. Para o estudo das colheres, consultou-se as obras de PRICE (1908), HOMER (1980) e WADLEY (1985), específicas para o estudo desta tipologia, além de algumas considerações mais gerais nas obras de MASSÉ (1910, 1915, 1921) e de NORTH (1999).



Imagem 27. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0717. Comprimento: 15 cm; comprimento da concha: 6 cm; largura da concha: 6.5 cm; comprimento da haste e do remate: 9 cm; peso: 27 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0717.IM (6). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 28. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0715. Comprimento: 6.2 cm; largura: 5 cm; peso: 21 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0715.IM (7). Fonte: fotografia da autora.

Comparando as conchas dos dois objetos, identifica-se que estas são formalmente distintas. O fragmento de colher possui uma concha de muito menor largura do que a concha da colher completa e, por isso, a diferença entre as larguras das extremidades é muito mais ligeira no primeiro caso do que no segundo. Apesar dessa diferença ser evidente, dir-se-ia, na língua inglesa, que ambas as conchas são *fig-shaped*, isto é, em forma de figo, sendo que a concha do fragmento de colher está mais próxima de uma forma oval. Relativamente às hastes, apenas sobreviveu uma que, perto da concha, é mais plana e, ao longo do comprimento até ao remate, vai tomando uma forma quadrilátera de arestas arredondadas. O remate da haste corresponde a uma esfera apontada na extremidade superior.

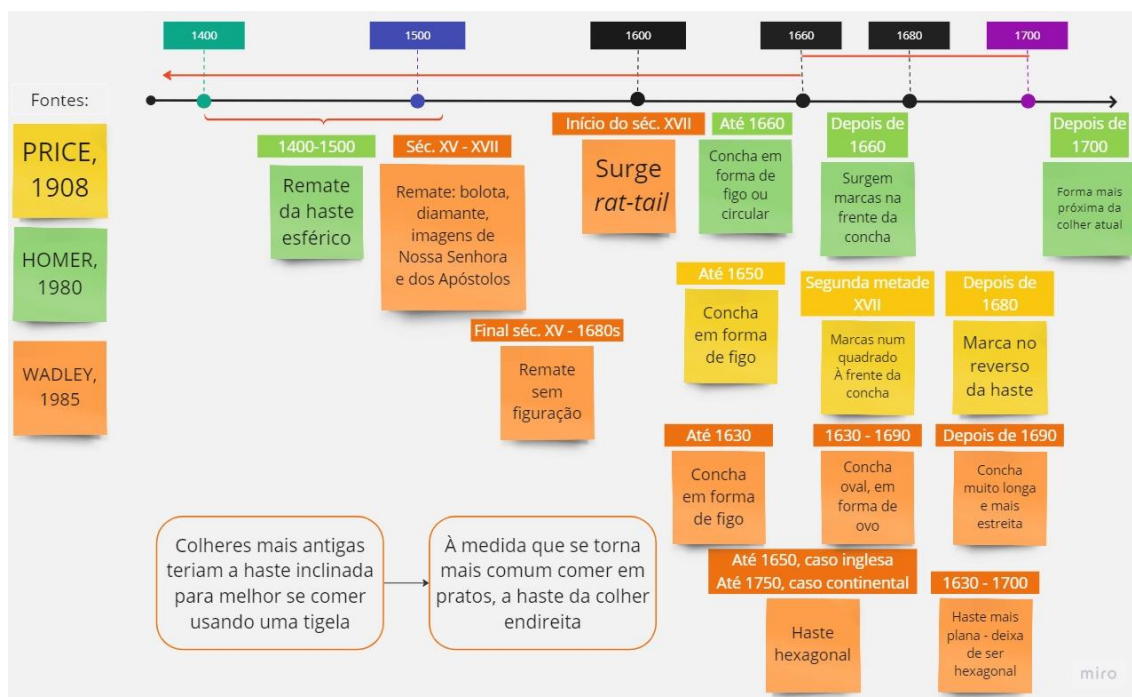


Imagem 29. Esquema com a informação conseguida através da leitura da bibliografia sobre colheres. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

Relativamente à evolução formal da colher, a informação conseguida através da leitura da bibliografia foi organizada na imagem 29. Compreende-se que, inicialmente, as conchas são em forma de figo, bastante mais largas na base do que no arranque para a haste, que as hastes seriam hexagonais e que o remate seria mais comumente uma esfera¹²⁰. Esta seria a forma mais comum até meados do século XVII¹²¹, podendo variar o remate da haste em diferentes temáticas figurativas comuns, como uma bolota, um diamante, imagens da Nossa Senhora ou imagens dos Apóstolos¹²². Nessa data, a largura da concha torna-se mais equilibrada do que anteriormente, mais próxima à forma oval e as hastes seriam mais planas¹²³ e, numa primeira fase, a terminar num volume quadrangular perto do remate e, pouco mais tarde, tornar-se-iam planas na sua totalidade¹²⁴. Note-se que, no início do século XVII, ocorreu uma evolução estrutural no

¹²⁰ Cf. PRICE, 1908: 7; MASSÉ, 1915: 208; HOMER, 1980: 14.

¹²¹ Cf. PRICE, 1908: 8; HOMER, 1980: 14.

¹²² Cf. WADLEY, 1985: 28.

¹²³ Cf. WADLEY, 1985: 39, 40.

¹²⁴ Cf. PRICE, 1908: 8; HOMER, 1980: 16.

reverso da concha¹²⁵, uma adição estrutural que permanece até a primeira metade do século XVIII¹²⁶. Começou-se a adicionar uma língua, que pode ser interpretada como uma extensão da haste para a concha, denominada na língua inglesa como «rat-tail» (WADLEY, 1985: 31). Esta teria como função reforçar o arranque da haste, para estruturalmente melhor suportar o peso da concha¹²⁷. Entende-se que é consensual entre os diferentes autores que a evolução formal da colher em estanho é muito semelhante à da colher em prata¹²⁸, uma vez que seria natural os fabricantes de colheres procurarem satisfazer a procura por uma nova forma, independentemente do material. No entanto, Homer sublinha que as colheres em estanho e em latão tomam uma mais ampla variedade formal do que as colheres em prata¹²⁹.

A evolução formal da colher poderá ser justificada no método de produção da colher. A partir de um molde, que, tal como na produção dos objetos anteriormente estudados, poderia ser de pedra, barro, madeira ou, idealmente, bronze¹³⁰, cria-se a forma da colher¹³¹. Curiosamente, Wadley difere a utilização dos materiais dos moldes não cronologicamente, como no capítulo 3.1, no qual foi dito que só a partir do século XV se vulgarizou a utilização de moldes de bronze¹³² e que, até essa data, seriam utilizados moldes dos restantes materiais supracitados, mas dependendo do tipo de fabricante. Neste sentido, Wadley refere que nas oficinas de estanhadores utilizava-se moldes de bronze, preferidos devido à sua durabilidade, enquanto os moldes mais temporários seriam preferidos pelos estanhadores itinerantes, que ofereciam os seus serviços de casa em casa ou nas feiras¹³³. Esse tipo de serviço seria, essencialmente, reciclar o metal de objetos mais velhos e produzir novas peças¹³⁴. Depois de moldada, a

¹²⁵ Cf. WADLEY, 1985: 31, 41.

¹²⁶ Cf. WADLEY, 1985: 41.

¹²⁷ Cf. WADLEY, 1985: 31.

¹²⁸ Cf. MASSÉ, 1910: 174; MASSÉ, 1921: 17; HOMER, 1980: 14.

¹²⁹ Cf. HOMER, 1980: 14.

¹³⁰ Cf. WADLEY, 1985: 18.

¹³¹ Cf. MASSÉ, 1910: 58.

¹³² Cf. NORTH, 1999: 12; WEINSTEIN, 2011: 44.

¹³³ Cf. WADLEY, 1985: 18.

¹³⁴ *Ibidem*.

colher seria martelada¹³⁵, a fim de endurecer e reforçar estruturalmente o objeto¹³⁶. Ao martelar a haste, resultaria uma haste plana, pelo que se optava por a martelar novamente de modo a formar mais volume¹³⁷. Esse volume, até ao século XVII, seria hexagonal¹³⁸. Apenas mais tarde, no século XVII segundo Price e Wadley, surge a haste totalmente plana e, geralmente, mais larga no remate¹³⁹. A solução de aplanar a haste leva a uma maior sensação de equilíbrio formal¹⁴⁰. Segundo Massé, a partir do momento em que os produtores acharam uma forma equilibrada e funcional para a concha e para a haste seguiram para a criação de variados e criativos remates¹⁴¹. Corroborando esta noção, Wadley refere que é a partir do século XVII e XVIII que se dá o desenvolvimento de cada vez mais e variadas formas de colheres, elaborados pelos produtores em oficinas que utilizariam os moldes de bronze¹⁴². No entanto, Wadley não desconsidera o amplo leque de remates figurativos que já existiam até essa data. Tal como Price, ambos os autores enumeram uma ampla variedade de remates existentes já nos séculos XIV e XV¹⁴³, período em que ainda estava em experiência a concha com grande diferença de largura e as hastes hexagonais.

Para além de se reconhecer a íntima relação entre o modo de produção da colher e a sua evolução formal, também a produção justifica a pouca sobrevivência desta tipologia de objetos ou, no caso dos objetos que sobreviveram, a má condição em nos chegam. Primeiramente, o estanho não é considerado o material mais apropriado para a produção de colheres devido à sua maleabilidade e, por causa dessa característica, as colheres de estanho ficavam rapidamente desgastadas¹⁴⁴. Em segundo, este objeto sofria um enorme uso, o que, estando sujeito à mobilidade, a quedas constantes e a lavagens sistemáticas, desgasta muito rapidamente a peça. Para além disso, o facto de

¹³⁵ Cf. PRICE, 1908: 16; MASSÉ, 1915: 208; MASSÉ, 1921: 105.

¹³⁶ Cf. WADLEY, 1985: 23.

¹³⁷ Cf. MASSÉ, 1915: 208.

¹³⁸ Cf. WADLEY, 1985: 25.

¹³⁹ Cf. PRICE, 1908: 9; WADLEY, 1985: 31.

¹⁴⁰ Cf. MASSÉ, 1921: 106.

¹⁴¹ Cf. MASSÉ, 1915: 208.

¹⁴² Cf. WADLEY, 1985: 26.

¹⁴³ Cf. PRICE, 1908: 19-27; WADLEY, 1985: 28.

¹⁴⁴ Cf. HOMER, 1980: 15-16.

as colheres terem sido marteladas no seu fabrico leva a que o metal tenha sido enfraquecido devido à força exercida, daí que as fraturas da haste fossem comuns¹⁴⁵. Nesses casos, seria natural os objetos serem simplesmente descartados ou refundidos para aproveitamento do metal para a produção de uma nova peça. E, novamente, outra solução seria remodelar, através da adição ou eliminação de elementos, que, especificamente no caso das colheres, poderia ser muito comum. Um cenário exemplificativo poderá ser uma colher cuja concha se mantivesse em bom estado e somente a haste ou o remate necessitariam de conserto ou vice-versa.

Tendo em conta que o achado de Belinho surge de um naufrágio e que só foram achados uma colher e um fragmento de colher, não é possível averiguar se estes dois objetos fizeram parte da carga ou se seriam utilizados no quotidiano a bordo. Caso fossem utilizados para comer a bordo, estariam na posse das elites que viajavam na embarcação, incluindo os oficiais, e não no grosso da tripulação, uma vez que esta servir-se-ia de objetos em madeira e não em metal¹⁴⁶. Para além disso, a colher a bordo seria um objeto incomum, uma vez que a prática normal seria comer com as mãos¹⁴⁷. Caso as duas colheres achadas em Belinho se tratem de objetos de carga, coloca-se a hipótese de haver mais exemplares ainda por achar.

Socialmente, a colher era um objeto com um trato muito específico. Ao contrário do restante serviço de mesa, era comum cada convidado levar a sua própria e individual colher¹⁴⁸, não a partilhando com mais nenhum convidado, como seria normal com os pratos até ao século XVI. Ao comer, as colheres podiam servir dois propósitos. Primeiramente, levariam a comida à boca, quando esta se tratasse de uma comida líquida ou semilíquida como sopas, caldos ou papas¹⁴⁹. Caso a comida fosse sólida, a colher apoiaria a comida a ser cortada com a faca¹⁵⁰, função idêntica à do garfo, adotado

¹⁴⁵ Cf. MASSÉ, 1910: 80, 121; MASSÉ, 1921: 105.

¹⁴⁶ Cf. WEINSTEIN, 2011: 61, 82.

¹⁴⁷ *Ibidem*.

¹⁴⁸ Cf. WEINSTEIN, 2011: 53.

¹⁴⁹ Cf. NORTH, 1999: 39; WEINSTEIN, 2011: 61, 218.

¹⁵⁰ Cf. WEINSTEIN, 2011: 61, 73, 104.

a partir do século XV¹⁵¹, mas mais divulgado no século XVII¹⁵². Neste segundo caso, a colher não servia para levar a comida à boca, uma vez que o normal seria levar as comidas sólidas à boca com a mão¹⁵³. Tendo em conta o que foi dito, é importante realçar uma interpretação formal da colher realizada por Wadley que está intimamente articulada com os hábitos de comer medievais e modernos. A autora menciona que as colheres mais antigas poderiam ter uma haste curvada, pois, na prática de comer medieval, as tigelas ou pratos que serviriam as comidas líquidas ou semilíquidas seriam muito profundas, daí que uma colher curvada seria preferível¹⁵⁴. Nesse sentido, a autora averigua que, com o aparecimento de pratos cada vez menos profundos, ao longo da Idade Moderna, desaparece a necessidade de uma colher curvada e privilegia-se a haste totalmente reta¹⁵⁵. Não foi possível, através de representações de colheres, verificar esta informação. Relativamente ao levantamento de objetos semelhantes, apenas quatro colheres apresentam uma ligeira curvatura, uma delas proveniente do achado da embarcação *Mary Rose* e três delas escavadas de Port Royal, incluídas na seleção de colheres estudadas por Wadley, datadas pela autora de 1660 a 1730. De resto, nenhuma colher constituinte das publicações de PRICE (1908) e HOMER (1980), nem dos inventários e catálogos NORTH (1999); GADD, RICHARDSON, BOORER (2000); BONHAMS (2010) e NEISH, RICKETTS (2018) apresenta uma haste curvada. Neste sentido, entende-se como válida a hipótese de estas hastes inclinadas serem fruto do modo de preservação dos objetos, ou no mar ou enterrados durante séculos, e não ser uma forma intencional. Naturalmente, considera-se esta fundamentação como válida para justificar o facto de a colher achada em Belinho ser curvada. Contudo, tal hipótese só poderá ser validada após a observação e estudo de um maior número de colheres modernas.

Resta, novamente, refletir acerca da discriminação em tipologias separadas pelas diferenças formais. No estudo das colheres, Price desenvolve mais de 30 tipologias, tratando-se, por isso, de uma categorização de grande dimensão. Tendo em conta o

¹⁵¹ Cf. WEINSTEIN, 2011: 104.

¹⁵² Cf. WEINSTEIN, 2011: 61.

¹⁵³ Cf. NORTH, 1999: 39; WEINSTEIN, 2011: 61, 73.

¹⁵⁴ Cf. WADLEY, 1985: 9.

¹⁵⁵ *Ibidem*.

que foi estipulado por Price, Homer e Wadley, a colher achada em Belinho possui concha dominante até meados do século XVII, porém, como não apresenta uma *rat-tail* no seu reverso, não deverá ser posterior ao início do século XVII; um remate típico do século XVI e uma haste predominante até meados do século XVII. Neste sentido, seria natural propor uma datação que englobe o século XVI e primeira metade do século XVII. Contudo, mais uma vez, questiona-se esta tendência para a sobrecategorização das formas. Naturalmente, após se reconhecer a variadíssima produção do mundo oficial moderno, toma-se esta tendência de associar uma só forma tipológica a um tempo como sendo inadequada e desatualizada.

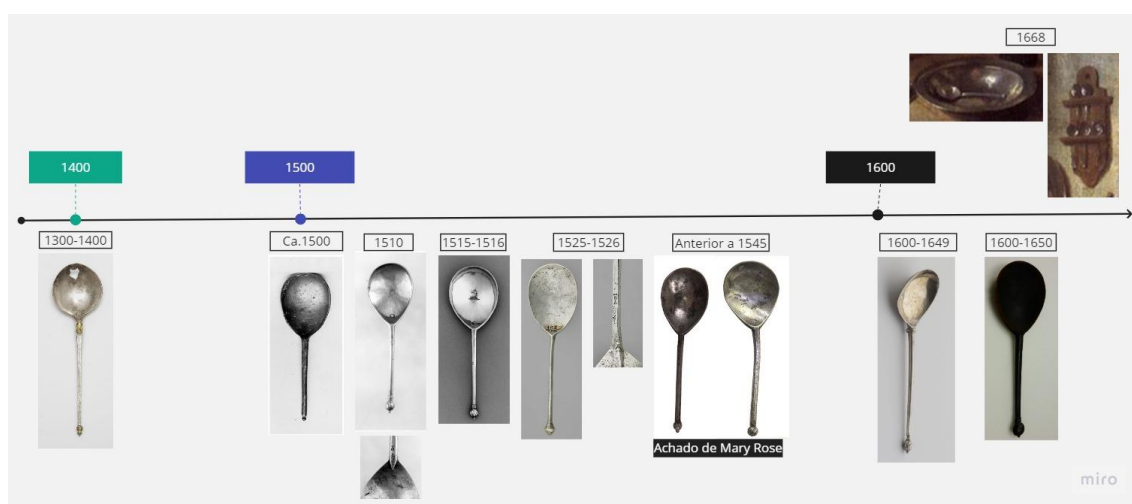


Imagem 30. Esquema com o levantamento de objetos musealizados e de imagens com representações de objetos formalmente semelhantes à colher em estudo. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

Analisando a imagem acima, verifica-se que os objetos musealizados semelhantes àqueles achados em Belinho corroboram a datação e a categorização definida pelos autores, confrontada nos parágrafos anteriores. Apenas duas características fogem à datação por eles definida. Ao contrário do que é dito, o remate esférico sobrevive após a viragem para o século XVI e o aparecimento do elemento *rat-tail* é anterior ao início do século XVII. Por outro lado, a informação bibliográfica parece ser comprovada pelos objetos levantados. Contudo, esta informação pode, mesmo assim, não ser válida. Um conjunto de cenários justifica o facto de não terem sido encontradas colheres, formalmente semelhantes àquelas em estudo, posteriores a meados do século XVII.

Entre eles, o descarte de objetos; a refundição destes, para aproveitamento do metal, e criação de novas peças e a remodelação de objetos. Além disso, é necessário ter em conta que, ao contrário dos pratos de estanho, que são mais valorizados tanto no meio científico como museológico, não é possível encontrar um número tão elevado de colheres musealizadas. Verificou-se que no contexto museológico privilegia-se essencialmente as colheres que apresentam um maior valor material ou técnico, ou seja, colheres com iconografia ou remates elaborados, entre outros aspetos. Neste sentido, enfatiza-se que não se deve partir de uma pequena seleção de peças musealizadas para datar a evolução formal dos objetos, sem ter em consideração os variados e muito comuns cenários que justifiquem o desaparecimento de uma tipologia formal a partir de um certo tempo.

Uma vez que os dicionários portugueses consultados são do século XVIII, na definição de colher já não surge a ação de auxiliar o corte da comida, uma vez que o uso do garfo já era comum¹⁵⁶. Note-se que, ao longo do estudo da tipologia da colher, não se reconheceu uma limitação linguística entre as terminologias utilizadas na língua inglesa e a língua portuguesa. No entanto, reconhece-se uma profunda categorização das formas dos diferentes elementos da colher, isto é, a concha, a haste e o seu remate, que não existe no contexto científico português de forma tão detalhada. Exemplificando, na publicação de PRICE (1908), que é tida como essencial para o estudo da colher e, por isso, surge como bibliografia fundamental nas publicações de autores posteriores, existe uma categorização de mais de três dezenas de formas de colheres. Para cada tipologia, Price descreve a forma da concha, da haste e do remate e atribui-lhe um período de produção. Algumas das denominações não têm paralelo na língua portuguesa.

Novamente, a conclusão do presente subcapítulo assemelha-se muito à dos anteriores. Também a colher é uma tipologia formalmente muito categorizada, a partir de pequenas seleções de objetos, como exemplifica o estudo de PRICE (1908) que parte da observação somente da sua própria coleção pessoal. Além disso, os estudos prévios

¹⁵⁶ Vide tabela 10 do Anexo II.

não procuram corroborar a informação que desenvolvem sobre os objetos em estudo com a comparação de representações imagéticas de peças semelhantes, de cronologias próximas. Naturalmente, tendo em conta as duvidosas opções metodológicas com que os autores criam sistemas de datação desta tipologia de objetos, resultam respostas ambíguas, que não são apropriadas para a realidade da Idade Moderna e que podem ser entendidas pelo contexto científico atual como falaciosas.

3.4. Bacio (?)

Durante o estágio, inventariou-se um objeto classificado atualmente como um bacio. Quando o objeto foi achado, foi inicialmente denominado de caneca. Contudo, mais tarde, a equipa de investigação de Belinho 1 reconheceu o erro e passou a reconhecê-lo como um possível bacio. De facto, a tipologia de bacio enquadra-se com a peça, uma vez que foram achados objetos formalmente muito semelhantes, expostos na imagem 33. Contudo, tendo em conta a sua dimensão, clarificada na imagem 32, também se reconhece a hipótese de se tratar de uma caneca ou de um jarro. Devido ao seu estado de degradação, a tipologia não é facilmente reconhecível. Uma vez que a identificação mais atual é a de um bacio, na presente investigação seguiu essa via, sem, no entanto, colocar-se de parte as restantes hipóteses, tidas como igualmente válidas.



Imagem 31. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0347. Altura: 14.5 cm; Comprimento da aba: 14.7 cm; peso do bacio: 1163 g; peso da asa: 152 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0347.IM (4). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 32. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0347 a ser segurado, representando a sua dimensão em relação à escala humana.

Uma vez que é o único objeto encontrado desta tipologia, coloca-se novamente a hipótese de este ter sido utilizado a bordo da embarcação, por alguém de condição social superior. Um semelhante caso aconteceu com o bacio proveniente do achado do *Mary Rose* que também foi interpretado como objeto de uso quotidiano a bordo, por alguém de condição mais alta¹⁵⁷. Contudo, é perfeitamente plausível que mais peças semelhantes sejam achadas em Belinho 1 no futuro e, nesse caso, poder-se-á repensar se estes objetos também poderiam fazer parte da carga do navio ou não.

Após se reconhecer que não existe bibliografia específica sobre bacios, as únicas fontes para o estudo deste objeto, tanto a nível formal como material e técnico, foram representações imagéticas de objetos semelhantes e bacios musealizados formalmente próximos. Novamente, recorreu-se ao uso da plataforma em-linha *Miro* para a organização da informação.

¹⁵⁷ Vide The Mary Rose (s.d.). *The Artefacts* [em-linha]. [Consult. 18 mai. 2023]. Disponível em <<https://maryrose.org/the-artefacts/3/>>.



Imagem 33. Esquema com o levantamento de objetos musealizados e de imagens com representações de objetos formalmente semelhantes ao bacio estudo. Fonte: Elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

Mais uma vez, o levantamento imagético comprova a existência de formas muito idênticas, ao longo de vários séculos, neste caso com exemplares desde o século XVI até ao século XVIII. Esta forma é caracterizada por possuir um corpo oco, semelhante a um jarro, com uma só asa. Reconhece-se que, tratando-se esta de uma forma muito funcional, não houve necessidade de a alterar consideravelmente, a nível estrutural. Independentemente disso, esta tipologia de objetos possui um variado leque estrutural e formal. Exemplificando, é possível encontrar bacios modernos com tampa, com uma asa mais ou menos ondulada, num alargado leque material que inclui cerâmica e outros metais, como a prata.

Infelizmente, e uma vez que se trata de um objeto muito mundano, não lhe deverá ter sido atribuída muita importância ou atenção. Daí que, possivelmente, seria um objeto muito mais comumente descartado, quando apresentava sinais de degradação, o que contribuiu para a sobrevivência de menos exemplares musealizados. Para além disso, por parte dos próprios equipamentos culturais, poderá não ser um objeto muito privilegiado, levando a que seja mais difícil conseguir acesso a informação sobre esta tipologia. Exemplificando o que foi dito, o *London Museum* conta com uma vasta coleção de bacios, porém a maioria das fichas de inventário não contém nem uma imagem do objeto nem informações consideráveis sobre o mesmo.

A nível técnico é possível compreender, a partir da sua observação, que o bojo é formado por uma lâmina de metal, enquanto a asa é criada através da fundição e de um molde e, depois, soldada ao corpo do bacio. Para além disso, na base da peça é visível

um rebordo, tratando-se este de uma lâmina dobrada e soldada, que serve dois propósitos. Primeiramente, permite que o objeto, quando pousado, esteja mais estável e em segundo oculta os elementos de ligação que, de outro modo, estariam visíveis. Apesar de ser possível fazer estas considerações a partir da observação da peça, o seu mau estado de conservação dificulta a sua compreensão a nível técnico.

Enquanto a denominação deste objeto na língua inglesa se restringe, essencialmente, à expressão *chamber pot*, no caso da língua portuguesa esta tipologia apresenta um mais alargado leque linguístico. Atualmente, são sinónimos de bacio as palavras penico, pote, bispote e vaso de noite. Resta questionar como seria denominado este objeto durante a Época Moderna. No século XVI, a expressão mais utilizada seria bacia ou bacio de urinar¹⁵⁸. Contudo, a designação desta tipologia alterou-se nos séculos seguintes. Após se pesquisar em três dicionários setecentistas e de organizar informação na tabela 11 do Apêndice II, compreende-se que bispote tinha como única definição vaso para urinar e, por isso, trata-se da denominação mais inequívoca. Também bacio poderia ter esse significado, contudo, dois dos três dicionários esclarecem que em Trás-os-Montes a palavra bacio remete-se unicamente a um tipo de prato para servir ou comer. Reconhece-se, por isso, que bacio poderá ser ambígua, uma vez que possui dois significados muito distintos. No caso de pote, apesar de a sua definição atual se assemelhar à de bispote, entendeu-se, através dos dicionários analisados, que durante o século XVIII esta palavra remetia-se unicamente a um jarro de boca larga para guardar água. Relativamente à palavra penico, muito utilizada na atualidade, não consta de nenhum dos três dicionários, pressupondo-se que não seria uma palavra usual no quotidiano moderno. Entende-se como vantajoso aproveitar o facto de no inventário preexistente ainda constar a classificação antiga, caneca, pelo que se procedeu à sua correção, valorizando esta questão terminológica. Recomenda-se optar por uma denominação que responda às designações utilizadas atualmente, sem incorrer ao anacronismo, e àquelas que seriam utilizadas na Idade Moderna, sem cair na ambiguidade que os vocábulos em questão podem desencadear.

¹⁵⁸ Cf. FREIRE, 1908: 408-409.

3.5. Três propostas de identificação

Entre os 200 objetos inventariados, não foi possível identificar a tipologia de três peças. A primeira corresponde ao número de inventário ME.ARQ.SUB.0514. Trata-se de um pequeno fragmento de estanho de 2.8 centímetros de comprimento e de dois centímetros de largura.



Imagem 34. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0514. Comprimento: 2.8 cm; largura: 2 cm; peso 3 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0514.IM (3). Fonte: Fotografia da autora.



Imagem 35. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0514. Comprimento: 2.8 cm; largura: 2 cm; peso 3g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0514.IM (4). Fonte: Fotografia da autora.

Não apresenta nenhuma marca, iconografia nem inscrição. Anteriormente à realização do estágio, estava classificado, no inventário preexistente, como um fragmento de prato. Contudo, é impossível garantir tal informação. Seguindo as normas de inventariação criadas pela DGPC, nesta situação, é aconselhado classificar o objeto como, somente, um fragmento de estanho. No entanto, durante a observação mais cuidada do objeto, aquando da realização do estágio curricular, reconheceu-se um aro que envolve o limite da peça. Tal elemento estrutural pressupõe que a pequena forma retangular é propositada e que esta possivelmente se trata de um objeto completo em si e não um fragmento. Após esta observação, procurou-se tipologias de objetos que correspondessem à pequena forma retangular. Foi a leitura de um artigo de SOULAT & BRY (2019: 93-94) que levou ao reconhecimento da peça em causa como uma possível peça de jogo. Nesta publicação, é explicado que as peças de jogo mais comuns a bordo das embarcações seriam de estanho, circulares ou quadrangulares, de dois a três centímetros¹⁵⁹. Seria habitual estes objetos estarem gravados com um X no centro, porém tal elemento não era obrigatório. De uma seleção de 16 peças de jogo consideradas pelos autores, três delas não têm nenhuma inscrição¹⁶⁰. Neste sentido, entende-se como válida a hipótese de o objeto ME.ARQ.SUB.0514 se tratar de uma peça de jogo, que, provavelmente, terá sido utilizada para entretenimento da tripulação, a bordo da embarcação naufragada em Belinho.

O segundo objeto de tipologia não identificada com que nos deparamos corresponde à peça ME.ARQ.SUB.0716. No inventário preexistente, foi classificado como sendo uma base, sem se especificar o tipo de base ou o objeto a que pertencia. Contudo, também circulava a hipótese de se tratar de uma tampa.

¹⁵⁹ Cf. SOULAT, BRY, 2019: 93-94.

¹⁶⁰ *Ibidem*.



Imagem 36. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0716. Diâmetro: 7.2 cm; altura: 3.5 cm; peso: 304 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0716.IM (15). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 37. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0716. Diâmetro: 7.2 cm; altura: 3.5 cm; peso: 304 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0716.IM (6). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 38. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0716. Diâmetro: 7.2 cm; altura: 3.5 cm; peso: 304 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0716.IM (9). Fonte: fotografia da autora.

De facto, as imagens 36 a 38 demonstram que este objeto é muito intrigante. Possui uma estrutura cilíndrica, com uma abertura num dos lados. Possui chumbo no interior e um revestimento a estanho. Reconhece-se uma pequena asa bipartida. Perante esta observação e tendo em conta que não se achou nenhuma tampa ou base formalmente semelhante ao objeto achado, tentou procurar-se outra hipótese para a identificação desta peça que desse melhor resposta às questões que surgem da sua análise. Neste sentido, surgiu a proposta de se tratar de um castiçal de estanho, cujo interior de chumbo poderá ter sido, originalmente, uma estrutura amovível. Tal facilitaria o reaproveitamento da substância que alimentava o fogo. Contudo, o mau estado de conservação do objeto dificulta a sua análise formal e técnica, além de que não foi possível encontrar castiçais formalmente semelhantes que pudessem corroborar a hipótese. Não obstante, dentro das três hipóteses criadas, considera-se que a sugestão de se tratar de um castiçal é a que melhor justifica a necessidade da estrutura interior de chumbo. Independentemente disso, entende-se como igualmente válidas as hipóteses anteriores e recomenda-se que, no futuro, se desenvolva e aprofunde estas ou mais sugestões, a fim de se conhecer melhor a peça em questão.

Por fim, o último objeto de tipologia desconhecida possui como número de inventário ME.ARQ.SUB.0722.



Imagem 39. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0722. Comprimento: 19 cm; largura: 12 cm; espessura: 1 mm; peso: 229 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0722.IM (5). Fonte: fotografia da autora.

Neste caso, não é possível classificar com certeza a sua função original, porque se reconhece dois objetos distintos que formalmente correspondem à peça em questão. Esta peça tanto poderá ser a tampa de uma caixa, como está definido no inventário preexistente, como também poderá ser a capa de um livro. Esta segunda hipótese foi criada aquando da realização do estágio, uma vez que, de facto, não existe nenhum elemento que nos garanta a identificação da peça em questão como a tampa de uma caixa. Considerando que é igualmente válida a sugestão de se tratar da capa de um livro, entendeu-se que ambas as denominações devem integrar a sua ficha de inventário. Caso se ache o resto do objeto em falta, ou seja, ou a caixa ou a contracapa de um livro, no futuro, poder-se-á optar por uma das classificações com mais certezas. Contudo, por agora, tal atitude é, ainda, prematura.

4. As marcas achadas nos objetos de estanho – características, função e vocabulário

No decurso do estágio, foram estudadas 55 marcas, estando 54 em pratos ou fragmentos de prato de estanho. A restante encontra-se na frente da concha de uma colher e foi identificada pela equipa de investigação antes da realização do estágio. Contudo, aquando da realização do estágio, questionou-se se a concha da colher está marcada ou se apresenta somente uma irregularidade do material. Devido ao seu mau estado de conservação, não se consegue averiguar. Neste sentido, o presente capítulo concentra-se nas 54 marcas em pratos e fragmentos de prato. Deste número, 17 delas foram por nós identificadas. Nesses casos, para se conseguir observar com mais qualidade a marca, a Dra. Elsa Teixeira, conservadora-restauradora da equipa, limpava a zona em que se encontrava a marca, a fim de se verificar a sua existência e de reconhecer a sua forma. Atente-se que estas limpezas ocorreram nas abas dos pratos nos quais se suspeitava a presença de uma marca. Neste sentido, havendo um elevado número de objetos que não passaram ainda por intervenções de conservação e de restauro, reconhece-se que poderá haver mais marcas por detetar e que algumas poderão ser achadas somente após estas intervenções, à imagem do que aconteceu no achado de Punta Cana¹⁶¹. Após os achados, desenhou-se as 17 marcas, tanto pela mão da Dra. Elsa Teixeira, a lápis, como pela da estagiária, a lapiseira.

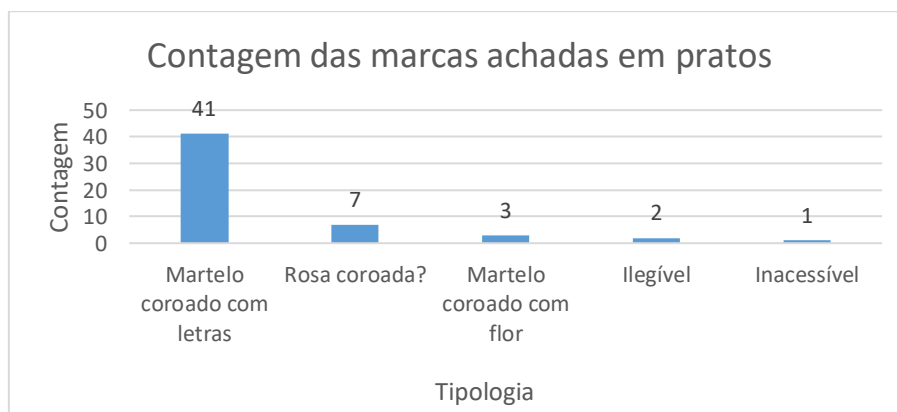


Gráfico 5. Contagem das marcas achadas em pratos, divididas por tipologia. Fonte: elaboração da autora.

¹⁶¹ Cf. ROBERTS, 2013: 5.

É importante referir a dificuldade no reconhecimento da tipologia das marcas. Devido ao mau estado de conservação dos objetos e à irregularidade do material, várias vezes se questionou se algum elemento seria de facto uma marca ou somente a textura anormal do estanho corroído, resultante da exposição à água do mar durante séculos. Mesmo quando se confirmava a existência de uma marca, várias vezes se tomou como difícil reconhecer a sua forma. Não obstante, com o considerável número de marcas achadas, conseguiu-se reconhecer duas tipologias. A primeira e mais comum, o martelo coroado. A segunda trata-se de uma marca cuja forma é irreconhecível. Porém, sugere ou o desenho de uma rosa coroada, como foi proposto anteriormente pela equipa de investigação¹⁶², ou de uma letra capital, segundo a nossa observação.

Normalmente, a função primordial da marca é permitir identificar o seu produtor e o seu contexto de produção temporal e espacial. Por sua vez, tal serve outros propósitos. Primeiramente, permite reconhecer quais os fabricantes que cumprem ou não com as regulamentações da produção de estanho¹⁶³. Em segundo, marcar um objeto poderá servir para o fabricante publicitar a sua marca¹⁶⁴. Contudo, a função de uma marca varia em função do tipo de marca em análise.

Primeiramente, «touchmark». Seria a marca privada e individual de cada mestre estanhador¹⁶⁵ ou marca do artesão. Estas deveriam estar registadas¹⁶⁶, sendo obrigatório as marcas serem distintas entre si¹⁶⁷, para prevenir a ambiguidade que poderia surgir na identificação do fabricante associado à marca. As marcas de guilda ou da corporação surgem a partir do século XV¹⁶⁸. Também podem ser encontradas marcas de cidade, cuja função seria permitir a identificação da origem geográfica do objeto.

De seguida, as marcas de proprietário. Tanto se podem tratar das iniciais do dono a nível individual como da paróquia¹⁶⁹ ou do estabelecimento, e.g. uma taverna ou um

¹⁶² Cf. ALMEIDA et al, 2017: 83.

¹⁶³ Cf. BELL, 1906: 37.

¹⁶⁴ Cf. MASSÉ, 1910: 48.

¹⁶⁵ Cf. WEINSTEIN, 2011: 14.

¹⁶⁶ Cf. GOTEIPE-MILLER, 1990: 15,29; CASTRO, 2000: 13.

¹⁶⁷ Cf. MASSÉ, 1915: 293.

¹⁶⁸ Cf. MASSÉ, 1910: 52.

¹⁶⁹ Cf. MASSÉ, 1910: 124.

proprietário¹⁷⁰. Esta marca pode variar desde um monograma com as iniciais do nome do proprietário até a meros riscos, podendo estes desenhar as iniciais do mesmo ou apenas uma cruz para uma muito simples diferenciação¹⁷¹.

Também existem marcas de qualidade, que garantem ao comprador que aquele objeto cumpre as regulamentações ou que o material é superior. Atente-se que as marcas de qualidade poderão ser oficiais, verificando-se o que foi dito anteriormente ou não-oficiais e, nesse caso, não havendo confirmação da qualidade do material, poderia o objeto não estar de acordo com a qualidade padrão¹⁷². Independentemente do cenário, tal marca incentiva a compra do objeto. Por outro lado, existem marcas que comprovam a má qualidade do material de um objeto, a partir do final do século XV¹⁷³. No caso inglês, a marca utilizada teria o desenho de uma seta¹⁷⁴. Caso um produtor continuasse a fabricar objetos com um material de má qualidade, após ser avisado e multado, teria a sua marca individual confiscada e, na criação de uma nova, teria de adicionar ao desenho um nó ou um duplo f¹⁷⁵.

Ainda dentro do tema do cumprimento das regulamentações, seria necessário marcar objetos ocios com «verification marks» (WEINSTEIN, 2011: 14) para garantir ao comprador que a sua capacidade está em conformidade com a medida padrão¹⁷⁶. A *verification mark* seria usualmente um símbolo heráldico da cidade em que foi feita a verificação da capacidade do objeto¹⁷⁷ ou as iniciais do monarca coroadas¹⁷⁸. Mais tarde, acrescentou-se o nome ou iniciais da cidade e o ano¹⁷⁹.

¹⁷⁰ Cf. NORTH, 1999: 26; WEINSTEIN, 2011: 13.

¹⁷¹ Cf. CASTRO, 2000: 13.

¹⁷² *Ibidem*.

¹⁷³ Cf. MASSÉ, 1910: 41.

¹⁷⁴ Cf. MASSÉ, 1910: 41; WEINSTEIN, 2011: 184.

¹⁷⁵ Cf. MASSÉ, 1910: 53.

¹⁷⁶ Cf. WEINSTEIN, 2011: 14, 184.

¹⁷⁷ Cf. NORTH, 1999: 26.

¹⁷⁸ Cf. RICKETTS; DOUGLAS, 1994: 1.

¹⁷⁹ Cf. NORTH, 1999: 26.

Com o passar do tempo, vão começando a surgir marcas de exportação que, como o nome indica, seriam marcadas em objetos produzidos para exportação. Em Inglaterra, a marca de exportação seria a rosa coroada ladeada pelas iniciais do monarca¹⁸⁰.

Por fim, uma tipologia de marca que ainda hoje levanta controvérsia, a «hallmark» (WEINSTEIN, 2011: 12), que surge no estanho desde o século XVII¹⁸¹. Trata-se de um conjunto de pequenas marcas, normalmente quatro, que imitam as marcas utilizadas na prataria¹⁸². A função destas marcas seria para, enganosamente, convencer os compradores de que um objeto de estanho se tratava de um objeto de prata¹⁸³. Neste sentido, seria comum constar da *hallmark* as marcas mais comuns na prata, cada uma delas emoldurada por um escudo. Entre os quatro escudos marcados, constaria as iniciais do fabricante que, acompanhadas da marca do produtor, poderão auxiliar na identificação deste. Neste sentido, este conjunto de marcas é, por vezes, tido como uma marca insignificante¹⁸⁴, cujo único propósito seria incentivar a compra e venda.

Note-se que a maior dificuldade é identificar se a função de uma marca consiste na identificação do seu produtor, de uma guilda ou na qualidade do objeto, entre outros cenários. Tal ocorre com as marcas mais antigas uma vez que, quanto mais antiga essa for mais precária seria a regulamentação do seu tempo. Exemplificando, é comum interpretar-se como marcas de qualidade a rosa coroada¹⁸⁵; o X capital coroado¹⁸⁶ e o martelo coroado¹⁸⁷. Contudo, esta afirmação ainda hoje é alvo de muita discussão. Alguns estudiosos defendem que a rosa coroada seria uma marca de exportação inglesa¹⁸⁸, copiada, posteriormente, pelos países do Norte da Europa enquanto marca de qualidade¹⁸⁹. Dois autores mencionam que a primeira aparição da marca da rosa

¹⁸⁰ Cf. WEINSTEIN, 2011: 12.

¹⁸¹ Cf. WEINSTEIN, 2011: 181.

¹⁸² Cf. WEINSTEIN, 2011: 12.

¹⁸³ Cf. MASSÉ, 1921: 138.

¹⁸⁴ Cf. CASTRO, 2000: 13.

¹⁸⁵ Cf. REDMAN, 1903: 24; GADD, 1999: 8.

¹⁸⁶ Cf. REDMAN, 1903: 24; MASSÉ, 1910: 192; MASSÉ, 1915: 301; MASSÉ, 1921: 139, 140.

¹⁸⁷ Cf. GADD, 1999: 5; NORTH, 1999: 24; WEINSTEIN, 2011: 140, 166, 184.

¹⁸⁸ Cf. REDMAN, 1903: 14; WEINSTEIN, 2011: 160.

¹⁸⁹ Cf. MASSÉ, 1910: 193; MASSÉ, 1921: 140-141.

coroada data de 1523, na Antuérpia, enquanto uma marca de qualidade¹⁹⁰. A partir daí, tornou-se uma marca de exportação para os objetos de estanho londrinos, talvez a favor da vontade dos importadores e mercadores emigrantes¹⁹¹. Independentemente de não se saber, ainda, qual o valor associado à marca da rosa coroada que terá surgido primeiro, seja marca de exportação ou marca de qualidade, em ambos os cenários, a rosa coroada é sinónimo de qualidade, corresponda ao propósito para que foi criada ou não. Acrescenta-se, ainda, a proposta de Weinstein que diferencia a rosa coroada ladeada pelas iniciais do monarca como uma marca de exportação inglesa; a rosa coroada ladeada pelas iniciais do autor do objeto como uma marca pessoal do produtor; e, por fim, a rosa coroada isolada, como uma marca de qualidade¹⁹². Relativamente ao martelo coroado, questiona-se se originalmente não se trataria da marca de uma guilda¹⁹³ e se, somente mais tarde, lhe foi atribuído o valor de marca de qualidade. Também se levantou a hipótese de que a marca do martelo coroado poderá ser uma marca de cidade ou de região dedicada ao trabalho em estanho, proposta por HAGNAUER (1948: 57).

Desde já, entende-se esta realidade como extraordinariamente complexa. O desenho de uma marca poderá ter assumido várias camadas de significado, sendo muito difícil categorizar a sua função, além de que a vasta propagação dificulta o reconhecimento do seu contexto de produção. Note-se que um aspeto que não pode ser ignorado no estudo das marcas em estanho é o facto de estas poderem ser transmissíveis e herdadas e, para além disso, emprestadas¹⁹⁴. Tal facto abre portas para muitos e variados cenários que o investigador terá de ter em conta no estudo de uma marca, principalmente se for seu objetivo associá-la com algum fabricante. É neste seguimento que se enquadra a noção de que dificilmente se conseguirá atribuir um fabricante a uma marca. No caso inglês, uma vez que a regulamentação para os estanhadores era mais rígida e as marcas teriam de estar registadas, será possível fazê-

¹⁹⁰ Cf. GADD, 1999: 8; WEINSTEIN, 2011: 191.

¹⁹¹ Cf. GADD, 1999: 8.

¹⁹² Cf. WEINSTEIN, 2011: 187.

¹⁹³ Cf. WEINSTEIN, 2011: 45, 120, 135, 143, 166.

¹⁹⁴ Cf. MASSÉ, 1910: 194.

lo a partir da documentação. Contudo, grande parte dessa informação foi perdida devido ao grande incêndio do século XVII, sendo, por isso, mais raro conseguir atribuições anteriores a 1667¹⁹⁵. No estudo de outros contextos geográficos em que a regulamentação não fosse tão rígida, o processo de atribuição estará mais dificultado. A acrescentar ambiguidade ao estudo das marcas, independentemente do território e da sua legislação, é necessário, em todos os panoramas, ter em conta as falsificações. Estas incluem marcas que nunca foram registadas, cópias das marcas de outrem, entre outros cenários. Um investigador que se centre no estudo das marcas vai sempre confrontar-se com numerosas e complexas camadas que dificultam o processo de associação de uma marca a um mestre.

Não obstante, vários autores refletem sobre a evolução das formas das marcas ao longo do tempo, o que poderá ser esclarecer na datação de um objeto. No entanto, tal análise tem de estar associada ao estudo da forma do objeto, uma vez que a datação de uma marca não terá de ser necessariamente coerente com a datação que o objeto em que ela se encontra sugere. Note-se que a refundição da matéria de um objeto era uma prática muito comum em toda a história da arte dos metais. Igualmente possível seria a remodelação de um objeto¹⁹⁶, através da adição ou da eliminação de elementos. Neste segundo cenário, é perfeitamente possível que a marca presente no objeto antes da intervenção possa permanecer inalterada. Daí que existe a possibilidade de a datação que uma marca sugere não coincidir com a datação que o objeto marcado sugere¹⁹⁷. Um outro risco a ter em conta é a de que a data, esteja ela incluída na marca ou marcada isoladamente noutra área do mesmo objeto, não coincidir com a data de produção do objeto, como esclarece a seguinte afirmação.

«Not unfrequently a date is found to be a part of the maker's mark. In such cases it would be safe to say that the piece must have been made

¹⁹⁵ Cf. WEINSTEIN, 2011: 183.

¹⁹⁶ Cf. BURGESS, 1921: 61.

¹⁹⁷ *Ibidem*.

within twenty or twenty-five years of the date given.» (REDMAN, 1903: 56)

Como paralelismo, menciona-se que esta situação se verifica na realidade da fundição sineira, como se pode ler neste excerto:

No entanto, é necessária alguma prudência nas conclusões retiradas da leitura destas peças [os sinos]. No acervo de Rio Tinto, encontramos referência a um sino fundido em 1959 e que estava partido em 1963. Na ordem para a sua refundição, em 1963, solicita-se especificamente que este continuasse a apresentar a data de 1959. Esta informação leva-nos a acreditar, juntamente com a existência de um carimbo em gesso com a data 1819 [...], que estas situações seriam recorrentes.
(PINTO, 2019: 111)

As primeiras marcas de produtor que terão surgido seriam uma imitação das marcas típicas da prataria, no caso inglês do final do século XV¹⁹⁸. No reinado de Henrique VII, tornou-se obrigatório marcar todos os objetos feitos em estanho, como o caso dos copos, a partir de 1504¹⁹⁹. Mais tarde, em 1522, essa obrigação foi alargada para os restantes objetos²⁰⁰. Inicialmente, as marcas seriam bastante simples²⁰¹, pequenas e geralmente emolduradas por um círculo²⁰². Com o passar do tempo, as marcas começaram a incorporar cada vez mais elementos e, conseqüentemente, a aumentar de tamanho, principalmente a partir do século XVII²⁰³. Entre esses elementos adicionais, seria típico, inicialmente, constar as iniciais do autor, comum a partir da segunda metade do século XVI²⁰⁴; data, a partir do fim do século XVI²⁰⁵, e, possivelmente, um elemento heráldico ou outro tipo de símbolo que

¹⁹⁸ Cf. NORTH, 1999: 23.

¹⁹⁹ Cf. WEINSTEIN, 2011: 148.

²⁰⁰ Cf. MASSÉ, 1910: 189; BURGESS, 1921: 274; WEINSTEIN, 2011: 148.

²⁰¹ Cf. MASSÉ, 1910: 48.

²⁰² Cf. NORTH, 1999: 24.

²⁰³ *Ibidem*.

²⁰⁴ Cf. MARX, 1971: 9.

²⁰⁵ Cf. NORTH, 1999: 23.

caracterize o seu nome ou a cidade de produção²⁰⁶. A partir do final do século XVII, já seria mais comum a marca incluir o nome do autor e o nome da sua cidade²⁰⁷. Contudo, a chegada da marca com o nome do autor escrito não foi uma substituição da marca com as iniciais. Exemplificando, na regulamentação francesa, a partir de um certo ponto, cada mestre deveria ser registado na guilda com duas marcas. Uma maior, que incluísse o seu nome, e uma menor com somente as iniciais²⁰⁸. A partir do XVIII, até já era possível encontrar considerações acerca da qualidade do material, marcadas no objeto²⁰⁹. Note-se que, comparando as três figuras que se seguem, que contêm a informação conseguida através da bibliografia, e as marcas levantadas, se constata que as fontes são coerentes. Por fim, relativamente à posição da marca, não existe registo de alguma regulamentação²¹⁰. No caso dos pratos, o comum seria a marca estar ou na frente ou no reverso da aba, como no achado de Belinho ou no reverso do covo²¹¹.

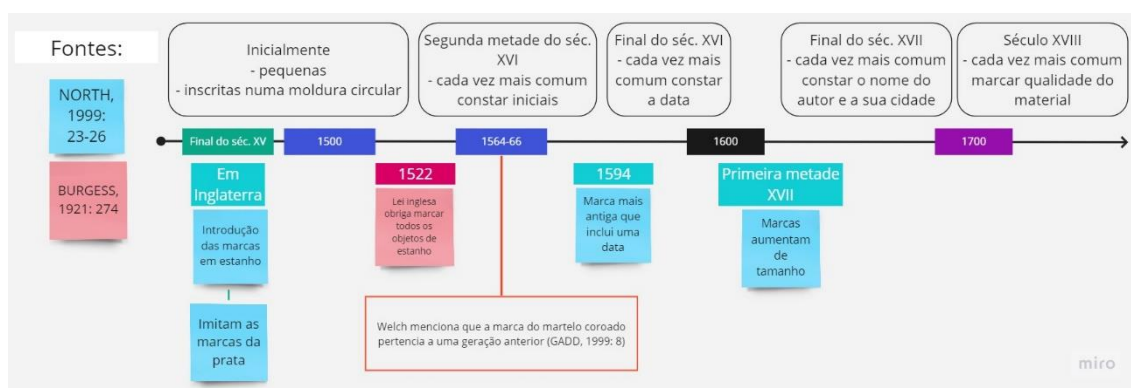


Imagem 40. Esquema com a informação conseguida através da leitura da bibliografia sobre marcas no estanho. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

Após se reconhecer a complexidade que constitui o universo em estudo e a evolução formal que as marcas sofreram na Idade Moderna, segue-se para a compreensão das marcas achadas nos pratos naufragados em Belinho.

²⁰⁶ Cf. GOTEIPE-MILLER, 1990: 29.

²⁰⁷ *Ibidem*.

²⁰⁸ Cf. MASSÉ, 1910: 153.

²⁰⁹ Cf. MASSÉ, 1910: 48.

²¹⁰ Cf. GOTEIPE-MILLER, 1990: 32.

²¹¹ *Ibidem*.

4.1. A marca do martelo coroado

Dentro desta categoria, é possível encontrar marcas de um martelo coroado ladeado por duas letras (imagem 41). No caso das marcas nas quais não constam letras, deteta-se o martelo coroado acompanhado de mais algum elemento (no caso deste achado, uma flor de cinco pétalas, como apresentado na imagem 42) ou o desenho completamente isolado. Em todos os casos identificados no achado de Belinho, a marca encontra-se puncionada na frente da aba, perto do bordo.



Imagem 41. Pormenor de uma fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0074. Comprimento da marca: 9 mm; largura da marca: 5 mm. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0074.IM (10). Fonte: Fotografia da autora.



Imagem 42. Pormenor de uma fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0009. Comprimento da marca: 16 mm; largura da marca: 11 mm. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0009.IM (8). Fonte: Fotografia da autora.

De facto, a forma mais comum entre o achado de Belinho é a do martelo coroado ladeado por duas letras. Estas são e sempre foram, ao longo do tempo, interpretadas como as iniciais do mestre da oficina que fabricou os objetos. No caso do achado de Belinho, a identificação das letras que ladeiam o martelo não é de fácil interpretação. Numa observação mais superficial, poder-se-ia identificar as duas letras como sendo um U e um C²¹². No entanto, numa observação mais atenta, reconhece-se que o desenho que sugere a letra U não é familiar ao nosso alfabeto. Poderá, no entanto, ser proveniente do alfabeto grego, uma vez que se assemelha totalmente ao desenho da letra mi (μ), atualmente ainda em utilização nas ciências exatas, como símbolo do prefixo micro. Note-se que se averiguou se o traço no lado esquerdo da letra, que a torna semelhante ao desenho do Mi, poderá ter sido um erro de fabrico da punção. No entanto, após a análise do tamanho da marca do martelo coroado ladeado pelas duas letras nos vários pratos, compreendeu-se que este varia, o que, por sua vez, significa que não foi uma só punção que marcou os 40 pratos com esta marca, mas sim várias punções de diferentes tamanhos. Tal facto, torna menos credível que o traço no lado esquerdo da letra seja accidental, pois, caso o fosse, teria surgido apenas numa punção e não teria sido repetido nas outras. Neste sentido, emerge um variado conjunto de questões. Será que se trata, de facto, de um U com um desenho menos familiar? Se sim, o que justifica a presença do traço no lado esquerdo da letra? Será que se trata da letra Mi do alfabeto grego? Caso se verifique, qual é o seu significado?

Numa tentativa de encontrar uma relação entre a forma do objeto marcado e a sua marca, organizou-se a seguinte informação em gráfico.

²¹² Cf. ALMEIDA *et al*, 2017: 84.

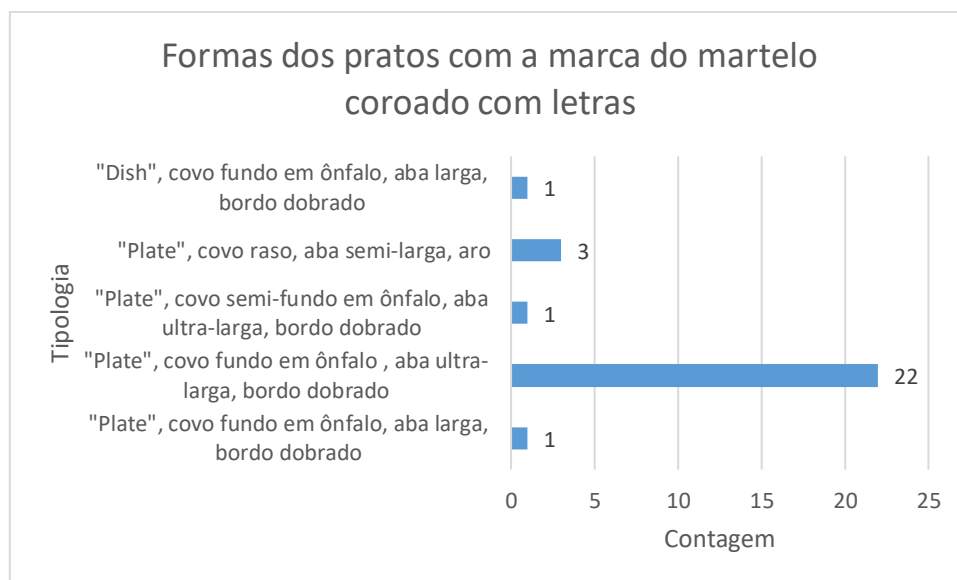


Gráfico 6. Relação entre a tipologia dos pratos e a marca do martelo coroadado ladeado por duas letras. Fonte: elaboração da autora.

Contudo, como já foi demonstrado pelos gráficos 3 e 4, a tipologia formal com o covo fundo em ônfalo, aba ultra-larga e bordo dobrado é a mais comum, pelo que não é viável atender ao facto de esta ser a categoria com mais marcas do martelo coroadado. Para além disso, ambas as tipologias formais distinguidas no capítulo 3.1, ou seja, tanto o prato de aba larga ou ultra-larga e fundo em ônfalo como o prato raso de aba semi-larga, apresentam esta marca. Neste seguimento, esta análise e a sua organização no gráfico 6 são inconclusivas.



Imagem 43. Esquema com o levantamento de representações de marcas do martelo coroadado. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

Relativamente ao seu contexto geográfico, as marcas levantadas, expostas na imagem acima, são provenientes de Inglaterra, França, Países Baixos, Alemanha e Suíça.

Para além destas regiões, sabe-se que a marca do martelo coroado surge também na Escócia²¹³. Apesar de não se saber especificar o seu tempo ou geografia de origem, afirma-se que «the early marks were hammers and crowned hammers like in the early French and Flemish pewtering regions» (GADD, 1999: 8). Desde já, sublinha-se a larga difusão que esta marca teve por toda a Europa moderna. Neste sentido, dificilmente se compreenderá em que contexto geográfico se enquadra a marca do achado de Belinho.

Por comparação a marcas do martelo coroado levantadas, reconhece-se uma maior aproximação formal a três das marcas levantadas. Estas têm três datações diferentes. Uma marca data do século XVI, a segunda de meados do século XVI, integrando-se no achado de Punta Cana, e a último de 1638, ou seja, já bastante posterior por se tratar do século XVII. Neste seguimento, sugere-se que a datação das marcas achadas em Belinho poderá ser do século XVI até à primeira metade do século XVII.

A opção por criar uma marca que incluía um martelo é justificável no facto de este se tratar de um dos instrumentos mais importantes no trabalho de metal²¹⁴. Daí que se trata da marca mais antiga que se conhece e com uma grande difusão, tanto espacial como temporal, como foi confirmado. Neste sentido, questiona-se que informação a marca achada nos objetos naufragados em Belinho nos poderá dar. Como datar uma forma que existiu durante tantos séculos? Como reconhecer o seu local de produção quando a sua propagação é tão ampla? Novamente, surgem reflexões que já têm vindo a ser desenvolvidas ao longo do presente texto. Durante a Idade Moderna, as formas são profundamente consistentes, daí que conheçam uma sobrevivência muito longa e espacialmente muito ampla. Após a análise da informação contida ao longo do presente capítulo, reconhece-se que as marcas modernas não são exceção.

4.2. A marca da rosa coroada ou da letra maiúscula

²¹³ Cf. GADD, 1999: 8.

²¹⁴ Cf. MASSÉ, 1915: 117.

Infelizmente, a segunda marca reconhecida no achado de Belinho surge somente em sete pratos, localizada em todos os casos no reverso da aba. Desde já, reconhece-se que há muitos poucos exemplares para analisar e interpretar. Para além disso, estas sete marcas apresentam um mau estado de conservação, havendo algumas ilegíveis ou quase ilegíveis. Devido a estes fatores, a observação desta marca e a sua interpretação são muito mais dificultadas. Neste sentido, a informação que se retira da sua observação é mais debilitada e inexata. O estudo desta marca partiu da observação de essencialmente os dois exemplares mais legíveis, sendo estes as marcas dos objetos ME.ARQ.SUB.0091 e ME.ARQ.SUB.0188. Apesar do seu mau estado de conservação, são as duas melhores marcas que permitem uma melhor interpretação.



Imagem 44. Pormenor de uma fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0091. Comprimento da marca: 8 mm; largura da marca: 7 mm. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0091.IM (12). Fonte: fotografia da autora.

A primeira marca encontrada está representada na imagem 44. Numa primeira observação, colocou-se a hipótese de esta se tratar de uma letra maiúscula, apesar de não ser possível identificar qual poderia ser. Mais tarde, aquando da consulta de bibliografia levantada, deparou-se com uma marca, correspondente à imagem 45, também interpretada como uma letra capital, possivelmente um H segundo a observação dos autores.



Imagem 45. Marca presente num prato inglês, datado de 1490 a 1530. Fonte: NEISH, RICKETTS, 2018: 39.

Surge num prato quatrocentista ou quinhentista de produção inglesa. As semelhanças formais são notórias, independentemente de ambas as marcas apresentarem um mau estado de conservação. Neste seguimento, questiona-se qual seria o valor da marca de Belinho, caso se trate verdadeiramente de uma letra maiúscula. As respostas mais imediatas serão o valor de marca de produtor ou de marca de proprietário.

Infelizmente, não foi possível avançar mais com esta hipótese, devido à falta de informação e, naturalmente, devido à ilegibilidade da marca de Belinho. Para além disso, com o achado de mais exemplares desta marca aquando da observação dos pratos de Belinho avaliaram-se outras hipóteses.



Imagem 46. Pormenor de uma fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0188. Comprimento da marca: 8 mm; largura da marca: 8 mm. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0188.IM (6). Fonte: fotografia da autora.

A marca representada na imagem acima parece, numa observação mais superficial, bastante distinta da marca apresentada na imagem 44. Porém, confere-se

que ambas as marcas seguem a mesma composição formal e, além disso, apresentam o mesmo tamanho, podendo ter sido exatamente a mesma punção a fazê-las. A diferença está no facto de o estado de conservação da segunda marca apresentada ser superior ao da marca anterior. De facto, tendo em consideração os pormenores que a segunda marca dá a conhecer, poder-se-ia dizer que esta figura uma flor, sugerindo, a parte inferior, duas folhas. Para além disso, a parte superior parece delinear uma coroa.

Tendo em conta a possibilidade de a marca se tratar de uma flor coroada e conhecendo as marcas mais comuns na produção de estanho, colocou-se a hipótese de esta marca representar uma rosa coroada. Esta proposta surgiu antes da realização do estágio curricular, por iniciativa da equipa de investigação de Belinho 1²¹⁵. De facto, a marca da rosa coroada trata-se de uma das mais comuns na produção de objetos de estanho da Idade Moderna. Neste seguimento, tendo em vista que a marca da rosa coroada é um tema mais desenvolvido, no âmbito do estudo das marcas de estanho, e que é uma marca muitíssimo comum no estanho moderno, optou-se por desenvolver a restante investigação seguindo esta interpretação, em detrimento da proposta de que se poderá tratar de uma letra maiúscula.

Novamente, houve a tentativa de relacionar a forma do prato marcado e a marca, à imagem do que foi desenvolvido no capítulo anterior.

²¹⁵ Cf. ALMEIDA et al, 2017: 83.

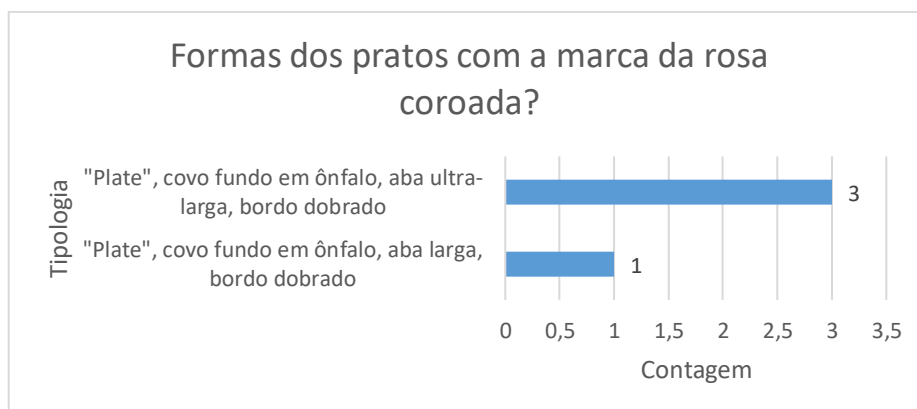


Gráfico 7. Relação entre a tipologia dos pratos e a marca da possível rosa coroadada. Fonte: elaboração da autora.

Contudo, novamente, os resultados mostram-se inconclusivos. O facto de a tipologia marcada pela rosa coroadada ser a mais comum, não permite tirar conclusões seguras. A única informação válida que é retirada da interpretação do gráfico acima é o facto de a marca da rosa coroadada não surgir em nenhum dos pratos rasos. Por outras palavras, a rosa coroadada não é marcada em nenhum dos pratos da segunda categoria formal definida no capítulo 3.1, surgindo somente na primeira categoria formal, correspondente ao prato de fundo em ônfalo e de aba larga ou ultra-larga. Por outro lado, a marca do martelo coroadado surge nas duas tipologias formais dos pratos de Belinho.

De seguida, tentou interpretar-se as informações que o tamanho das várias punções que figuram a rosa coroadada poderiam dar a conhecer. Ao contrário da análise feita para o martelo coroadado, que apresentava variados tamanhos, o que, por isso, indica que várias punções diferentes deverão ter feito as 40 marcas achadas, a marca da rosa coroadada apresenta o mesmo tamanho com uma variação muito ligeira. A marca varia entre os 7 e 9 milímetros de comprimento e os 6 e 8 milímetros de largura. Esta disparidade ligeira poderá ser justificada no facto de as sete marcas apresentarem um mau estado de conservação, pelo que as linhas compositivas que as estruturam estão, em alguns casos, mais apagadas do que noutros. Daí que a medição das marcas seja imprecisa.

Uma vez que a observação das marcas não garante mais informação, segue-se para a análise do levantamento de marcas da rosa coroada encontradas em bibliografia.



Imagem 47. Esquema com o levantamento de representações de marcas da rosa coroada.

Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

Tal como foi verificada, no último capítulo, a vasta difusão que a marca do martelo coroado conheceu, também a marca da rosa coroada viajou por toda a Europa. O levantamento acima apresentado inclui marcas de Inglaterra, Países Baixos, Alemanha e Suíça. Novamente, ainda não foi possível detetar a geografia de origem da marca da rosa coroada. Neste sentido, à imagem da conclusão que se chegou no último capítulo, dificilmente se perceberá qual o local de produção dos objetos de Belinho.

Relativamente ao tempo de produção, mais facilmente se compreenderá em que contexto se enquadra a marca de Belinho, uma vez que a evolução formal desta tipologia de marca é bastante clara. Interpretando o esquema da imagem 47 e a informação que contém a imagem 40, as marcas mais antigas seriam constituídas pelo desenho da rosa coroada e possivelmente acompanhadas por letras. Mais notoriamente a partir do século XVIII, ganham cada vez mais elementos, como uma data, uma referência à qualidade do metal (exemplificando *fein Zinn*) e pormenores decorativos. Apesar de a evolução formal da marca ser clara, o facto de a marca achada nos pratos de Belinho ser tão pouco legível não a permite associar a uma ou mais marcas expostas na imagem acima. Neste sentido, aplicar este método comparativo a fim de se chegar a uma datação deverá ser sempre um dos propósitos da equipa de investigação de Belinho. Contudo, averiguou-se que a aplicação desta metodologia será muito mais fácil quando se compreender na totalidade a forma da marca. Tal será possível essencialmente após se encontrar mais marcas semelhantes e eventualmente em melhor estado de

conservação nos restantes objetos de estanho que não foram inventariados durante a realização do estágio.

Apesar de se ter interpretado a marca achada em Belinho como uma rosa coroada, é necessário ressaltar que o seu estado de conservação não permite fazer essa identificação com segurança. Para além do mais, o facto de a marca em estudo parecer uma flor coroada não significa imediatamente que se trate de uma rosa coroada. Para a realização da investigação tomou-se essa via, uma vez que se trata das marcas mais comuns nos objetos de estanho da Idade Moderna. No entanto, é necessário apontar que a estilização da flor da marca de Belinho não corresponde, a nível compositivo, com a estilização das rosas coroadas expostas na imagem 47. Todas as marcas levantadas figuram uma rosa aberta de composição circular. A flor que parece conter a marca de Belinho assemelha-se a uma flor fechada, não apresentando, por isso, uma flor de forma circular. O facto de a estilização não corresponder pode ser interpretado de duas maneiras. Por um lado, pode invalidar a hipótese de a marca de Belinho corresponder a uma rosa coroada, pois não há parecenças compositivas com as marcas levantadas que o justifiquem. Por outro lado, pode tratar-se de uma variante que, independentemente das diferenças formais, figure uma rosa coroada e que, aos olhos da sociedade moderna, seria interpretada de igual modo como as marcas da rosa coroada levantadas.

Face esta questão, tal como a marca do martelo coroado, não se sabe qual a função de origem desta marca. Como desenvolvido no início do capítulo 4, a marca da rosa coroada tanto foi utilizada enquanto marca de qualidade, como de exportação e marca de produtor. Curiosamente, o autor Hintze atribuiu à maioria das marcas da rosa coroada, constituintes do seu inventário, o valor de marca de qualidade e, em alguns casos, marca de qualidade para o estanho, enquanto matéria-prima, inglês²¹⁶. Tal facto poderá sugerir que na Alemanha e na Suíça dos séculos XV a XVIII, sendo este o âmbito temporal das marcas da rosa coroada constituintes do levantamento de Hintze, o valor que a marca teria em maior uso seria o de marca de qualidade.

²¹⁶ Vide Apêndice I, tabela 1, última secção, referente ao estudo da marca da rosa coroada.

5. Objetos de outros materiais inventariados – formas, técnicas, funções e vocabulário

De modo a complementar a principal ação do funcionamento do estágio, isto é, a inventariação de uma seleção de objetos da coleção em estudo com especial incidência em objetos de estanho, optou-se por estudar alguns objetos de metal de outros materiais, na expectativa de se conseguir informação sobre o achado e o seu contexto temporal e geográfico de produção.

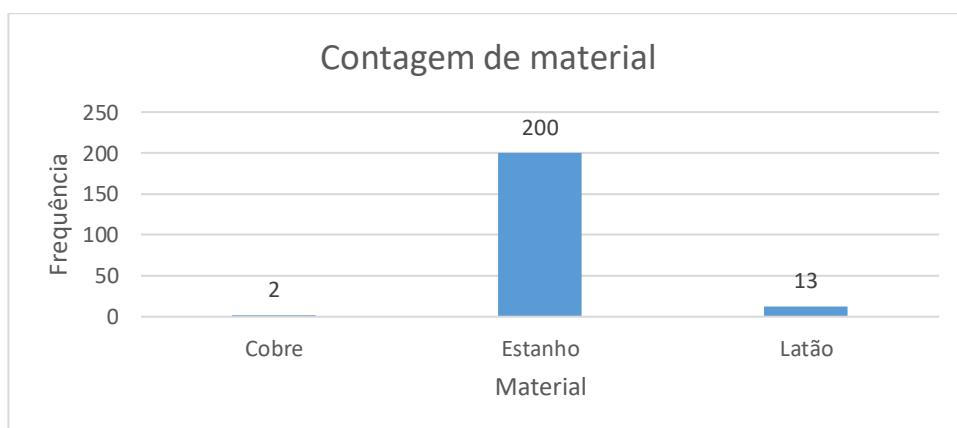


Gráfico 8. Contagem de objetos inventariados, divididos por material. Fonte: elaboração da autora.

Novamente, esclarece-se que se inventariou 200 objetos de estanho, de variadas tipologias; 13 objetos de latão e dois de cobre. Tendo em conta o seguinte gráfico, esclarece-se que metade dos objetos de latão estudados são bacias, vulgarmente conhecidos como pratos ou bacias de Nuremberga ou de oferta; segue-se um castiçal e quatro fragmentos de castiçal de latão e um jarro também em latão. Em cobre, inventariou-se um castiçal e uma fivela.

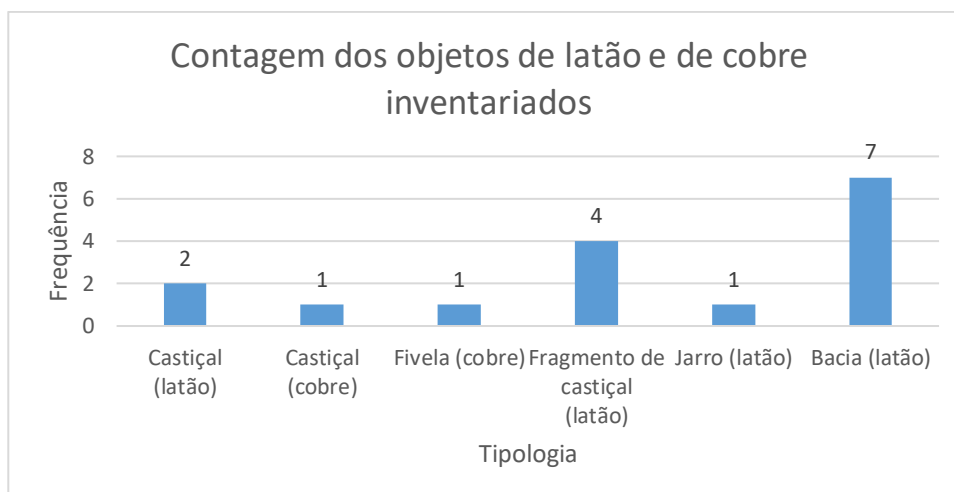


Gráfico 9. Contagem de objetos de latão e de cobre inventariados, divididos por tipologia.

Fonte: elaboração da autora.

O presente capítulo concentrar-se-á nas diferentes tipologias dos objetos acima enumerados, dedicando-se às suas formas, às técnicas de produção e ao leque funcional de cada uma das tipologias. Esta descrição decorrerá a partir da perspectiva da História da Arte, servindo-se de variadas metodologias de análise, atribuídas diferentemente a cada tipologia de objeto que, por sua vez, estão divididas em cada um dos seguintes subcapítulos. Para além disso, o presente capítulo reflete sobre o vocabulário português mais comumente utilizado para a identificação e classificação dos objetos estudados, comparando-o com os vocábulos utilizados em outras línguas europeias.

5.1. Bacias de latão

A primeira tipologia de objeto de latão que se estudou, aquando da realização do estágio curricular, foi a bacia. Foram inventariadas sete bacias de latão, possuindo todas estas um tema figurativo religioso ou naturalista, no centro, uma ou duas inscrições a envolvê-lo e várias linhas de diversos motivos puncionados. Desde já, compreende-se que as sete bacias de latão achadas em Belinho estão de acordo com a produção moderna desta tipologia. Apesar de também ter havido uma vasta produção de bacias de latão simples, sem uma carga decorativa ou simbólica, e apesar de se ter achado essa

tipologia de bacia de latão em Belinho²¹⁷, a nossa investigação centra-se nas bacias de latão decoradas, pois são mais valorizadas a nível científico e museológico. Para além disso, são também o tipo de bacia de latão que possui mais informação e conhecimento acessíveis.

A produção deste tipo de bacias foi muito próspera nos séculos XV e XVI, principalmente na cidade alemã Nuremberga²¹⁸, mas também em Espanha, Itália e Flandres²¹⁹, especialmente na cidade Dinand²²⁰. Apesar de os centros produtores enumerados serem os principais da Europa, haveria outros. Relativamente ao caso português, coloca-se a hipótese de este também ter produzido pratos de latão, devido à permanência de fabricantes de metal alemães, em Lisboa na Idade Moderna²²¹. Apesar de ainda não ter sido possível confirmá-lo, sabe-se que a Península Ibérica foi um importador privilegiado deste tipo de peças²²² e que Portugal teve uma especial relação comercial com a Alemanha durante o século XVI²²³. Deste modo, testemunha-se a vasta difusão que esta produção tomou por toda a Europa, cuja propagação pode ser explicada a partir da compreensão das técnicas de produção das bacias de latão.

O método preferido para o fabrico destas peças é a estampagem. Esta técnica consiste em moldar uma folha de metal, a partir de um molde preexistente, normalmente de bronze ou ferro²²⁴. Para tal, pressionava-se, com um martelo, o molde sobre a folha de metal. Esta estaria pousada sobre uma matéria maleável, normalmente chumbo²²⁵. Desta forma, trabalhando a moldagem a partir do reverso, obtinha-se um relevo nítido na frente do objeto, sem marcas do martelo²²⁶. Neste sentido, a estampagem permite a execução de vários exemplares iguais num curto espaço de

²¹⁷ Cf. ALMEIDA *et al.*, 2017: 84.

²¹⁸ Cf. SOUSA, 2010: 520.

²¹⁹ Cf. SOUSA, 2010: 519.

²²⁰ Cf. SOUSA, 2010: 520.

²²¹ Cf. MARTINS, 2010: 36.

²²² Cf. SOUSA, 2010: 520.

²²³ Cf. MARTINS, 2010: 43.

²²⁴ Cf. SOUSA, 2010: 522.

²²⁵ *Ibidem*.

²²⁶ *Ibidem*.

tempo, graças à reutilização de um só molde várias vezes²²⁷. Consequentemente, este processo de produção mecanizado torna a produção mais acessível e permite uma difusão rápida e em larga escala²²⁸.

Relativamente ao achado de Belinho, os sete pratos de latão inventariados possuem, todos eles, um disco central, no covo, com um tema figurativo religioso ou naturalista; duas inscrições ou uma inscrição, uma linha de punções naturalistas a envolver o tema central e, na aba, uma ou duas linhas de punções decorativas. Os motivos figurativos das peças inventariadas são São Cristóvão; São Jorge matando o dragão; Josué e Caleb na Terra Prometida; Adão e Eva no Paraíso, aludindo ao pecado original e uma rosácea. Os dois últimos temas estão repetidos, enquanto os restantes surgem num só prato. De facto, os temas enumerados são os mais comuns que se encontram nesta tipologia de bacia. Também se poderia acrescentar os temas da Anunciação, de Nossa Senhora com o Menino, *Agnus Dei*, o Sacrifício de Isaac e um Anjo²²⁹. Apesar de não se ter achado estes exemplares em Belinho, é válida a hipótese de que poderão um dia ser encontrados.

²²⁷ *Ibidem*.

²²⁸ Cf. SOUSA, 2010: 516.

²²⁹ Cf. SOUSA, 2010: 525.



Imagem 48. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0018. Comprimento: 41.8 cm; largura: 29.5 cm; Diâmetro interno: 26.2 cm; largura da aba: 5 cm; peso: 1018 g. Inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0018.IM (1). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 49. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0032. Comprimento: 34 cm; largura: 29 cm; Diâmetro interno: 22 cm; largura da aba: 5.5 cm; peso: 595 g. Inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0032.IM (1). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 50. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0349. Comprimento: 43 cm; largura: 29 cm; Diâmetro interno: 22.5 cm; largura da aba: 5.5 cm; peso: 1182 g. Inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0349.IM (1). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 51. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0277. Diâmetro máximo: 35 cm; diâmetro interno: 24 cm; largura da aba: 3.2 cm; peso: 693 g. Inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0277.IM (6). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 52. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0278. Diâmetro máximo: 36.5 cm; diâmetro interno: 22 cm; largura da aba: 6 cm; peso: 714 g. Inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0278.IM (1). Fonte: fotografia da autora.

Apesar do mau estado de conservação, todos os pratos achados são circulares e de aba larga, com exceção do prato com a rosácea que, por estar danificado, não é claro o tipo de aba. As profundidades dos pratos também são pouco claras, devido às deformações estruturais. Apesar de os pratos de São Cristóvão e de São Jorge parecerem os mais fundos, existe a possibilidade de os restantes terem sido originalmente semelhantes. Todos os pratos possuem uma ou duas inscrições e duas ou três linhas de punções, estando sempre duas na aba e, excetuando no prato de São Cristóvão e das rosáceas, uma linha no covo. Todos estes elementos de análise achados nos pratos de Belinho estão de acordo com a vasta produção dos pratos de latão da Idade Moderna, sendo que, para além dos temas centrais representados serem comuns, também as inscrições e as punções o são.

Relativamente às inscrições, em todos os pratos surge uma inscrição totalmente igual, incluindo a ornamentação que a acompanha. A inscrição diz «DER IN FRID GEHWART», em alemão medieval, repetida quatro vezes. A sua tradução para o português pode ser «Ele que concede a paz» (MARTINS, 2010: 96) ou «Eu vigio na paz» (SOUSA, 2010: 526). Numa das repetições, a palavra «GHWART» está escrita

«GHGHWART». Poderá tratar-se de um engano por parte do autor ou, mais provavelmente, a repetição das duas letras terá surgido como solução para preenchimento de espaço livre em excesso. Reconhece-se três motivos geométricos intercalados entre algumas letras e um motivo circular a encimar as letras H da palavra «GHWART». No final da palavra «DER», surge um motivo geométrico constituído por uma linha vertical com dois diamantes a metade desse comprimento. Entre as letras I e N da palavra «IN» e entre as letras T e D das palavras «GHWART» e «DER», surge um motivo constituído por dois pontos sobrepostos verticalmente (*puncti distinguentes*). Entre as letras D e G da palavra «FRIDG», surge um motivo constituído por dois círculos iguais entre si e aos supramencionados, colocados afastados um do outro num eixo vertical, utilizados para separar as palavras.

No caso do prato de São Cristóvão e nos dois pratos com a rosácea, surgem duas inscrições, sendo a interior a citação supracitada e a citação exterior «HILF IHS XPS UND MARIA», em alemão medieval, repetida cinco vezes. A sua tradução para o português é «Jesus Cristo e Maria ajuda-nos» (MARTINS, 2010: 96). Antes das palavras «HILF» e «UND», surge um motivo vegetalista representativo de uma flor de dez pétalas, cinco pétalas circulares intercaladas por cinco pétalas alongadas, com o arranque do caule com uma folha. Antes das palavras «IHS» e «MARIA», surge um motivo em S. Possivelmente devido a um engano por parte do autor ou devido à falta de espaço na linha definida para esta inscrição, antes de uma das repetições da palavra «HILF», surge o motivo em S.

De facto, o habitual é as inscrições serem em alemão ou latim, mais comumente a primeira língua. Este elemento cumpre duas funções. Primeiramente, transmite uma mensagem moral, ética ou histórica ou, tendo em conta que é comum a representação de um motivo religioso no disco central, uma mensagem moral-cristã ou piedosa. Note-se que não há necessariamente uma relação entre o conteúdo da inscrição e a representação central, pelo que, de imediato, se descarta a ideia de que a inscrição serve para ilustrar a cena representada. Deve-se ter em conta o conteúdo da mensagem aquando da análise dos objetos, apesar de, muitas vezes, estas peças serem produzidas ou vendidas num contexto em que não se compreendia o alemão ou o latim. Daí que

seja comum as inscrições serem interrompidas subitamente ou apresentarem pouca atenção à colocação das palavras. Deste modo, surge o segundo propósito destas inscrições, sendo este ornamentar. É neste sentido que se enquadra a seguinte citação:

À semelhança do que sucede com as inscrições nos cálices, a preocupação com a escorreita redacção das frases é escassa; estas podem ser repetidas várias vezes ao redor do círculo e subitamente interrompidas por falta de espaço na superfície do prato. Pelo contrário, nas situações em que o dizer é curto, as letras são intercaladas por motivos geométricos ou florais, sem atender à sua colocação entre as palavras, encontrando-se nalguns exemplares vocábulos seguidos sem espaço de separação. A inscrição não tinha como propósito ilustrar ou complementar o tema central (a maior parte das vezes não existe qualquer relação entre uma coisa e a outra), podendo constituir um simples motivo decorativo ou conter uma ideia religiosa, piedosa, ética ou histórica (SOUSA, 2010: 523)

Não obstante, o autor José Manuel Cruz Valdovinos aventou a hipótese de que as inscrições escritas incorretamente em alemão são produção espanhola ou flamenga e as inscrições num alemão correto são de produção alemã²³⁰. Esta sugestão assenta no pressuposto de que os fabricantes ou os proprietários sabiam ler alemão, quando, na verdade, um número significativo destas peças pertencia a um indivíduo que não saberia ler ou que desconhecia o idioma alemão²³¹. Para além disso, a hipótese do autor Valdovinos não dá resposta ao facto de erros ortográficos semelhantes estarem presentes em inscrições em latim. Neste seguimento, entende-se mais válida a sugestão de que, universalmente e independentemente do contexto geográfico de produção, as inscrições terem mais valor ornamental do que significado literário, em detrimento da hipótese que associava os erros ortográficos ao contexto de produção.

²³⁰ Cf. MARTINS, 2010: 97.

²³¹ Cf. SOUSA, 2010: 523.

As punções achadas nos pratos de Belinho são idênticas em todos os pratos. Em todas as abas, se encontram duas linhas de punção, junto do bordo, sendo a interior representativas de folhas e a exterior de flores-de-lis. Com exceção dos pratos de São Cristóvão e das duas rosáceas, há uma linha de punções no covo, representativa de uma folha em tudo semelhante às punções das abas, a envolver a o tema central e a inscrição. O prato de São Cristóvão e os pratos das rosáceas não contêm punções no covo, pois esse espaço já se encontra ocupado pela segunda inscrição, «HILF IHS XPS UND MARIA».

Após a observação das bacias achadas em Belinho, procurou-se levantar correspondentes formais musealizados, à imagem do que foi desenvolvido no estudo das restantes tipologias. De facto, conseguiu-se levantar peças com uma composição no disco central rigorosamente igual às bacias que representam o São Cristóvão; o São Jorge e Adão e Eva. Neste sentido, foi objetivo confrontar a informação disponibilizada pelos museus que abrigam os objetos levantados com a observação das bacias em estudo, a fim de averiguar se a informação proporcionada é válida para as peças achadas em Belinho.



Imagem 53. *Dish*. Produção alemã, do início do século XVI. Latão, 41.9 x 4 cm. Fonte: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/467531?ao=on&ft=brass+dish∓offset=40&rpp=40&pos=46>>.

Comparando as imagens 48 e 53 entre si, reconhece-se a incrível similitude que ambos os objetos apresentam. O tema central de ambos, São Cristóvão a atravessar um rio com o Menino, está representado através da mesma composição. Por outras palavras, o disco central dos dois pratos é exatamente igual. Também rigorosamente iguais são as duas inscrições. Ambas citam «DER IN FRID GEHWART», com rigorosamente o mesmo tipo de desenho de letra, capitais góticas, e com exatamente a mesma ornamentação colocada no mesmo lugar. Relativamente ao covo, a diferença está na segunda inscrição, no caso do prato achado em Belinho, e na linha de punções vegetalistas, representativas de uma folha, no caso do prato apresentado na imagem acima. Passando-se para a análise das duas abas, ambas possuem duas linhas de punções, sendo a interior exatamente igual, representativa de uma folha, e a linha exterior ligeiramente diferente. No caso do prato achado em Belinho, a segunda linha de punções representa flores-de-lis, enquanto na imagem acima reconhece-se um motivo muito semelhantes, porém, em vez de três pétalas, possui três esferas, representativa de uma flor estilizada.



Imagem 54. Dish. Produção alemã, do início do século XVI. Latão, 38.6 cm de diâmetro. Fonte: <<https://collections.vam.ac.uk/item/O87648/dish-unknown/>>.



Imagem 55. *Schaal met H. Joris en de draak*. Produção alemã, possivelmente de Nuremberga, do século XVI. Latão, 47.5 cm de diâmetro e 4 cm de profundidade. Fonte: <<https://www.rijksmuseum.nl/en/collection/BK-NM-11682>>.



Imagem 56. *Schotel met H. Joris en de draak*. Produção alemã, possivelmente de Nuremberga, do século XVI. Latão, 40 cm de diâmetro e 4.5 cm de profundidade. Fonte: <<https://www.rijksmuseum.nl/en/collection/BK-NM-11683>>.

Seguindo para a análise da bacia representativa de São Jorge, presente na imagem 49, achou-se três bacias muito semelhantes em dois contextos museológicos diferentes,

incluídos nas imagens acima. O tema central é formalmente igual em todos os quatro casos. O que varia é nos restantes elementos iconográficos. Primeiramente, a bacia da imagem 55 não possui uma inscrição a envolver o tema central, mas duas linhas de motivo vegetalista. As restantes três bacias possuem exatamente a mesma inscrição, com o mesmo desenho de letra e com a mesma composição ornamental, à imagem do que ocorreu na bacia de São Cristóvão, acima analisada. A única diferença está na linha de punções do covo. Apesar de todas representarem uma folha, o motivo da primeira bacia (imagem 54) é ligeiramente distinto das bacias de Belinho e a da imagem 56. Relativamente às quatro abas em análise, a da bacia achada em Belinho e a da bacia representada na imagem 56 são exatamente iguais, pois possuem uma linha de punções representativa de uma folha e uma segunda linha de punções representativas de flores-de-lis. A sua composição é rigorosamente igual.



Imagem 57. *Dish*. Produção alemã, do início do século XVI. Latão, 38.1 x 4.4 cm. Fonte: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/467538?ao=on&ft=brass+dish∓offset=0&rpp=40&pos=38>.



Imagem 58. *Dish*. Produção alemã, do início do século XVI. Latão, 38.7 x 4.6 cm. Fonte: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/467539?ao=on&ft=brass+dish∓offset=40&rpp=40&pos=42>>.



Imagem 59. *Bekken met Adam en Eva*. Produção alemã, possivelmente de Nuremberga, da primeira metade do século XVI. Latão, 46 cm de diâmetro e 6.5 cm de profundidade. Fonte: <<https://www.rijksmuseum.nl/en/collection/BK-NM-2450>>.



Imagem 60. Plat: Adam et Eve. Produção alemã, do século XVI. Latão, 38 cm de diâmetro e 5 cm de profundidade. Fonte: <<https://collections.louvre.fr/ark:/53355/cl010111165>>.

Por fim, também se encontraram correspondentes para a bacia representativa de Adão e Eva no Paraíso, aludindo ao pecado original através da presença da serpente. O disco central da bacia achada em Belinho é exatamente igual aos temas centrais presentes nas quatro bacias acima apresentadas. Tal correspondência é muitíssimo vantajosa para a compreensão da bacia achada em Belinho, pois alguns pormenores apagados, devido à má conservação do objeto, são esclarecidos através da análise de outros exemplares. É o caso da filacteria que se encontra ao lado da figura de Adão. Na bacia de Belinho, encontra-se muito pouco legível. Nas bacias representadas nas imagens 58 e 59, a filacteria é legível. Contudo, os símbolos que esta possui são incompreensíveis, caso não se conheça a caligrafia da época e a língua em que esta se encontra escrita. Para além disso, em nenhuma das fichas de inventário das quatro bacias musealizadas achadas se faz referência à inscrição presente na filacteria. Não obstante, tentou-se identificar o que a inscrição poderia significar. Neste sentido, após a nossa análise das bacias das imagens 58 e 59, teve-se em conta o tema representado, sendo este Adão e Eva; o número de símbolos; a extensão da inscrição e a presença de um possível V seguido por uma expressão que se assemelha a *homo*, apesar de não possuir o H. Neste seguimento, aponta-se a sugestão de a inscrição presente na filacteria

significar homem e Eva, apesar do erro ortográfico na palavra *homo* e da presença de símbolos que não se assemelham ao nosso alfabeto na continuidade da expressão. Todavia, recomenda-se que, no futuro, um especialista em paleografia se concentre neste objeto e que procure uma resposta.

Outro elemento que foi possível identificar graças à análise de peças com uma composição igual à da bacia achada em Belinho foi a coroa que a serpente apresenta. Iconologicamente, a serpente poderá estar coroada, porque «era mais astuta que todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito» (Gn, 3: 1), além de que a serpente foi vitoriosa após conseguir manipular Eva a comer do fruto proibido. Coloca-se a hipótese de esta opção iconográfica poder esclarecer sobre o contexto temporal e espacial de produção da bacia. Para tal, considera-se a seguinte afirmação.

«A veces, esta serpiente antropoide lleva una corona en la cabeza. Dicha innovación apareció por primera vez en el arte francés: uno de los primeros ejemplos conocidos es el retablo esmaltado de Nicola de Verdun en Klosterneunburg (1181). El tema es poco frecuente en las miniaturas alemanas, incluso en el siglo XIII.» (RÉAU, 1996: 108)

Infelizmente, o autor não especifica como foi desenvolvida esta iconografia durante a Época Moderna, porém permite saber que a serpente coroada é uma invenção possivelmente do século XII que surge no contexto francês e alemão. Caso se verifique que esta iconografia se manteve geograficamente nestas duas regiões, poder-se-á corroborar a origem germânica destas peças.

Passando para a análise das abas, a bacia achada em Belinho possui duas linhas de punções em tudo semelhantes às bacias em estudo, com uma linha interna de punções que representam uma folha e uma outra linha externa de flores-de-lis. A bacia da imagem 60 possui uma aba exatamente igual. A bacia da imagem 57 assemelha-se aos restantes casos achados, possuindo uma linha de folhas puncionadas, seguida por uma composição de flores estilizadas. A bacia da imagem 58 distancia-se um pouco mais, pois possui duas linhas de punções representativas de folhas, ligeiramente diferentes entre

si. E, por fim, a bacia da imagem 59 é a mais dessemelhante por possuir uma aba de menor dimensão, com apenas uma linha de punções quase ilegíveis.

Por fim, passa-se à análise dos dados para já observados. Após a leitura das fichas de inventário disponibilizadas em-linha das bacias musealizadas levantadas, verificou-se que todas estas são de produção alemã, algumas especificando a cidade de Nuremberga. No entanto, é preciso ter em conta que está por fazer um levantamento exaustivo a nível europeu. Para além disso, como já foi mencionado, a definição da produção de uma bacia de latão como sendo alemã deveria ser, muitas vezes, mais bem fundamentada, uma vez que, por estar em falta um levantamento de grande escala, a produção alemã foi, ao longo da historiografia contemporânea, a convenção matriz. Neste sentido, questiona-se se será válida a criação de uma hipótese que atribua às bacias achadas em Belinho a uma produção alemã da Idade Moderna. Tendo em conta o risco de se sugerir um contexto geográfico aos objetos em estudo a partir de uma pequena seleção de peças, surge como solução a continuação do levantamento de objetos musealizados formalmente semelhantes, a fim de se averiguar se serão todos de produção alemã. Caso não o sejam, confirma-se com mais segurança a larga difusão espacial que esta tipologia de objetos conheceu.

Relativamente aos sistemas de datação, recomenda-se sempre a máxima atenção na análise dos dados disponibilizados pelas fichas de inventário, pois, à imagem da inadequação das balizas temporais para o estudo dos objetos de estanho, prevê-se que as mesmas reflexões sejam válidas para o estudo dos objetos de latão.

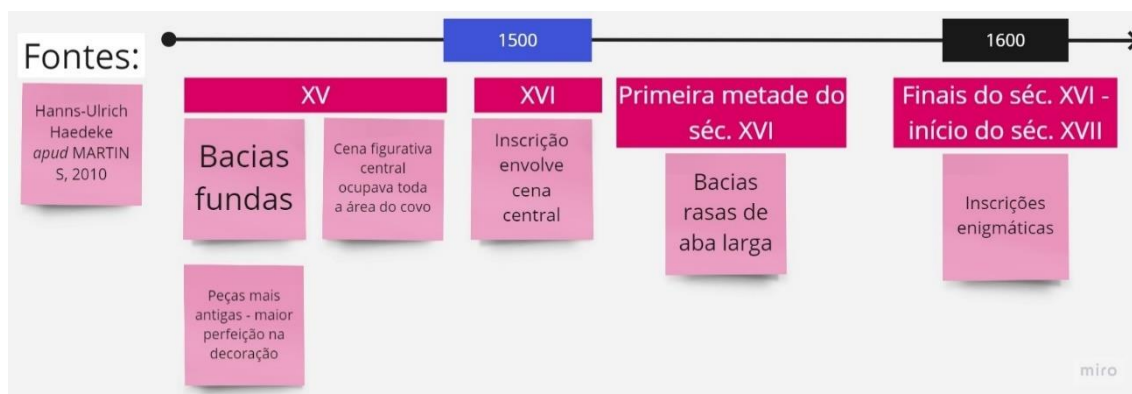


Imagem 61. Esquema com a informação conseguida através da leitura da bibliografia sobre bacias de latão. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

Após a leitura da bibliografia sobre bacias de latão, rapidamente se compreendeu que o desenvolvimento de sistemas de datação destas peças é escasso. Todas as considerações feitas são referentes à produção do século XV até ao início do XVII, o que é repreensível pois a produção destas bacias conhece uma escala temporal mais alargada do que a apresentada pela bibliografia. Considere-se os seguintes esquemas.



Imagem 62. Esquema com o levantamento de objetos do século XV e início do século XVI musealizados formalmente semelhantes às bacias em estudo. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.



Imagem 63. Esquema com o levantamento de objetos dos séculos XVI e XVII musealizados formalmente semelhantes às bacias em estudo. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

Confrontando-se a leitura da bibliografia e a datação de bacias de latão musealizadas, averigua-se que a produção desta tipologia de peças é sempre apontada para os séculos XV e XVI, com somente duas exceções datadas do século XVII. É neste sentido que se enquadram as seguintes problematizações.

«É difícil precisar a cronologia de boa parte destes pratos que subsistiram até aos nossos dias, mas a maioria dos estudiosos tende a inclinar-se para o período compreendido entre os finais do século XV e século XVI» (SOUSA, 2010: 520)

«Ainda não é possível determinar com precisão a datação individual dos pratos e bacias, em geral, e, particularmente, dos objectos em estudo [as bacias da coleção da Casa-Museu Guerra Junqueiro], pois não existe documentação ou outro tipo de exames que comprovem a datação. Existe a concordância em atribuir a sua produção entre os séculos XV e XVI» (MARTINS, 2010: 74)

Neste sentido, compreende-se que a típica atribuição da produção de uma bacia de latão aos séculos XV e XVI, trata-se de uma convenção, «ainda que alguns exemplares

possam ser posteriores, como o prato conservado em Tolosa de 1636» (MARTINS, 2010: 74) e as duas exceções datadas do século XVII. Esta convenção surge do facto de a documentação existente demonstrar que a produção desta tipologia de bacia foi especialmente produtiva no final do século XV e século XVI e importada significativamente para Portugal²³². Contudo, analisando o esquema abaixo e recordando a afirmação supracitada, afere-se que as balizas temporais de produção desta tipologia deveriam ser mais alargadas. A produção destas bacias terá continuado no século XVII, passando a partir do final deste século a privilegiar-se a faiança e a porcelana em detrimento do metal. Deste modo, recomenda-se cautela no processo de atribuição de um contexto geográfico e temporal às bacias achadas em Belinho, além de se insistir na continuação de um mais exaustivo levantamento de bacias de latão que auxilie a investigação.



Imagem 64. Esquema com o levantamento de imagens dos séculos XV até ao XX que incluem a representação de objetos formalmente semelhantes às bacias em estudo. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

A partir da observação deste esquema, reconhece-se o amplo leque funcional que estes objetos poderiam conhecer. Estas bacias surgem tanto como objetos decorativos como funcionais. Naturalmente, tratando-se o latão de um material relativamente acessível e visualmente apelativo, este tipo de objetos satisfazia as necessidades do contexto eclesiástico e do contexto secular, conhecendo, por isso, uma larga procura em ambos os contextos²³³. Neste sentido, segue-se para a compreensão das funções de que estas peças poderiam ter. No contexto litúrgico, estes objetos eram utilizados como

²³² Cf. SOUSA, 2010: 516-526.

²³³ Cf. SOUSA, 2010: 516, 523.

pratos de batismo; pratos de oferta; recipientes para a água benta²³⁴ e pratos de extrema unção²³⁵. Serviam também para a lavagem das mãos²³⁶; para as sangrias; como balança²³⁷; como lâmpadas, quando apresentam três furos nas abas de modo a conseguirem estar suspensos²³⁸ ou como estrutura de iluminação, como representado nas imagens abaixo, e, naturalmente, como decoração²³⁹.



Imagem 65. Pormenor de «Mesa de los Pecados Capitales», El Bosco, 1505-1510. Disponível em <<https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/table-of-the-seven-deadly-sins/3fc0a84e-d77d-4217-b960-8a34b8873b70>>.



Imagem 66. Pormenor de «Mesa de los Pecados Capitales», El Bosco, 1505-1510. Disponível em <<https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/table-of-the-seven-deadly-sins/3fc0a84e-d77d-4217-b960-8a34b8873b70>>.

²³⁴ Cf. SOUSA, 2010: 516; MARTINS, 2010: 14-15.

²³⁵ Cf. MARTINS, 2010: 14.

²³⁶ Cf. SOUSA, 2010: 518.

²³⁷ Cf. MARTINS, 2010: 20.

²³⁸ Cf. SOUSA, 2010: 516.

²³⁹ Cf. SOUSA, 2010: 526.

Note-se que a autora Martins, no seu estudo sobre as bacias de latão da coleção da Casa-Museu Guerra Junqueiro, afirma que o uso civil destas peças se restringe «à decoração com escudos heráldicos e devido às perfurações nos bordos poderiam também ter servido como balanças.» (MARTINS, 2010: 20) ou como lâmpadas²⁴⁰. Entende-se esta noção como sendo muito redutora. Novamente, compreende-se que uma tipologia de objeto serve um amplo leque funcional, tanto no contexto religioso como no contexto secular, à imagem das reflexões que surgiram em capítulos anteriores. Neste sentido, cada vez mais se rejeita a limitação de os pratos modernos terem servido apenas uma função, privilegiando-se o entendimento de que a sua utilidade seria aberta a muitos contextos²⁴¹. Daí que, considerando que no caso dos pratos a denominação está associada à função, compreende-se que esta tipologia de objetos seja referenciada através de muitas e diferentes expressões.

Entre as várias opções, as mais comuns serão pratos de batismo e pratos para a oferta ou bacia de oferendas e bacia de oferta. De facto, após o levantamento de vários objetos semelhantes musealizados, compreendeu-se que em Portugal domina a prática de os denominar de pratos de oferta. Para além disso, esta noção redutora também domina o meio científico atual. Exemplificando, no artigo mais recente que apresenta e discute o achado de Belinho lê-se:

«This diversity of religious scenes points to use in an environment like a church (Gadd 2008). Some documents reveal that these objects were frequent in Iberian catholic churches and used to collect Money among people or even to perform rituals such as baptism and the anointing of the sick (Martins 2010).» (CASIMIRO et al., 2023: 10)

Para além de não se valorizar todas as funções que estas peças poderiam servir no contexto litúrgico, o facto de não haver uma referência aos usos que estas bacias, inclusive aquelas que tenham uma iconografia de cariz religioso, no contexto secular evidencia a supremacia da redutora convenção que restringe este tipo de peças ao

²⁴⁰ Cf. MARTINS, 2010: 20.

²⁴¹ Cf. SOUSA, 2010: 516.

contexto religioso e que as denomina de prato ou bacia de oferendas ou para oferta ou de batismo.

Porém é necessário compreender que a inclusão desta função na denominação destes objetos é enganosa, pois trata-se meramente de uma convenção, à imagem da comum denominação de pratos de Nuremberga ou *Dinanderies*. Não é viável que todas as bacias desta tipologia servissem para oferta, nem que todas elas correspondessem a produção alemã de Nuremberga ou flamenga de Dinand. Novamente, sublinha-se que são meramente convenções. Para além disso, afirma-se que «Na maior parte dos casos, porém, a função destes objectos não é referida» (SOUSA, 2010: 517-518) na documentação respetiva às visitas modernas. Neste sentido, questiona-se porque é que geralmente não se reconhece e se valoriza as bacias «pera alampadas» (FREIRE, 1908: 408-409), «de barbear ou de barbeiro» (*ibidem*), «de ourinar» (*ibidem*), «de câmara, pequenas» (*ibidem*) que serviriam para lavar as mãos, entre outros.

A opção pela palavra prato ou bacia também se trata de uma importante questão relativa à denominação portuguesa desta tipologia de peças. Normalmente, chamar-se-ia de prato um objeto com menos profundidade e de bacia uma peça com maior profundidade, porém, havendo nesta tipologia uma ampla variação da profundidade dos objetos e não existindo um critério baseado na profundidade do objeto associado à sua denominação, ambos os vocábulos são atribuídos um pouco arbitrariamente. Para além desta questão, é importante considerar-se as designações utilizadas na época de produção destas peças. Na procura por uma solução, considerou-se a seguinte afirmação.

João Soalheiro escreveu que a documentação coeva se lhes refere como bacia de oferendas, defendendo que a sua utilidade era aberta, não se confinando a uma função religiosa. Mas não é apenas essa a aplicação que as fontes lhes conferem. O processo de produção mecanizado tornou possível a produção em larga escala e a rápida difusão destes objectos por toda a Europa, o que fez com que fossem amplamente usadas para fins seculares. Por essa razão, designamo-

las apenas por bacias, expressão mais utilizada nos textos, sem qualquer outro atributo (SOUSA, 2010: 516)

De facto, tendo em conta o amplo leque funcional desta tipologia de objetos, justifica-se a opção por uma designação mais universal, excluindo atributos relativos à função ou à geografia de produção. Tendo em conta que a palavra *bacia* é a mais utilizada nos documentos modernos portugueses, tratando-se este do âmbito da presente investigação, justifica-se a opção de privilegiar a palavra *bacia* em detrimento da palavra *prato*. Não obstante, não se nega que ambos os vocábulos são adequados para a tipologia em estudo. A palavra *bacia* é apropriada devido à sua utilização nos documentos modernos e o vocábulo *prato* é adequado tendo em conta a sua definição nos dicionários modernos e a compatibilidade entre a definição e o objeto a nível formal e funcional. Enquanto última consideração a ser feita relativamente à designação de *bacia*, foi possível averiguar, graças ao levantamento de *bacias* de latão em museus holandeses, que neste contexto estes objetos se denominam *bekken*, cuja tradução para português é *bacia*, ou *schotel* ou *schaal*, cujas traduções são *prato*. Numa primeira tentativa de compreensão da diferenciação da utilização dos vocábulos, parece que *bekken* se utiliza no caso das *bacias* mais fundas e de menor aba e *schotel*, mais utilizado do que *schaal*, para *bacias* de maior aba e menos fundas. Neste sentido, verifica-se um paralelismo entre o caso português e o holandês, sendo que em ambos os contextos se utiliza tanto o vocábulo *bacia* como *prato*, não estando a diferenciação entre ambos rigorosamente compreendida. A compreensão de ambos os casos poderá esclarecer relativamente à designação histórica e à sua evolução até à atualidade e permitir a escolha mais informada por um vocábulo em detrimento de outro.

Como última reflexão acerca do vocabulário português para o estudo das *bacias* de latão, surge a consideração de que nos documentos modernos portugueses, para além de se privilegiar a palavra *bacia*, a sua descrição era baseada no seu tamanho, utilizando-se as expressões «*piquenas, meãs ou grandes*» (SOUSA, 2010: 522). Retornando às considerações feitas no capítulo 3.1, sobre os pratos de estanho, apesar de não ter sido possível verificar a documentação sobre estas peças para compreender o método de descrição utilizado na altura, coloca-se a hipótese de a sua descrição ser

próxima à prática utilizada para as bacias de latão, uma vez que são tipologias equivalentes.

Por fim, reflete-se acerca da designação desta tipologia na língua inglesa. Gadd afirma que as expressões mais conhecidas são «alms dishes, rosewater dishes, christening bowls or just 'bolws'.» (GADD, 2008: 3). Por outras palavras, é comum associar-se uma função à designação do objeto, tal como ocorre comumente em Portugal. Contudo, há uma grande diferença entre o contexto inglês e o português. Nos museus ingleses e dos Estados Unidos da América, a denominação das bacias de latão surge unicamente como *dish*, sem qualquer atribuição a nível funcional ou geográfico.

Acrescenta-se que Gadd criou uma articulação entre o tamanho e iconografia do objeto e a sua função. O autor afirma que as bacias mais simples e sem ornamentação seriam provavelmente utilizadas como pratos de servir, além de associar as bacias de maior tamanho à função de decorar, com exceção das bacias que estariam associadas a um jarro que, independentemente da forma, serviriam para a lavagem de mãos²⁴². Novamente, assiste-se à limitante e forçada articulação entre forma e função, enquanto se deveria cultivar o conceito de uma tipologia formal ser funcionalmente irrestrita.

5.2. Castiçais de latão

Durante a realização do estágio, foram inventariados um castiçais de latão, um em liga de cobre e quatro fragmentos de castiçal, dois correspondentes à haste, um a uma arandela e um à ligação entre a haste e o bocal. Todos são castiçais comumente designados de cano, ou seja, castiçais onde se coloca a vela no bocal²⁴³. Para além disso, uma das tipologias analisadas é tipicamente denominada por «castiçaaes de Frandes» (SOUSA, 2010: 228), uma vez que este era um centro produtor desta tipologia. Contudo, à imagem do que foi dito relativamente à utilização da expressão pratos de Nuremberga, também os castiçais de Flandres não são necessariamente produzidos nesse local.

²⁴² Cf. GADD, 2008: 3.

²⁴³ Cf. SOUSA, 2010: 222.

Analisando as formas dos objetos, reconhecem-se duas tipologias. Uma primeira possui uma base circular, cujo volume se assemelha a um sino, com uma arandela circular no topo. A haste, muito pouco volumosa, possui três nós. O bocal, cilíndrico, possui somente uma aberta na qual se insere a vela. Note-se que o castiçal da imagem 67 está identificado como sendo de liga de cobre na sua ficha de inventário. Uma vez que não foi objetivo o reconhecimento dos metais aquando da realização do estágio, seguiu-se o estudo preexistente e as indicações da equipa de investigação.



Imagem 67. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0343. Comprimento: 25 cm; largura: 12 cm; profundidade da base: 6 cm; profundidade do bocal: 4.5 cm; peso: 447 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0343.IM (1). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 68. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0490. Comprimento: 25 cm; largura: 9 cm; comprimento da base: 7 cm; comprimento do bocal: 4.7 cm; peso: 552 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0490.IM (1). Fonte: fotografia da autora.

A outra tipologia reconhecida surge somente num dos fragmentos de castiçal correspondente a uma haste. Esta apresenta uma volumetria mais complexa do que a tipologia anterior, com reentrâncias e saliências volumétricas. O seu bocal, sextavado, apresenta cinco aberturas, sendo uma delas no topo, para a inserção da vela, e as restantes na lateral. Entende-se que as aberturas laterais são uma evolução estrutural que facilita a libertação e o aproveitamento de cera²⁴⁴. O seu encaixa na base, desaparecida, era possível graças a um parafuso.



Imagem 69. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0762. Comprimento: 16 cm; largura: 3.5 cm; comprimento do bocal: 4.5 cm; peso: 311 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0762.IM (6). Fonte: fotografia da autora.

Após a leitura da bibliografia, compreende-se que os elementos de análise dos castiçais centram-se na base, na haste e no bocal.

²⁴⁴ Cf. SOUSA, 2010: 223.

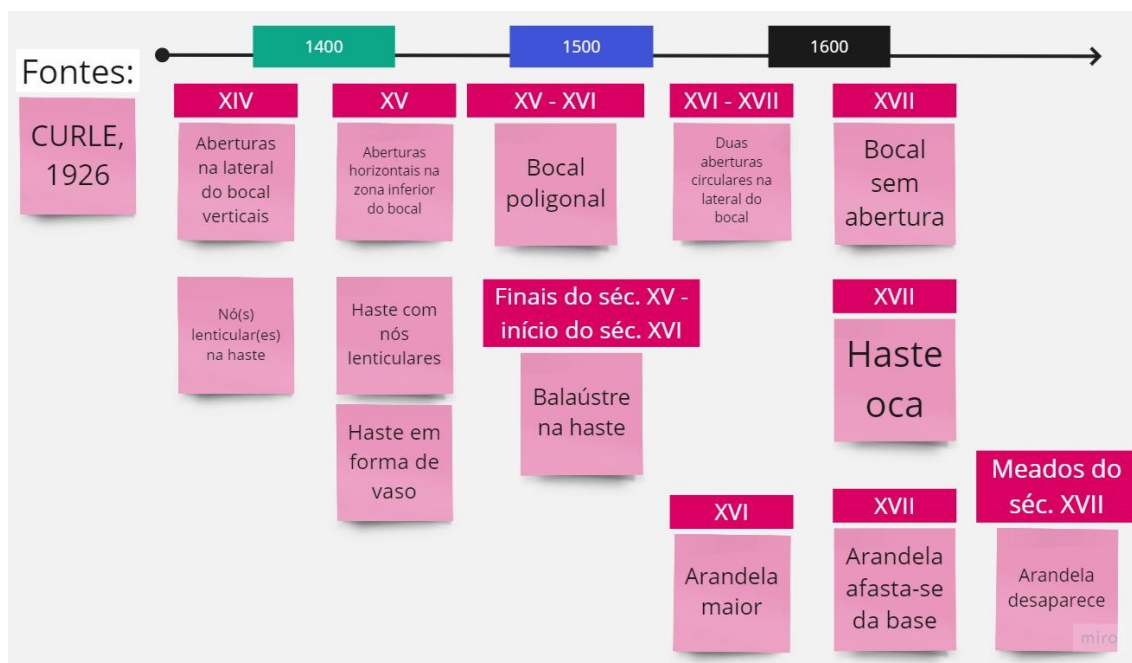


Imagem 70. Esquema com a informação conseguida através da leitura da bibliografia sobre castiçais de latão. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

Relativamente à evolução formal que ocorre no século XV, a haste vai ficando mais elaborada, sendo-lhe adicionada cada vez mais nós, muito provavelmente para facilitar o manuseio da peça e evitar a sua queda. Porém, Curle afirma, em 1926, que a multiplicação desses nós poderá ser justificada como uma tentativa de retardar a queda de cera²⁴⁵. Tendo em conta a data desta publicação, considera-se que esta noção poderá necessitar de uma atualização e considera-se mais provável e natural a razão apresentada acima. A fim de aproveitar a cera, a arandela, situada no topo da base, vai ganhando mais profundidade²⁴⁶ e projeta-se com maior largura do que a base²⁴⁷. A forma inicial do bocal teria uma forma cilíndrica, com um alargamento da abertura na qual se inseria a vela, e possuiria aberturas retangulares laterais²⁴⁸. Retornando às categorias formais reconhecidas na análise dos castiçais achados em Belinho, a primeira

²⁴⁵ Cf. CURLE, 1926: 191-192.

²⁴⁶ Cf. CURLE, 1926: 192.

²⁴⁷ Cf. CURLE, 1926: 193.

²⁴⁸ Cf. CURLE, 1926: 194.

corresponde a esta descrição. O autor Curle data esta tipologia formal como sendo do século XV²⁴⁹.

Relativamente à segunda categoria reconhecida, Curle afirma que a haste possuidora de um balaústre surge no final do século XV e na primeira metade do século XVI²⁵⁰. De acordo com esta informação, o autor afirma que, a partir dos séculos XV e XVI, surgem bocais poligonais, com aberturas laterais encimadas por uma pequena abertura circular²⁵¹. Infelizmente, tendo em conta que não sobreviveu a base, não é possível compreender a forma que esta poderia ter. A mesma consideração pode ser feita sobre a arandela. Há uma tendência, ao longo do século XVII, para a diminuição do seu tamanho, o seu afastamento da base em direção ao bocal, seguidos pelo seu desaparecimento²⁵². Devido ao melhoramento da qualidade da cera²⁵³, a arandela passa a ter um valor mais ornamental do que funcional²⁵⁴.

Tendo em conta a informação exposta, aponta-se que a datação dos castiçais seja final do século XV e século XVI. Durante este período, o método de execução dos castiçais consistia na moldagem da haste e do bocal através de fundição. De seguida, a haste seria fixada na base, criada de forma independente, através de um parafuso ou de um espigão metálico que seria martelado e aplanado a partir do interior da base²⁵⁵. Curiosamente, no achado de Belinho, os dois métodos de fixação da haste na base são reconhecidos, tanto por parafuso como por martelagem. Uma vez que a haste sólida como anteriormente descrita implicava o uso de muito metal e, por isso, teria um maior custo, evolui-se para o método de moldagem da haste e do bocal em duas metades, sendo que seriam, mais tarde, soldados²⁵⁶. Este processo cria uma haste oca²⁵⁷, preferida em detrimento da haste sólida anterior. Paralelamente, desaparecem as

²⁴⁹ Cf. CURLE, 1926: 188.

²⁵⁰ Cf. CURLE, 1926: 196.

²⁵¹ Cf. CURLE, 1926: 197.

²⁵² Cf. CURLE, 1926: 198, 201.

²⁵³ Cf. CURLE, 1926: 198.

²⁵⁴ Cf. CURLE, 1926: 201.

²⁵⁵ Cf. CURLE, 1926: 201.

²⁵⁶ *Ibidem*.

²⁵⁷ *Ibidem*.

aberturas laterais dos bocais²⁵⁸. Retornando à análise do achado de Belinho, ambos os métodos de produção são reconhecidos, o mais antigo na primeira categoria definida e o método mais recente na segunda categoria, que contém uma haste oca. Contudo, a datação do método de produção mais recente não coincide com a datação, baseada na forma, que Curle propõe. Enquanto o autor afirma que a haste oca de Belinho deverá ser do século XVI, o seu método de produção é uma evolução estrutural do século XVII. Neste sentido, reconhece-se, novamente, uma incoerência relativa às datações de objetos modernos. Naturalmente, entende-se que a forma quinhentista descrita por Curle sobrevive além do século XVII, daí que uma só forma possa conhecer dois métodos de produção distintos.



Imagem 71. Esquema com o levantamento de objetos do século XV e início do século XVIII musealizados formalmente semelhantes aos castiçais em estudo. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

²⁵⁸ *Ibidem*.

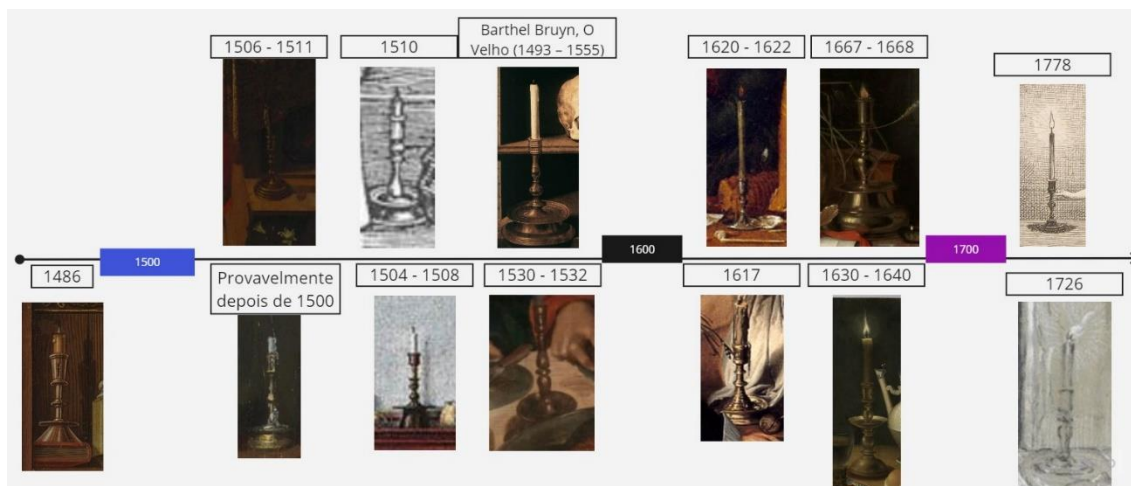


Imagem 72. Esquema com o levantamento de imagens dos séculos XV até ao XVIII que incluem a representação de objetos formalmente semelhantes aos castiçais em estudo. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

Após se realizar o levantamento de objetos musealizados semelhantes às peças em estudo, compreendeu-se que a datação atribuída aos objetos musealizados é coerente com a bibliografia consultada. Por outras palavras, durante os séculos XV e XVI surgem castiçais com hastes sólidas com um ou mais nós e mais frequentemente bases circulares e cónicas. A partir dessa data, surgem cada vez mais castiçais correspondentes à segunda categoria achada em Belinho, com uma haste oca que figura um balaústre. Confrontando esta informação com o levantamento de representações de castiçais semelhantes, verifica-se que as balizas divulgadas por Curle permanecem coerentes. Nos séculos XV e XVI, são representados castiçais com haste em vários nós e com haste em balaústre. Para além disso, confirma-se que esta forma permanece até ao século XVII, no caso da primeira categoria, e até muito mais tarde, no caso da segunda. Novamente, à imagem do acontecido no capítulo 3.1, reflete-se acerca dos cenários que permitem um modelo sobreviver durante tanto tempo. Primeiramente, o gosto pessoal do comprador e do fabricante permite a continuação de uma forma durante muito tempo. Para além disso, uma forma manter-se-á em utilização enquanto for funcional.

Em segundo, tanto o molde que estrutura a peça como esta mesma teriam a duração média de 30 a 50 anos²⁵⁹.

Ao contrário dos vários exemplares tipológicos que se levantou correspondentes aos castiçais das imagens 67 e 68, para a haste achada em Belinho, representada na imagem 69, só foi achado uma representação de castiçal formalmente muito semelhante, exposta na imagem abaixo.



Imagem 73. *Vanitas Still-life*, Barthel Bruyn, O Velho (1493-1555). Disponível em <<https://www.wga.hu/frames-e.html?/html/b/bruyn/elder/vanitas.html>>.

O castiçal representado também possui um bocal poligonal, com duas secções de volumetrias diferentes na haste. Desconhecendo-se a base da haste achada em Belinho, não é possível fazer a leitura comparativa. Apesar de haver alguns castiçais que se aproximem formalmente desta tipologia, de facto, a peça representada nesta pintura é a mais próxima. Note-se que o artista viveu na Alemanha durante o século XVI. Sabendo-se que haveria um castiçal semelhante àquele achado em Belinho na Alemanha do século XVI, poderá este ser um dos contextos que esta tipologia formal conheceu?

²⁵⁹ Cf. SOUSA, 2010: 226.

Em suma, poder-se-á sugerir que a datação dos castiçais a bordo da embarcação naufragada em Belinho será do século XV e XVI. Toda a informação considerada ao longo deste capítulo parece coerente. Não obstante, a continuação de uma forma para lá do seu período de produção dominante é um risco a ter em conta. Para além disso, visto que o achado de Belinho se contextualiza numa só embarcação, todo o seu acervo deverá partilhar o contexto temporal de produção. Daí que, antes de se dar resposta às datações individuais de cada objeto, tem de se ter em conta a datação da própria embarcação e do restante acervo. A mesma reflexão poderá ser feita relativamente ao contexto espacial de produção das peças achadas em Belinho. Para já, do espólio estudado, somente quatro das sete bacias de latão e um fragmento de castiçal apontam para uma produção alemã. Caso se verifique esta atribuição geográfica como sendo válida, poderá colocar-se a hipótese de mais objetos constituintes do acervo em estudo poderem ser de origem alemã. Contudo, para comprovar tal atribuição é necessário proceder a um exaustivo levantamento à escala europeia, uma vez que, ao longo do presente trabalho, se verificou repetidamente a ampla escala geográfica e os diferentes contextos que estas peças conheceram durante a Idade Moderna.

5.3. Jarra de latão

Entre o acervo achado em Belinho, encontra-se uma jarra de latão. A forma da jarra é muito conhecida e rapidamente identificada, uma vez que se trata de uma composição estrutural milenar. Possui um corpo oco, cuja secção inferior é muito volumosa e topo mais esguio. Uma vez que esta forma serve muito bem os múltiplos propósitos que uma jarra pode ter, não há a necessidade de a alterar drasticamente.



Imagem 74. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0470. Altura: 20.5 cm; diâmetro da entrada: 10 cm; diâmetro da base: 10 cm; peso: 1645 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0470.IM (2). Fonte: fotografia da autora.

De facto, muito dificilmente se poderá enumerar o leque funcional deste objeto que tanto poderia ter sido utilizado a bordo como poderá ter sido objeto de carga. De modo a dificultar o estudo da peça, somente um exemplar foi encontrado no contexto do achado de Belinho. As únicas observações mais exatas que surgem aquando da análise do objeto concentram-se no facto de, originalmente, esta jarra pode ter tido uma tampa e uma asa.



Imagem 75. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0470. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0470.IM (7). Fonte: fotografia da autora.



Imagem 76. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0470. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0470.IM (6). Fonte: fotografia da autora.

Uma vez que as duas aberturas circulares apresentadas na imagem 75 estão dispostas nos dois lados opostos da jarra, pode-se averiguar com segurança que uma asa encaixaria nessas aberturas. No entanto, não tendo sobrevivido a asa, muito dificilmente se perceberá qual poderia ser a sua forma, uma vez que muitas asas de formas diferentes poderiam encaixar nessas aberturas, tanto fisicamente como esteticamente. Para além disso, tendo em conta que este objeto poderá ter cumprido uma função a bordo da embarcação, também se cria a hipótese de que, em vez de uma asa metálica, uma corda ou fio estivesse atravessado nas duas aberturas. Tal permitiria que o objeto estivesse pendurado, o que, a bordo das embarcações, era uma solução muito comum pela sua praticidade.

Relativamente às duas menores aberturas circulares, apresentadas na imagem 76, encontrando-se estas dispostas lado a lado, muito provavelmente serviriam para o encaixe de uma tampa. Novamente, com dificuldade se poderá restringir e saber a forma que esta tampa poderia ter. Relativamente à técnica de produção, uma lâmina de metal forma o bojo do objeto. Através da observação da base, é possível compreender que o rebordo desta se trata de uma tira metálica que é, depois, soldada ao bojo. Este rebordo tanto serve o propósito de permitir que o objeto permaneça equilibrado quando pousado, como de omitir os elementos de união, aquando da estruturação do bojo, que,

de outro modo, seriam visíveis. No final, encaixar-se-ia a asa ou possível corda e a eventual tampa.

Para denominação da peça optou-se pela palavra jarra em detrimento de jarro, pois, após a análise de dicionários setecentistas, cuja informação se encontra organizada na tabela 14 do Apêndice II, concluiu-se que o primeiro vocábulo é mais abrangente do que o segundo. Não obstante, reconheceram-se algumas problemáticas nesta opção, nomeadamente o facto de a definição para jarra de Bluteau restringir o material a barro. Independentemente disso, a definição para jarro do mesmo autor poderia ser ainda mais inapropriada, pois restringe a função do jarro para, somente, conservar água para lavar as mãos, à semelhança de um aquamanil. Neste sentido, privilegiou-se o uso da palavra jarra.

5.4. Fivela de cobre

Por último, estudou-se a fivela de cobre achada na praia de Belinho juntamente com o restante acervo. Contudo, é muito importante esclarecer que se reconhece a possibilidade de esta peça não ter feito parte do acervo da embarcação achada em Belinho. Tendo em conta que somente uma fivela foi encontrada e considerando os múltiplos cenários que poderão explicar este achado no local, reconhece-se como igualmente válida a possibilidade de a fivela não ter viajado com a embarcação. Ao contrário do restante acervo que foi encontrado em grande número e que, na sua maioria, coincide funcionalmente com a vivência a bordo ou aproxima-se com a restante carga, esta fivela tanto poderá ter pertencido a algum membro de classe superior que viajasse com a embarcação, como poderá ter sido perdida por alguém que estava na praia de Belinho. Se considerarmos a segunda hipótese como válida, também teremos de ter em conta a possibilidade de produção da fivela se afastar temporal e espacialmente do restante acervo.



Imagem 77. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0532. Comprimento: 3 cm; largura: 2.7 cm; espessura: 4 cm; peso: 8 g. Número de inventário fotográfico: ME.ARQ.SUB.0532.IM (7). Fonte: fotografia da autora.

A técnica utilizada era a da fundição, sendo os moldes de cerâmica ou de pedra²⁶⁰. Note-se que para a fivela funcionar, os diferentes elementos que a constitui são independentes e articuláveis entre si. Daí que, a fivela não é produzida como um objeto único. A sua moldura era produzida independentemente do travessão e este, por sua vez, dos elementos que constitui. No final, o fuzilhão seria montado no travessão e este na moldura da fivela.

Estas peças poderiam ser produzidas em múltiplos materiais, havendo uma tendência para metais ricos, como a prata²⁶¹, quando houvesse meios para tal. Não obstante, muitas fivelas eram fabricadas em latão e cobre²⁶², por serem materiais menos dispendiosos. Também era comum optar-se por dourar ou pratear e, também, aplicar pedras preciosas²⁶³. À medida que o uso da fivela é democratizado e se integra nas classes sociais mais baixas, o seu uso deixou de contribuir para a distinção das classes, levando a que as classes sociais superiores optem por comprar fivelas cada vez mais ricas, atrativas e sedutoras²⁶⁴. Desde já, compreende-se que a fivela possui a

²⁶⁰ Cf. KULESZ, MICHALIK, 2020: 152.

²⁶¹ Cf. HERRADON, 2018a: 266.

²⁶² *Ibidem*.

²⁶³ Cf. KULESZ, MICHALIK, 2020: 152.

²⁶⁴ *Ibidem*.

função pragmática de apertar peças de roupa, como também a função de ornamentar, diferenciando, ao mesmo tempo, as classes sociais. No contexto a bordo, segundo Teixeira e Gil, as fivelas constituiriam a indumentária da elite a bordo²⁶⁵.

A fivela achada em Belinho possui um formato retangular, cujos vértices são curvos, e um perfil côncavo. Do travessão, que é paralelo ao comprimento da fivela, partem os arranques da mola e, no lado oposto, um fuzilhão duplo. Segundo Boavida, existem paralelos formais em peças do século XVIII²⁶⁶. Segundo os autores Kulesz e Michalik, fivelas com fuzilhões duplos não são anteriores ao século XVII²⁶⁷, o que, de facto, está em concordância com o estudo de Boavida. Para além disso, algumas fivelas formalmente semelhantes levantadas e estudadas por Herradón também apresentam a mesma datação.

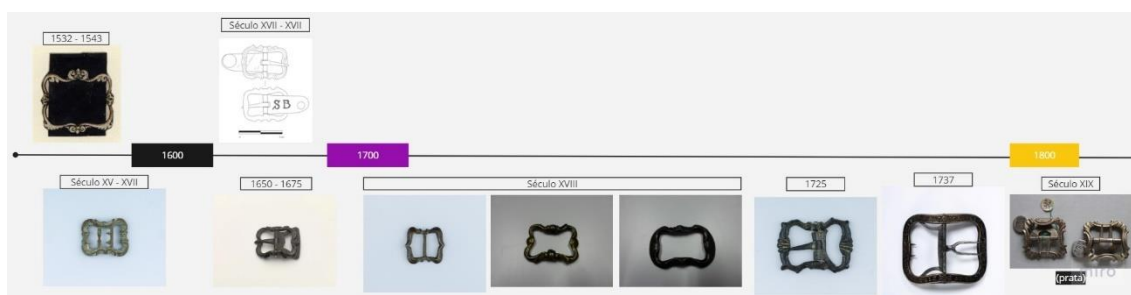


Imagem 78. Esquema com o levantamento de objetos musealizados e de representações de objetos formalmente semelhantes à fivela em estudo. Fonte: elaboração da autora, na plataforma em-linha Miro.

Após o levantamento de paralelos formais, reconhece-se formas muito semelhantes desde o século XV. Em destaque está o primeiro desenho de uma fivela, até à primeira metade do século XVIII. As duas últimas fivelas, dos séculos XVIII e XIX, apresentam um fuzilhão duplo semelhante ao da fivela em estudo. Para compreender esta diferenciação no travessão das fivelas, é necessário aprofundar as diferentes funções que a fivela pode ter.

²⁶⁵ Cf. TEIXEIRA, GIL: 2012: 676.

²⁶⁶ Cf. BOAVIDA, 2011: 19; BOAVIDA, 2016: 394.

²⁶⁷ Cf. KULESZ, MICHALIK, 2020: 154.

Atente-se que uma grande parte das publicações sobre este tema consultadas se centram em fivelas de sapato. Estas seriam de maior dimensão, cerca dos cinco ou seis centímetros²⁶⁸, e o travessão perpendicular ao maior lado da fivela. Por outro lado, as fivelas que serviriam para apertar faixas de tecido seriam mais pequenas e teriam o travessão disposto paralelamente ao comprimento da fivela²⁶⁹, como é o caso da peça em estudo.

Apesar das averiguações feitas, baseadas essencialmente no trabalho de Boavida, de Herradon e de Kulesz e Michalik, os últimos autores esclarecem que o universo da produção e do uso de fivelas é, ainda, pouco conhecido. Além de serem peças de sobrevivência pouco quantitativa²⁷⁰, normalmente encontram-se num mau estado de conservação²⁷¹, o que dificulta a sua interpretação. Tal se deve ao facto de o tema da fivela não ser alvo de estudo sistemático que, por sua vez, não contribui para a valorização destes objetos. Daí que muitas fivelas estejam em depósitos museológicos ou integrados em coleções privadas²⁷², sem que o seu estudo dê origem a bibliografia específica. A seguinte afirmação esclarece o perigo que acompanha uma tentativa de datação de uma fivela.

A separate issue is the dating of specific artefacts. Apart from the already described system of fastenings, there are no characteristics that would clearly indicate the chronology of the buckles. (KULESZ, MICHALIK, 2020: 161)

Relativamente à identificação de uma função, os autores afirmam:

Thus, the only indication allowing to determine the function of a buckle is its size and fastening method. (KULESZ, MICHALIK, 2020: 161)

²⁶⁸ Cf. KULESZ, MICHALIK, 2020: 155.

²⁶⁹ Cf. KULESZ, MICHALIK, 2020: 159.

²⁷⁰ Cf. BOAVIDA, 2016: 392.

²⁷¹ *Ibidem.*

²⁷² *Ibidem.*

Descriptions of the shape of buckles were rarely connected with the determination of their purpose. There are still no clear terms that would denote shoe or belt buckles. (KULESZ, MICHALIK, 2020: 161)

Novamente, conclui-se um capítulo sublinhando o risco que constitui analisar um objeto, cuja temática é pouco aprofundada a nível científico. Não obstante, se as considerações expressas ao longo deste capítulo forem tidas como verdadeiras, a fivela achada em Belinho poderá tratar-se de uma peça produzida no século XVIII, e destinava-se a apertar faixas de tecido.

6. Relatório de estágio

O estágio curricular no Centro Interpretativo de São Lourenço iniciou-se a 19 de setembro de 2022 e findou a 1 de março de 2023, tendo-se concluído 350 horas de trabalho, contabilizadas ao longo de quase seis meses, com um horário semanal de 24 horas distribuídos em três dias por semana. Considerando a integração no equipamento cultural que alberga a coleção que resulta do achado de Belinho, foi garantido contacto direto com as peças do acervo. Sendo assim, tornava-se exequível o cumprimento dos objetivos de estágio que consistiram na inventariação e na análise destes objetos, com especial ênfase nos de estanho.

O Centro Interpretativo de São Lourenço, doravante designado por CISL, localiza-se no Monte de São Lourenço, em Vilã-Chã, junto da Capela de São Lourenço. Séculos antes da edificação da capela, o monte foi ocupado por um castro²⁷³. O edifício do Centro foi projetado para integrar um restaurante, uma sala de exposições e um auditório²⁷⁴. Contudo, optou-se por privilegiar albergar o Serviço de Arqueologia e Património do Município de Esposende²⁷⁵ em detrimento da abertura de um restaurante. Neste sentido, possui à sua guarda a coleção de arqueologia, proveniente

²⁷³ Cf. TEIXEIRA, 2019: 6.

²⁷⁴ Cf. TEIXEIRA, 2019: 4.

²⁷⁵ Cf. TEIXEIRA, 2019: 6.

dos vários sítios arqueológicos do concelho, inclusive os achados subaquáticos, nos quais se enquadra o de Belinho²⁷⁶.

Este variado e numeroso acervo encontra-se inventariado em papel, cuja informação foi posteriormente introduzida num documento *Microsoft Word*. Prevê-se ser possível, futuramente, o uso de uma base de dados digital como suporte para o inventário da coleção, em substituição ou como complemento do inventário em papel. Contudo, aquando da realização do estágio, tal objetivo ainda não era praticável. A primeira entrada do inventário data de 2014 e a última de 2019. Destaca-se, no entanto, o caso do objeto ME.ARQ.SUB.0500, achado por Diógenes Manuel Queiroga Martins em 2010. É importante explicitar que a incorporação deste objeto no acervo da Autarquia foi realizada em 2016 após a sua descoberta num estabelecimento de venda de velharias em Apúlia, por um dos elementos da equipa de investigação – António José do Carmo. De acordo com a informação oral do achador Diógenes Martins, este objeto foi encontrado na praia de Belinho em 2010. Neste sentido, o achado deste objeto comprova que, antes de 2014, data que se aponta para a descoberta do achado, já outros objetos do mesmo espólio teriam sido encontrados. Outro caso trata-se do contributo de Ivone Magalhães que, na década de 90 do século passado, descobriu que haveria uma âncora e dois canhões em bronze ao largo da praia de Belinho²⁷⁷, apesar de, na altura do achado, o sítio arqueológico de Belinho 1 não ser ainda reconhecido. Resta-nos questionar quantos mais casos semelhantes poderão ter ocorrido, tendo em conta que se passaram séculos desde o naufrágio da embarcação em estudo.

A principal das ações desenvolvidas em contexto de estágio foi a da inventariação de um conjunto de objetos selecionados, constituintes do achado de Belinho. O resultado corresponde ao Apêndice III do segundo volume. Para tal, em primeiro lugar foi necessário realizar a seleção. Privilegiou-se os objetos de estanho, uma vez que, no contexto português, reconhece-se a ausência e a necessidade de estudos científicos dedicados a este âmbito temático. Dentro da coleção de estanho, favoreceu-se,

²⁷⁶ *Ibidem*.

²⁷⁷ Cf. ALMEIDA *et al*, 2017: 82; ALMEIDA *et al*, 2022: 120.

primeiro, os objetos com marcas já identificadas e, depois, os objetos mais bem conservados, numa tentativa de, mais facilmente, detetar mais marcas. Por último, inventariou-se os fragmentos de objetos em pior estado de conservação, pois menos provavelmente teriam, na sua reduzida área, marcas por identificar. Idealmente, todos os objetos de estanho seriam observados e inventariados, porém, tendo em conta o tempo de estágio, os objetivos a cumprir e o volume dos alicerces teóricos que se teve de recolher e de compreender, não seria exequível o estágio abranger toda a coleção de estanho. Por fim, aproveitou-se a oportunidade para se inventariar também alguns objetos de latão e um de cobre, na expectativa de que poderiam auxiliar a compreensão da coleção em estudo, principalmente a nível do contexto temporal e espacial de produção, do naufrágio e do achado.

A segunda ação que contribuiu para a inventariação dos objetos foi a de conceber uma ficha de inventário. Esta deveria dar resposta às necessidades gerais de qualquer ficha de inventário, transversais a qualquer coleção, além das necessidades específicas que teriam em conta as características do acervo e do achado. No seu desenvolvimento, teve-se em consideração dois cadernos das normas gerais de inventário, publicadas pelo Instituto Português de Museus, tratando-se estes de PINHO, FREITAS (2000) e ALVES *et al* (2011). Justifica-se a opção por realizar um novo modelo de ficha de inventário, em detrimento de somente validar a informação constituída no inventário preexistente, no entendimento de que o modelo preexistente apresentava fragilidades superáveis com a criação de um novo modelo. Exemplificando, no modelo de ficha de inventário anterior não existia um campo para o histórico do objeto, estando, por isso, esta informação preservada em dossiês autónomos. Esta dispersão de informação poderá ser entendida como uma dificuldade. Ao incluir, no novo modelo, um campo específico para estes dados, contribui-se para a concentração de informação e facilita-se a pesquisa e o estudo sobre o mesmo. Para além disso, alguma informação contemplada no novo modelo não era considerada anteriormente. Daí que haja alguns campos na nova ficha que não estavam integrados na anterior. É o caso de subcategoria; instituição/proprietário; outras denominações; número de inventário anterior; a distinção de três campos para as marcas, inscrições e iconografia, cuja informação,

anteriormente, estaria integrada somente no campo da descrição; o aumento de número de campos orientados para dados relativos ao autor, além do nome, e contexto de produção; justificação da datação, quando esta se trata de uma atribuição; mais variedade de campos para as dimensões e informação técnica; recomendações; historial; mais campos para dados sobre o modo de incorporação; localização habitual e atual; bibliografia e, por fim, multimédia e informação sobre o ficheiro.

Entendendo que uma ficha de inventário deverá ser completa e sucinta, o modelo criado constitui uma área para a identificação e classificação do objeto, acompanhada por uma fotografia para identificação imediata do objeto em análise. Segue-se uma descrição do objeto, a partir somente da observação, cuja informação constituinte será aprofundada em campos posteriores. De seguida, a identificação e, sendo o caso, a descrição do mesmo, inscrições e iconografia que o objeto possui. Depois a indicação do autor e do contexto de produção do objeto, sendo que, tendo em conta as informações que se possui sobre o achado de Belinho, em nenhuma ficha de inventário foi possível preencher estes campos. De seguida, a datação dos objetos, sugerida como século «segunda metade do século XVI – primeira metade do século XVII (?)». Relativamente à análise técnica dos objetos, surge primeiramente as dimensões e informação sobre os materiais e a técnica de produção. Depois, o estado de conservação dos objetos, identificado como muito bom, bom, regular, deficiente ou mau, de acordo com as Normas Gerais de Inventário adaptadas à ourivesaria²⁷⁸, seguida por uma descrição do estado de conservação do objeto e da data em que se realizou essa análise. Note-se que idealmente este campo seria preenchido por um técnico especializado em química, porém o preenchimento deste campo partiu puramente da observação. Neste sentido, recomenda-se, futuramente, um técnico especializado a aprofundar esta questão, a fim de se ficar a conhecer o que o estado de conservação nos tem a dizer e de que modo essa informação pode auxiliar na conservação do objeto para as próximas gerações. A seguir, indica-se as intervenções de conservação e de restauro realizadas no objeto. Idealmente, a cada intervenção estaria associado um número de processo, porém, no

²⁷⁸ Cf. ALVES *et al*, 2011: 53-54.

caso da coleção em estudo, não existe essa informação, mas sim uma descrição das ações feitas durante a intervenção, além do nome de quem a realizou e a data. Segue-se o campo das recomendações, que indica a que condições deve estar guardado ou exposto o objeto e como deve ser manuseado. De seguida, o historial do objeto, que apresenta todas as viagens conhecidas feitas pelo objeto e o modo de incorporação dos objetos. Note-se que esta informação foi migrada não do inventário preexistente, mas de dossiês independentes. Segue-se a identificação da sua localização habitual e a sua localização atual, quando ambas diferem, e a data de preenchimento deste campo. Idealmente, seria incluída a cota da prateleira em que se encontra o objeto, porém, a conselho da equipa, tal não se fez, uma vez que a reserva do CISL está em processo de reorganização. De seguida, lista-se a bibliografia que trata especificamente o objeto inventariado e, depois, enumera-se as exposições que o objeto já integrou, identificando o seu título, o local de exposição, a data de início e de encerramento desta e o número de catálogo associado ao objeto, quando existe. O último campo da ficha possui os ficheiros multimédia que representam o objeto e a informação técnica do ficheiro. A ficha de inventário criada termina com três campos, todos datados, sendo um deles para o autor, outro para quem fez a validação da ficha e o terceiro para o nome de quem atualizou a ficha, caso esta tenha sido revista e modificada. Legitima-se a escolha de finalizar a ficha desta maneira com base na noção de que o preenchimento de uma ficha de inventário, por muito que o seu autor se guie pela imparcialidade, depende de escolhas individuais, pelo que é essencial reconhecer o seu autor.

No preenchimento das fichas, realizaram-se várias ações de diferentes naturezas. Primeiramente, foi essencial observar profundamente os objetos, para preenchimento da maioria dos campos da ficha. Para medição dos objetos, utilizou-se uma fita métrica e, mais tarde, uma régua de 50 centímetros. Note-se que, no caso dos objetos muito irregulares, seguiu-se os princípios ditados nas normas gerais de inventário que indicam que as medidas dos objetos irregulares são respetivas às dimensões da figura

geométrica em que os objetos se inscrevem²⁷⁹, como exemplificado nas seguintes imagens.

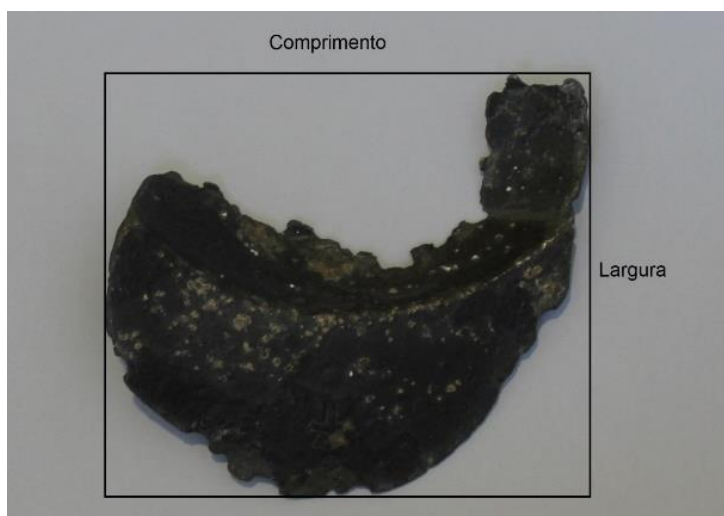


Imagem 79. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0009, exemplificando o método de medição aplicado a objetos de forma muito irregular. Fonte: fotografia da autora.



Imagem 80. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0022, exemplificando o método de medição aplicado a objetos de forma muito irregular. Fonte: fotografia da autora.

²⁷⁹ Cf. PINHO, FREITAS, 2000: 53.

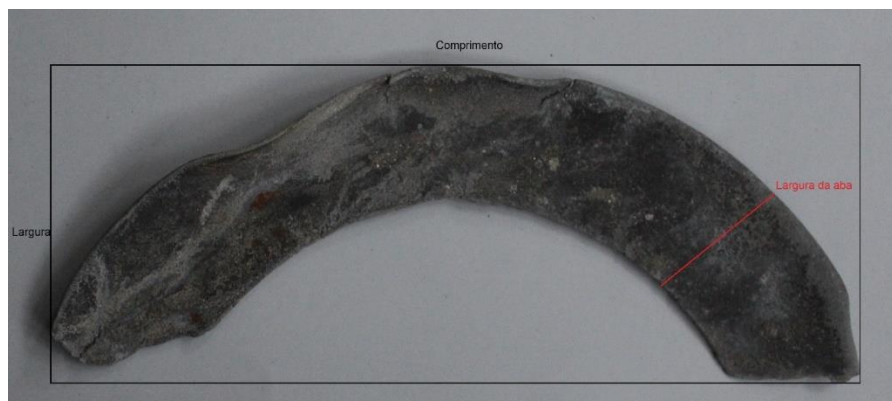


Imagem 81. Fotografia do objeto ME.ARQ.SUB.0624, exemplificando o método de medição aplicado a objetos de forma muito irregular. Fonte: fotografia da autora.

Não obstante, à semelhança do que se sucedeu no estudo de Roberts, as medições dos objetos acabam por ser incertas, devido à deformação estrutural dos mesmos²⁸⁰. Para a pesagem, utilizou-se uma balança digital. Comparando o peso, de um objeto, registado no inventário preexistente e o peso registado no novo inventário, reconhece-se uma margem de 5 a 10 gramas de diferença. Tal desfasamento poderá ser justificado pelo facto de a balança com a qual se pesou os objetos originalmente não se tratar da balança digital utilizada mais recentemente. Esclarece-se esta diferença a fim de prevenir o erro de alguém, no futuro, ao comparar os dois inventários, questione se foram feitas intervenções de conservação ou de restauro que pudessem alterar o peso das peças, entre outras explicações equacionáveis.

Além da observação, para preenchimento das fichas, foi necessário recolher dados relativos às intervenções de conservação e de restauro realizadas, ao histórico do objeto, ao modo de incorporação e ao histórico de exposições. Estes dados foram migrados do inventário e dossiês preexistentes para a nova ficha de inventário. Para o preenchimento da etapa final das fichas, a recolha de imagens dos objetos foi conseguida através da fotografia, a partir de uma câmara digital, Canon EOS 1200D, com uma lente objetiva macro 0.25 metros ou 0.8 pés, de distância focal 18 a 55 milímetros. Note-se que, tendo em conta as características da câmara disponibilizada pela

²⁸⁰ Cf. ROBERTS, 2013: 5.

instituição acolhedora de estágio, não se conseguiu tirar fotografias das marcas com qualidade. Somente após a conclusão do estágio, em agosto de 2023, foi possível fotografar as marcas achadas com uma câmara com lupa, um equipamento mais específico emprestado pelo Laboratório de Conservação e Restauro do Gabinete de Arqueologia Municipal de Vila do Conde. Contudo, ainda não estão fotografadas todas as marcas achadas. Tendo isto em conta, recomenda-se à instituição proceder a essa tarefa no futuro, pois as 54 marcas para já achadas nos objetos de Belinho formam uma descoberta inédita a nível nacional. Entende-se que um bom registo de imagem destas contribui para a sua preservação e para o desenvolvimento de um interesse a nível científico por este quase intocado âmbito temático. Retornando ao processo de recolha das fotografias, utilizou-se como fundo uma ou duas cartolinas cinzento-claro, dependendo do tamanho do objeto fotografado. Em duas extremidades, estão as escalas posicionadas perpendicularmente, afastadas do objeto de modo a ser possível, caso necessário, editar a imagem e cortar as escalas sem interferir com a imagem do objeto. Quando a luz natural, vinda das janelas, não era suficiente, utilizou-se a luz artificial. Esta última tratava-se unicamente de iluminação de teto, pelo que não foi possível manipulá-la de modo mais vantajoso para fotografar os objetos. Por fim, é importante acrescentar o uso constante de luvas sempre que se manuseava os objetos.

Um dos objetivos de estágio foi a criação de um número de inventário para as imagens a anexar neste campo de multimédia, optando-se por partir do número de inventário dos objetos. À catalogação preexistente, acrescentou-se uma referência ao tipo de suporte multimédia e uma numeração no final, resultando um número de inventário de imagem que começa por «ME» referindo-se a Município de Esposende; «ARQ» a arqueologia; «SUB» a subaquática; a numeração do objeto; «IM», referente a imagem e terminando com a numeração da imagem entre parêntesis. Exemplificando, o número ME.ARQ.SUB.0001 trata-se do número de inventário de um objeto e o número ME.ARQ.SUB.0001.IM (1) refere-se ao número de inventário de uma imagem desse objeto.

Apesar de a inventariação dos objetos ser o principal objetivo, surgiram outras oportunidades que se enquadravam na realização do estágio curricular. Primeiramente,

foi essencial, a partir da inventariação dos objetos, seguir com o seu estudo, complementando e aprofundando o que foi observado com a informação recolhida das várias fontes imagéticas e bibliográficas. Para além disso, foram realizadas ações enquadradas no âmbito dos serviços educativos do CISL e do Serviço de Património Cultural do município.

No dia 8 de novembro de 2022, não tendo completado ainda dois meses de estágio, apresentou-se duas comunicações para quatro turmas do oitavo ano da Escola Básica António Rodrigues Sampaio, em Esposende. Ambas as sessões duraram cerca de 45 minutos, divididos pela Dra. Ana Paula Almeida, supervisora do estágio, e pela estagiária, que falou nos dez minutos finais.

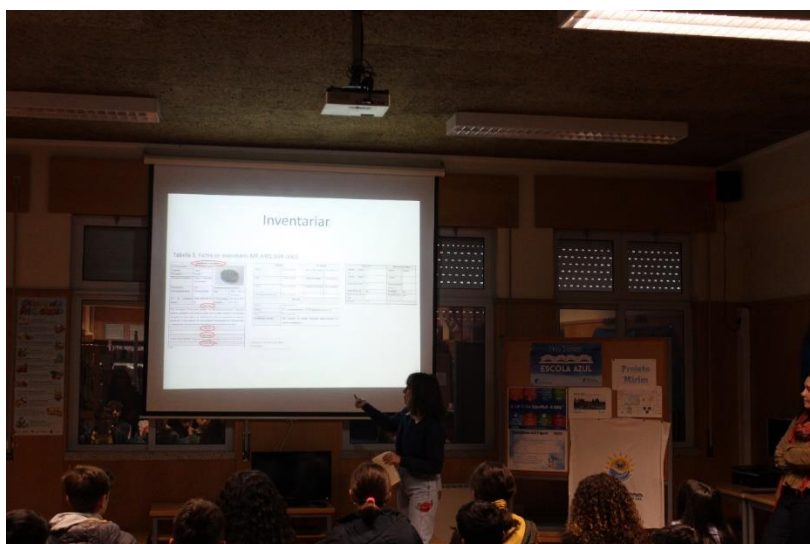


Imagem 82. Fotografia de uma das comunicações na Escola Básica António Rodrigues Sampaio. Fonte: fotografia de Ana Caraméz.

A finalidade destas comunicações seria auxiliar a comunidade local a compreender a coleção que constitui o achado de Belinho e divulgar estes objetos e o trabalho que estava a ser feito aquando do estágio. Optando-se por, nos dez minutos finais, incidir especialmente na temática das marcas, a partir do conhecimento geral que a comunidade tem sobre as marcas comumente conhecidas da nossa sociedade, orientou-se o discurso para a Idade Moderna e criou-se paralelismos entre as marcas do nosso tempo e as marcas do passado, a nível funcional e social, e, através dessas

mesmas comparações, questionou-se como compreender o que as marcas têm a dizer acerca do contexto espacial e temporal de produção do objeto que as possui. Mais tarde, após a conclusão do estágio, estavam planeadas, para as duas primeiras semanas de maio, dez sessões semelhantes, dirigidas a turmas do quinto ano de variadas escolas da região, nas quais a estagiária participaria. Contudo, estas foram canceladas no mês anterior e, por isso, a ação de comunicação dos objetos foi realizada somente uma vez.

Duas outras ações, de diferente natureza, surgiram em contexto de estágio. Uma delas tratou-se de fotografar e, quando necessário, apoiar nas visitas orientadas e nas oficinas no CISL, constituindo, no total, sete dias que integraram essas ações. A segunda ação consistiu em permanecer na receção do CISL, quando necessário, tendo esta oportunidade ocorrido somente duas vezes e por um pequeno período.

Admitindo que não seria possível a inventariação integral do núcleo de estanho, reconhece-se a necessidade de validar e atualizar o inventário e os dossiês preexistentes ou, mais idealmente, de reconsiderar a continuação do modelo de ficha de inventário preexistente e de inventariar novamente os objetos. De facto, aquando da inventariação, foram identificados erros ou falhas no inventário preexistente. Alguns objetos não têm preenchida a designação, estando, noutros casos esta, errada. O caso de maior destaque foi o objeto ME.ARQ.SUB.0347. Inicialmente, foi designado como uma caneca, porém, posteriormente, foi identificado como um bacio. Apesar da nova identificação anterior à realização do estágio, a designação no inventário preexistente não foi corrigida. Num outro cenário, na análise da ficha de inventário de dois objetos, identificou-se erros na classificação de objetos que ainda não tinham sido reconhecidos antes da realização do estágio. Trata-se do objeto ME.ARQ.SUB.0009, um prato classificado erroneamente como uma escudela; do objeto ME.ARQ.SUB.0408, uma escudela estruturalmente muito deformada, porém identificado como um pires, referindo-se a prato pequeno; e do objeto ME.ARQ.SUB.0736, uma arandela de castiçal, identificada anteriormente como a base de um castiçal. Para além da necessidade de se corroborar as identificações e classificações de objetos, é preciso preencher um grosso de fichas de inventário que não têm algumas medidas anotadas, nem têm desenvolvida a descrição do objeto. Outro tipo de verificação necessária trata-se de confirmar a

existência de marcas e de inscrições. Exemplificando os objetos ME.ARQ.SUB.0005 e ME.ARQ.SUB.0018 estavam identificados como objetos marcados, no inventário preexistente, porém, aquando da realização do estágio, não se acharam as marcas, colocando-se a hipótese de se tratar de um erro que ainda não tinha sido reconhecido. Outro exemplo diz respeito ao objeto ME.ARQ.SUB.0762 que possuía uma etiqueta colada, cujo número de inventário que apresentava não correspondia ao objeto, devido a um engano por parte de quem a colocou. Para além disso, aquando do estágio, também se verificou que o número de inventário de algumas embalagens, onde os objetos são preservados, não correspondiam aos objetos no seu interior, naturalmente devido a uma troca de embalagens no passado. Outro caso distinto foi quando, ao realizar o registo no novo inventário do objeto ME.ARQ.SUB.0191, se encontrou embalado um fragmento de aba que não pertencia ao objeto. Deste achado, resultou a entrada de um novo objeto, classificado como o fragmento de um prato. Concluindo, inventariar novamente os objetos permitiu validar, invalidar e atualizar a informação contida no inventário preexistente. Outro importante proveito que surgiu da realização do estágio foi a de integrar, na inventariação e no estudo dos objetos, uma perspetiva da História da Arte. Esta contribuição completou as perspetivas da Arqueologia e da Conservação e Restauro que já estavam contempladas antes da realização do estágio.

Infelizmente, não foi possível, devido às oportunidades não realizadas, contribuir mais para a comunicação dos objetos. Tendo isso em conta, recomenda-se intensificar a divulgação dos objetos achados em Belinho e da informação para já conseguida sobre estes. Para além de permitir à comunidade compreender mais profundamente os objetos e, assim, partir-se para a valorização deste património, poderá contribuir para o desenvolvimento de investigações científicas centradas em objetos de estanho e as suas marcas.

Considerações Finais

Como se verifica ao longo do presente relatório, os objetos produzidos em estanho marcaram a vivência quotidiana durante séculos, revelando-nos o dia-a-dia ao longo do tempo nos seus diversos contextos. Naturalmente, a cultura visual, enquanto reflexo da realidade, valoriza estes objetos de uso diário e, por isso, estes constituem a materialidade muito presente de um longo período. Daí que sejam objetos muito procurados na prática do colecionismo, que, por sua vez, conseguiu garantir a sobrevivência de peças em estanho e em latão até aos dias de hoje. De facto, os objetos de uso quotidiano tendem a perder-se com o desgaste do passar do tempo ou com a perda de função, daí que a importância do colecionismo para o estudo deste tipo de peças é uma via de investigação de interesse. Será vantajoso aprofundar o lugar dos objetos de estanho na prática de colecionar, tendo em conta que ainda hoje esta prática existe com força, principalmente a nível internacional, mas também será necessário refletir sobre essa prática no contexto português e a sua relação com este tipo de peças, à imagem do que foi feito na dissertação de MARTINS (2010) para o núcleo de latão da Casa-Museu Guerra Junqueiro.

Um dos grandes contributos deste relatório centra-se no questionamento dos sistemas cronológicos definidos para as tipologias de objetos em estudo, confrontando a informação conseguida através da leitura de bibliografia com os dados adquiridos através de um levantamento de objetos musealizados formalmente semelhantes e com os resultados da observação de representações de objetos. Do cruzamento destas três esferas resultou o questionamento dos sistemas de datação para já criados para os objetos de quotidiano produzidos em estanho e em latão durante a Idade Moderna, devido às incongruências achadas ou às convenções fragilizadas. Neste sentido, entende-se como essencial cultivar e perpetuar esta metodologia comparativa entre a informação bibliográfica e os objetos, tanto musealizados como representados.

Para além de este exercício de comparação entre as três esferas mencionadas nunca ter sido aprofundado anteriormente, reconhece-se que os sistemas de datação para já definidos não enquadram certos cenários típicos do mundo oficial da Idade

Moderna, o que leva a que a datação de uma forma ou tipologia de objeto não seja verosímil. Considere-se que as seguintes citações.

«Flatware could easily be used for half a century, and could certainly continue in use indefinitely. Moreover, though are some general trends, personal preference (of both the pewterers and the customer) played a key role in determining what styles pewterers produced in any time period. Therefore dating unmarked pewter based on shape is simply impossible.» (BRIGADIER, 2002: 102-103)

«An old style did not simply disappear when a new type was introduced.» (WADLEY, 1985: 41)

«Surviving inventories show that these bronze moulds were the most valuable items in the workshop. It is clear that once an investment had been made in such moulds, there was no incentive to change a design. [...] This is why pewter shapes became so traditional, continuing in production over many years.» (NORTH, 2009: 12)

Para além de apresentarem três cenários que levam a que os objetos tenham uma vivência para lá daquela que está prevista pelos sistemas de datação atuais, a primeira citação sublinha que datar objetos tendo em conta unicamente as suas características formais é um objetivo inexequível e poderá resultar numa falácia. Os únicos elementos que poderão garantir mais segurança no processo de datação de um objeto de estanho da Idade Moderna serão as suas marcas. Caso este não as tenha, dificilmente se datará o objeto de forma assertiva. A mesma opinião já surgia no início do século XX, como comprova a seguinte afirmação.

«We are sorry to say that in our opinion it is impossible for anyone to tell exactly the date of old pewter vessels. In many cases, however, an approximate date can be given where the maker's name and mark (one or both) can be identified.» (REDMAN, 1903: 56)

E também surge na bibliografia que trata especificamente apenas uma tipologia de objetos, como é o caso da seguinte citação relacionada com o estudo das colheres modernas.

«When identifying spoons it is important to keep in mind the similarity of styles produced contemporaneously in different countries. Without a maker's mark or other distinguishing feature, much caution must be used when identifying the nationality of a particular spoon.» (WADLEY, 1985: 35)

Após se compreender que a realidade exposta nestas citações é transversal a qualquer contexto cronológico e geográfico e transversal às várias tipologias de objetos, reconhece-se a necessidade de repensar as balizas cronológicas definidas para os objetos do quotidiano moderno, que se baseiam, erroneamente, nas suas características formais. A leitura formal destes objetos deveria partir da compreensão deste mundo oficial como uma realidade mutável e fluída, em detrimento dos dogmas que têm vindo a ser construídos. Daí que se reconhece a necessidade de repensar os sistemas de datação que são atualmente utilizados que, como se verifica ao longo do presente relatório, não apoiam no conhecimento que a bibliografia, que os objetos musealizados e que as representações modernas de objetos constroem em conjunto.

Apesar de as conclusões apresentadas ao longo deste relatório serem fundamentadas no estudo do achado de Belinho, uma coleção consideravelmente numerosa, atente-se que os objetos em estudo constituem somente uma parte de um todo. Por outras palavras, as restantes partes que não foram encontradas tanto se poderão ter perdido, como poderão ser achadas no futuro. De facto, é necessário sublinhar o conjunto de condições necessárias para se poder trazer à superfície o resto do naufrágio de Belinho.

«On the one hand, difficult access to the site due to the complex weather conditions due to the intensity of the waves. Thus, these poor conditions could explain the absence on the site of objects of daily life,

lighter, and therefore more easily movable outside the area of excavation.» (Soulat, Bry, 2019: 79)

Neste sentido, prevendo-se a possibilidade de se achar, no futuro, mais e novos objetos constituintes do naufrágio em Belinho, pressupõe-se que qualquer informação apresentada no presente relatório poderá ter de ser repensada e confrontada com os dados que um eventual novo achado suscitará.

De seguida, enumera-se um conjunto de recomendações para um futuro desenvolvimento do achado em estudo e de problemáticas de interesse no âmbito do estudo de objetos modernos que não podem permanecer, durante muito mais tempo, ignoradas. Relativamente ao estudo do naufrágio de Belinho, será vantajoso fazer uma análise química dos objetos achados, o que levará a uma melhor compreensão do contexto geográfico da sua produção, como esclarece a seguinte citação:

«As a rule of thumb, in the absence of a maker's mark, only the additional weight (through addition of lead) of pieces was a clue to its nationality.» (WEINSTEIN, 2011: 24)

A mesma noção de que a análise química poderá indicar onde foi produzido o objeto está patente nas publicações de BELL (1906: 13); MASSÉ (1910: 19-20); WADLEY (1985: 16); GOTEIPE (1990: 15) e BRIGADIER (2002: 89). Para além desta pesquisa, recomenda-se a limpeza de todos os objetos, pois é possível que, devido à má condição de conservação das peças, algumas marcas estejam invisíveis²⁸¹. O mesmo sucedeu no caso de estudo de Punta Cana, cujos objetos teriam uma camada superficial que ocultava as marcas²⁸². Outra consideração a ter em conta é a possibilidade de algumas peças terem perdido as suas marcas devido à corrosão do material, como ocorreu no estudo dos objetos de estanho do naufrágio La Belle²⁸³.

²⁸¹ Cf. ROBERTS, 2013: 5.

²⁸² *Ibidem*.

²⁸³ Cf. CARLIN, KEITH, 1997: 67.

Relativamente a formas de divulgação do achado de Belinho e do seu acervo, recomenda-se seguir o modelo de reconstrução e recriação utilizado na musealização dos achados do Mary Rose e do Vasa. Para o primeiro caso, foi feita e divulgada uma reconstrução digital em 3D da estrutura da embarcação Mary Rose e de alguns objetos do seu acervo²⁸⁴. Estas reconstruções são vantajosas, pois, além de contribuírem para a preservação digital dos objetos, são um bom meio de divulgação e de representação fiel das peças. Neste sentido, uma reconstrução digital em 3D poderia contribuir para o desenvolvimento de interesse pelo achado de Belinho, tanto na procura por um objeto museológico, como na procura por um tema para uma investigação científica ou projeto. Em segundo, para melhor comunicação da vivência a bordo do Mary Rose, foi organizada a exposição «Life on Board»²⁸⁵. Esta conta com a exibição de objetos do quotidiano achados e a sua relação com as diferentes profissões e realidades sociais a bordo. Para o caso do Museu do Vasa, este também expõe uma reconstituição material de como seria a vida a bordo da embarcação com várias personagens em miniatura a recriar a vivência a bordo, incluindo as atividades profissionais e momentos de lazer²⁸⁶. Naturalmente, estas reconstituições, para além de esclarecedoras sobre o quotidiano a bordo, humanizam o objeto museológico. Por outras palavras, tornam o objeto museológico mais humano, uma vez que expõem o contacto que o ser humano teria com esse objeto, e tornam-no mais atraente aos olhos do visitante. Note-se que, para a concretização de um projeto equivalente adaptado ao caso do achado de Belinho, será necessário aprofundar o conhecimento que se tem acerca do naufrágio. Exemplificando, um dos temas a aprofundar será os métodos de transporte dos objetos na embarcação, incluindo noções de como eram guardados e organizados. A dissertação de Pires (2022) aborda essa questão no capítulo 2.2. e, através desse estudo, consegue concretizar o projeto desenvolvido no capítulo 3.

Aquando da realização do estágio, criou-se um modelo de ficha de inventário nova que inclui um campo para identificar a localização digital de um ficheiro multimédia que

²⁸⁴ Vide <https://maryrose.org/3d-artefacts/>.

²⁸⁵ Vide <https://maryrose.org/life-on-board/>.

²⁸⁶ Vide <https://www.vasamuseet.se/en/visit/exhibitions/life-on-board>.

não pôde ser preenchido, pois, futuramente, a instituição deverá organizar esses ficheiros na sua base de dados digital. Somente quando tal se suceder, se deverá preencher esse campo das fichas de inventário. Para além disso, aconselha-se complementar o inventário realizado com novos dados que poderão ser obtidos após novos projetos de investigação futuros. Entre a informação que está em falta enquadra-se a tipologia das marcas achadas, isto é, se se tratam de marcas de fabricante ou de guilda ou de qualquer uma das outras possíveis categorias. Por fim, recomenda-se que a instituição opte por seguir o modelo da ficha criada no caso dos objetos em metal e que se adapte ou se crie um outro modelo para peças de outros materiais.

Por fim, reconhece-se que há várias temáticas, dentro do estudo dos objetos quotidianos em estanho e latão, que necessitam de desenvolvimento, tanto a nível nacional como a nível internacional. Em primeiro lugar, recomenda-se aprofundar a produção e a importação de objetos de metal em Portugal. Novamente, remete-se para as publicações de VAN ZELLER (1985) e de BRIGADIER (2002) que sublinham a necessidade de desenvolver esta temática no contexto científico português.

Entre outros temas de interesse destaca-se o comércio dos objetos de metal, incluindo noções sobre produção, venda, transporte, exportação e importação, entre outras. A necessidade de aprofundar esta questão é apontada por Hornsby, como demonstra a seguinte citação:

«A great deal is now known about the pewter used in the seventeenth century, its makers and its social role. Much less has been learned about the way it was bought and sold.» (HORNSBY, 1981: 141)

O autor EGAN (1996) reconhece a necessidade de aprofundar o estudo da produção dos objetos de estanho a partir da compreensão das oficinas que os produziam. De facto, aquando da realização da presente investigação, denotou-se dificuldade em encontrar publicações que aprofundem as técnicas de produção, especialmente as técnicas utilizadas antes da chegada dos processos mecanizados. Deste modo, está em falta um estudo exaustivo sobre as técnicas durante o período moderno e é necessário desenvolver a capacidade de reconhecer as técnicas aplicadas

através da observação das peças. Tal recomendação está presente na seguinte observação:

«Metalworking plant has rarely been recognised, and no single excavation has given anything like a comprehensive picture of the industrial structures, the technology or of the full range of products. Apart from occasional engraving implements, tools definitely for use with metals are remarkably scarce.» (EGAN, 1996: 83)

Por fim, reconhece-se o potencial que o tema dos objetos de estanho apresenta para se enquadrar nos estudos de género. O autor MASSÉ (1910: 53-54) refere o nome de estanhadoras femininas em Inglaterra e em França. Porém não aprofunda a questão. A única consideração que o autor refere, de forma muito breve, é «By the rules of 1613 they were allowed to keep a workshop as long as they remained widows.» (MASSÉ, 1910: 54). Deste modo, identifica-se que a compreensão do lugar da mulher na produção de objetos de estanho deveria ser aprofundada, sendo que o entendimento sobre o tema se tece numa consideração muito breve.

Tendo em conta tudo o que foi exposto ao longo do presente trabalho, reconhece-se que o propósito mais essencial desta redação foi provocar e incentivar a reflexão, tanto para o tema e a seleção de objetos em estudo, como para outras temáticas que não puderam ser contempladas neste trabalho. Neste sentido, sempre se privilegiou estimular o sentido crítico perante o tema em detrimento de criar respostas às questões que foram surgindo ao longo da investigação. Para além disso, identifica-se que a natureza desta investigação parte essencialmente da dedução, devido à falta de conhecimento em geral e de cruzamento entre as várias problematizações prévias do tema.

Reconhece-se, como principal contributo, o cruzamento entre fontes de diferentes naturezas, tendo-se confrontado a informação exposta na bibliografia consultada com objetos musealizados e representações de objetos formalmente semelhantes aos objetos em estudo. O facto de tal cruzamento demonstrar algumas incoerências indica que o conhecimento que tomamos até hoje como garantido deverá

ser reanalisado, repensado e, futuramente, atualizado. Na continuação do estudo dos objetos de estanho, recomenda-se persistir com esta metodologia comparativa entre fontes de diferentes naturezas e de diferentes geografias. Sublinha-se o potencial dos tratados de execução ou documentos constituintes de encomendas para o estudo dos objetos de estanho. Recordando a dificuldade que a língua constituiu para a presente investigação, recomenda-se a consulta de mais fontes estrangeiras, especialmente dos países que mais produziam estanho e latão, como é o caso dos Países Baixos, da França, da Alemanha, da Suíça e Norte de Itália.

Para além disso, espera-se que o conhecimento exposto no presente trabalho seja consultado e considerado na projeção de futuras exposições ou outros meios de comunicação do achado de Belinho. Como dito anteriormente, estavam previstas algumas sessões de comunicação dos objetos em diferentes escolas do concelho, porém, tanto por parte das escolas como da câmara municipal, foi necessário cancelar. Pressupõe-se que a presente investigação poderá contribuir para uma mais correta divulgação dos objetos. Neste sentido, prevê-se que o presente trabalho, para além da sua contribuição no meio científico, poderá servir a comunidade ao apoiar a musealização das peças estudadas através do conteúdo científico criado.

Tendo em conta as dificuldades encontradas e as contingências atuais que a temática possui, não se procurou conceber respostas, mas criar alicerces teóricos para futuro desenvolvimento. Enquanto houver falta de projetos interdisciplinares de grande escala que permitam o cruzamento de informação e o confronto desta com um exaustivo levantamento de objetos modernos de estanho e de latão, todas as conclusões e hipóteses criadas neste âmbito temático serão baseadas em generalizações e convenções, podendo o resultado ser ambíguo. Na publicação de ROBERTS (2013), o autor sensibiliza o leitor para esta questão, dizendo:

«Some lines of research have produced nuanced and complex results, sometimes contradictory, and often perplexing. [...] Perhaps the best generalisation that can be attempted for now is to say that most

broad-brush generalisations will not be sustainable.» (ROBERTS, 2013: 51)

Para terminar, sublinha-se a importância do estudo dos objetos de quotidiano, na sua vertente de vestígios arqueológicos de uma sociedade, para compreensão de três esferas da realidade. Primeiramente, o património arqueológico elucida sobre o sítio, no sentido em que contribuem para o conhecimento de um certo contexto geográfico. Em segundo, informa-nos sobre a realidade económica, política, social e artística do seu tempo. Daí que clarifiquem sobre a vivência, no sentido mais amplo do termo, do seu contexto cronológico de produção, garantindo uma melhor compreensão da humanidade ao longo do tempo. De facto, o caso específico do estudo da embarcação de Belinho espelha esta realidade. Apesar de a informação relativa ao contexto temporal e espacial do acervo estudado não ser conclusiva, após o confronto entre as peças em estudo, objetos semelhantes musealizados e representações modernas de peças idênticas, aponta-se a nível temporal para uma produção dos séculos XVI e XVII, sendo possível particularizar a segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII. Relativamente ao contexto geográfico, os resultados são ainda mais inconclusivos. De todo o acervo estudado, apenas quatro das bacias de latão e o fragmento de castiçal correspondente a uma haste apontam para uma produção alemã. De resto, não é possível localizar o fabrico de mais peças, pois não existe conhecimento suficiente para, no mundo científico atual, ser possível discriminar a produção em contextos geográficos diferentes. Contudo, considera-se um risco assumir esta atribuição espacial e temporal como sendo verdadeira, pois ainda há tanto por explorar no que toca à embarcação de Belinho e ao seu acervo e à temática dos objetos em metal do quotidiano moderno. Para além disso, após se verificar a fragilidade das convenções historiográficas em que se baseiam as atribuições temporais e espaciais de investigações prévias, considera-se essencial procurar desenvolver alicerces teóricos mais adequados do que continuar a datar e localizar fabricos de peças modernas com base em convenções frágeis.

Para concluir optou-se por realizar uma reflexão acerca do valor patrimonial do achado. Na nossa perspetiva, os objetos de quotidiano, como pratos, talheres, castiçais, entre outros, possuem valor ao nível histórico e, como comprovado, artístico e estético.

Daí que tenham marcado a cultura visual do seu tempo, através da sua inclusão na produção visual artística, nomeadamente na pintura e na gravura do seu tempo. Comummente, achados semelhantes aos de Belinho são enquadrados no âmbito do património arqueológico, porém, na nossa perspetiva, devem também ser entendidos como património material num sentido mais lato. Sublinhamos, também, que os esforços de valorização destes objetos de quotidiano concentram-se na sua exposição museológica. Porém, muitas vezes, são expostos sem complementos acerca da sua cultura imaterial. A sua vivência, desde a sua produção à sua utilização e, em muitos casos, seguida por uma integração numa coleção por via do colecionismo, não deverá ser relegada para segundo plano.

«Perhaps the easiest method for allowing visitors to make connections to the museum exhibitions is to make sure that at least some aspect of the material on display is familiar to visitors» (HEIN, 1998: 161)

«A second approach is to develop exhibitions and programs that expand the museum's collection to include the "ordinary" activities and material of people's lives so that a connection can be made in the mind of the visitor between the foreign, strange objects of the older collections and their everyday material culture» (HEIN, 1998: 162)

De facto, o valor patrimonial de um objeto de quotidiano é inerentemente compreendido, devido ao contacto milenar entre o ser humano e o objeto e à experiência universal e transversal que qualquer pessoa conhece. Daí que seja essencial avançarmos para a humanização dos objetos, tanto a nível museológico como científico, em detrimento de os considerar somente na sua perspetiva material e técnica. Para além disso, é fundamental alimentar a noção de que este património, musealizado ou não, se trata de uma realidade viva. Como últimas palavras, «The meaning of the past does not reside in the past, but belongs in the present» (TILLEY, 1994: 73).

Bibliografia

- ALMEIDA, A. *et al* (2017). *O naufrágio quinhentista de Belinho, Esposende. Resultados preliminares* [em-linha]. «Al-madan», II, vol. 21, tomo 3, pp. 80-95. [S.l.]: Centro de Arqueologia de Almada. [Consult. 9 mai. 2022]. Disponível em <https://issuu.com/almadan/docs/al-madanonline21_3>.
- ALMEIDA, A. *et al* (2022). *The Belinho 1 Shipwreck, Esposende, Portugal*. In CRESPO SOLANA, A. (ed.); CASTRO, F. (ed.); NAYLING, N. (ed.). *Heritage and the Sea*, II, pp. 119-144. Cham: Springer Nature Switzerland.
- ALVES *et al* (2011). *Ourivesaria* [em-linha]. Lisboa: Instituto de Museus e da Conservação. [Consult. 22 set. 2022]. Disponível em <<http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/NormasInventario.aspx>>.
- ARNOLD, J. (1978). *The Nautical Archeology of Padre Island: The Spanish Shipwrecks of 1554* [em-linha]. Nova Iorque: Academic Press, INC. [Consult. 6 jan. 2023]. Disponível em <https://www.thc.texas.gov/public/upload/Nautical_Archeology_of_Padre_Island.pdf>.
- ASHER, R. (1980). *Outstanding Exhibit at Pewter Museum on View Until February 1, 1990* [em-linha]. «The Pewter Collectors Club of America Inc. – Bulletin», vol. 8, nº1, pp. 8-9. [Consult. 19 set. 2022]. Disponível em <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/101-200/0142/0142_PCCA_bulletin_080_1980_Vol_8_nr_1.pdf>.
- BANK, J. (2008). *Trencher – Charger – Dish – Plate – What Should I Call It?* [em-linha]. [Consult. 5 nov. 2022]. Disponível em <<https://pewterbank.co.uk/trencher-charger-dish-plate/>>.
- BARROS, A. (2002). *Fontes para o estudo do movimento portuário da cidade do Porto no século XVI*. In AMORIM, I. (coord.); POLÓNIA, A. (coord.); OSSWALD, H. (coord.). *O Litoral em Perspectiva Histórica (Séc. XVI a XVIII)*, pp. 59-71. Porto: Instituto de História Moderna; Centro Leonardo Coimbra.

- BARROS, A. (2004a). *Porto. A Construção de um espaço marítimo nos alvares dos tempos modernos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de doutoramento.
- BARROS, A. (2004b). *Vida de Marinheiro. Aspetos do quotidiano das gentes de mar nos séculos XV e XVI* [em-linha]. In SILVA, F. (org.) et al. *Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. 1, pp. 249-263. [Consult. 17 dez. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/9406>>.
- BARROS, A. (2005a). *Oporto: The Building of a Maritime Space in the Early Modern Period* [em-linha]. «e-JPH», III, 1. [Consult. 31 out. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/19700>>.
- BARROS, A. (2005b). *O grande comércio dos “pequenos actores”. Portuenses e Bascos na construção do sistema atlântico* [em-linha]. «Revista internacional de los estudios vascos», vol. 50, nº2, pp. 335-369. [Consult. 1 nov. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/23328>>.
- BARROS, A. (2005c). *“Saber fazer”: a circulação de informação entre comunidades marítimas no início dos Tempos Modernos*. «Revista da Faculdade de Letras – História». Série III, vol. 6, pp. 21-48.
- BARROS, A. (2006). *O porto de Viana e a construção do Cais da Alfândega (1631 – 1633)* [em-linha]. «Revista da Faculdade de Letras – História». Série III, vol. 7, pp. 133-147. [Consult. 1 nov. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/9458>>.
- BARROS, A. (2007). *O negócio atlântico: as redes comerciais portuenses e as novas geografias do trato internacional (séculos XVI-XVII)*. «Revista da Faculdade de Letras – História». Série III, vol. 8, pp. 29-47.
- BARROS, A. (2008). *Merchants, ports and hinterlands. The building of sea-port structures in the Early Modern Porto* [em-linha]. «Revista da Faculdade de Letras – História».

- [Consult. 1 nov. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/13874>>.
- BARROS, A. (2015). *NAS ORIGENS DE UMA RESPUBLICA MARÍTIMA E MERCANTIL. O ACOLHIMENTO AO ESTRANGEIRO NOS PORTOS MEDIEVAIS E MODERNOS* [em-linha]. «CEM», 6, pp. 39-60. [Consult. 31 out. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/81086>>.
- BARROS, A. (2016a). 'Every good man deserves a favor'. *The foreigner within the northern portuguese seaport societies in the sixteenth century*. In POLÓNIA, A (coord.); ANTUNES, C. (coord.). *Seaports in the First Global Ages: Portuguese Agents, Networks and Interactions (1500-1800)*. Porto: UPORTO Edições, pp. 283-310.
- BARROS, A. (2016b). *Breve Relação Do Naufrágio Do Navio Nossa Senhora Da Rosa, Perdido Através De Esposende Em 1577. O Navio De Belinho?* [em-linha]. In GOMES, R. (ed.); GOMES, M. (ed.). *A gestão de recursos florestais portugueses na construção naval da Idade Moderna: História e Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, pp. 51-60.
- BELL, M. (1906). *Old Pewter* [em-linha]. Londres: George Newnes Limited. [Consult. 17 nov. 2022]. Disponível em <https://www.forgottenbooks.com/en/download/OldPewter_10312380.pdf>.
- BETTENCOURT, J. et al (2015). *O navio de Belinho: relatório de avaliação preliminar efectuada pelo CHAM em Junho de 2014*. Lisboa: Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar. [Consult. 25 abr. 2022]. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/324799269_O_navio_do_Belinho_relatorio_de_avaliacao_preliminar_efectuada_pelo_CHAM_em_Junho_de_2014>.
- BEVILACQUA, G. et al (2014). *Spectrum 4.0. Padrão para gestão de coleções de museus do Reino Unido (Collections Trust)* [em-linha]. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura; Associação de Amigos do Museu do Café; Pinacoteca do Estado de São Paulo. [Consult. 26 set. 2022]. Disponível em <https://spectrum-pt.org/wp-content/uploads/2021/03/Spectrum_PT_NET.pdf>.

- BLANEY, W. (1981). *Two Small Scottish Measures* [em-linha]. «The Pewter Collectors Club of America Inc – Bulletin», vol. 8, nº 4, pp. 137-138. [Consult. 23 out. 2022]. Disponível em <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/101-200/0142/0142_PCCA_bulletin_083_1981_Vol_8_nr_4.pdf>.
- BLUTEAU, R. (1712-1728). *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botânico* [...] [em-linha]. Lisboa: Officina. [Consult. 23 mar. 2023]. Disponível em <<https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico/>>.
- BOAVIDA, C. (2009). *Castelo de Castelo Branco. Contributo para o Estudo de uma Fortificação da Raia Beirã* [em-linha]. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. [Consult. 13 jan. 2023]. Disponível em <<https://run.unl.pt/bitstream/10362/15026/4/Carlos%20Boavida%20%28Tese%20Mestrado%20Arqueologia%202009%29.pdf>>.
- BOAVIDA, C. (2011). *Artefactos Metálicos do Castelo de Castelo Branco (Portugal)* [em-linha]. «Açafa On Line», 4. Vila Velha de Ródão: Associação de Estudos do Alto Tejo. [Consult. 13 jan. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/1483934/Artefactos_met%C3%A1licos_do_castelo_de_Castelo_Branco_Castelo_Branco_Portugal_>.
- BOAVIDA, C. (2016). *Objectos de uso pessoal medievais e modernos no castelo de Castelo Branco* [em-linha]. In VILAÇA, R. (coord.). *II Congresso Internacional de Arqueologia da Região de Castelo Branco*. Castelo Branco: RVJ editores, pp. 391-405. [Consult. 13 jan. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/29549044/Objectos_de_uso_pessoal_medievais_e_modernos_no_castelo_de_Castelo_Branco>.
- BOAVIDA, C. (2017a). *Objectos do Quotidiano num Poço do Hospital Real de Todos-os-Santos* [em-linha]. In CAESSA, A. et al (coord.). *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*, pp. 441-457. [Consult. 13 jan. 2023]. Disponível em <https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/3974685/Objectos_do_quotidiano_num_poco_do_Hospi.pdf>.

BOAVIDA, C. (2017b). *Dos objetos inúteis, perdidos ou esquecidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa)* [em-linha]. In ARNAUD, J. (coord.); MARTINS, A. (coord.). *Arqueologia em Portugal*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1821-1834. [Consult. 13 jan. 2023]. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/326986313_Dos_objectos_inuteis_perdidos_ou_esquecidos_Os_artefactos_metalicos_do_Largo_do_Coreto_Carnide_Lisboa>.

BOAVIDA, C. (2017c). *Preparar, servir e comer – Vestígios arqueológicos metálicos do que se usava na cozinha e à mesa na Lisboa da Idade Moderna. Uma primeira abordagem* [em-linha]. In MARTINEZ, J. Et al (ed.). *Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da cidade*. Lisboa: Fragmentos de Arqueologia de Lisboa, pp. 122-130. [Consult. 13 jan. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/33281063/Preparar_servir_e_comer_Vest%C3%ADgios_arqueol%C3%B3gicos_met%C3%A1licos_do_que_se_usava_na_cozinha_e_%C3%A0_mesa_na_Lisboa_da_Idade_Moderna_Uma_primeira_abordagem>.

BOND, C. (2009). *Religious practices on board the Mary Rose: some observations* [em-linha]. «Hampshire Field Club Archaeol», 64, pp. 132-146. [Consult. 19 dez. 2022]. Disponível em <https://www.hantsfieldclub.org.uk/publications/hampshirstudies/digital/2000s/vol64/Flower_Bond.pdf>.

BONHAMS (2010). *Pewter, including a Private Collection* [em-linha]. Chester: Bonhams. [Consult. 30 jan. 2023]. Disponível em <https://nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/7000/7097_GCS.pdf>.

BOUCHER, F. (1959). *20,000 Years of Fashion. The History of Costume and Personal Adornment*. Nova Iorque: Harry N. Abrams, Inc.

BORNTAEGER, A. (1950). *Pewter in Art* [em-linha]. «The Bulletin – The Pewter Collectors' Club of America», II, 8, pp. 146-152. [Consult. 30 jan. 2023].

BOWEN, R. (1980). *More on Semper Eaden* [em-linha]. «The Pewter Collectors Club of America Inc. – Bulletin», vol. 8, nº1, pp. 18-20. [Consult. 19 set. 2022]. Disponível em

- <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/101-200/0142/0142_PCCA_bulletin_080_1980_Vol_8_nr_1.pdf>.
- BRIGADIER, S. (2000). *The Artifacts from São Julião da Barra* [em-linha]. «The INA Quarterly», vol. 27, nº 4, pp. 10-12. [Consult. 12 jan. 2023]. Disponível em <<https://nauticalarch.org/ina-quarterly/ina-quarterly-27-4-winter-2000-2/>>.
- BRIGADIER, S. (2002). *The artifact assemblage from the Pepper Wreck*. Texas: Texas A&M University. Dissertação de mestrado.
- BUESCO, A. (2013). *DIMENSÃO POLÍTICA E DE PODER DA COMIDA RÉGIA E DO CORPO DO REI* [em-linha]. «Libros de la corte», 7, pp. 8-32. [Consult. 23 fev. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/74821474/Dimens%C3%A3o_pol%C3%ADtica_e_de_poder_da_comida_r%C3%A9gia_e_do_corpo_do_Rei>.
- BURGESS, F. (1921). *Silver: Pewter: Sheffield Plate*. Londres: George Routledge & Sons, LTD.
- CARLIN, W.; KEITH, D. (1997). «The International Journal of Nautical Archeology, 26:1, pp. 65-74. [Consult. 19 dez. 2022]. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1111/j.1095-9270.1997.tb01315.x>>.
- CASIMIRO, T. (2018). *Material Culture from the Al Hallaniyah Island early 16th century Portuguese Indiaman wreck site* [em-linha]. [Consult. 18 jan. 2023]. Disponível em <<https://run.unl.pt/handle/10362/64777>>.
- CASIMIRO, T. (2019). *Materialidades Quotidianas de Idade Moderna em Alhandra. Os contextos arqueológicos da escavação do Centro de Saúde* [em-linha]. «Cira-arqueologia», VII, pp. 233-245. [Consult. 12 jan. 2023]. Disponível em <<https://run.unl.pt/handle/10362/111892>>.
- CASIMIRO, T. (2020). *Globalization, trade, and material culture: Portugal's role in the making of a multicultural Europe (1415–1806)* [em-linha]. «Post-Medieval Archeology», pp. 1-17. [Consult. 26 set. 2022]. Disponível em <<https://run.unl.pt/handle/10362/98047>>.

- CASIMIRO, T. *et al.* (2023). *Metal objects were much desired. A 16th -century shipwreck cargo off the coast of Esposende (Portugal) and the importance of studying ship cargos* [em-linha]. [Consult. 29 ago. 2023]. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/373127830_Metal_objects_were_much_desired_A_16_th_century_shipwreck_cargo_off_the_coast_of_Esposende_Portugal_and_the_importance_of_studying_ship_cargos>.
- CASTRO, F. (2000). *Pewter Plates from São Julião da Barra, a 17th century site at the mouth of the Tagus river, Lisbon, Portugal* [em-linha]. Texas: College Station. [Consult. 23 dez. 2022]. Disponível em <<https://fliphtml5.com/xlhc/swdn/basic>>.
- CASTRO, F. (2003). *The Pepper Wreck, an early 17th-century Portuguese Indiaman at the moutg of the Tagus River, Portugal* [em-linha]. «The International Journal of Nautical Archeology», 32. 1, pp. 6-23. [Consult. 12 jan. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/2023204/The_Pepper_Wreck_an_early_17th_century_Portuguese_Indiaman_at_the_mouth_of_the_Tagus_River_Portugal>.
- CASTRO, F. (2015). *Belinho 1 Shipwreck: Timber Catalogue* [em-linha]. [S.l.]: For Sea Discovery; Instituto de História Contemporânea. [Consult. 25 abr. 2022]. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/340496087_Belinho_1_Shipwreck_Timber_Catalogue_Esposende>.
- CASTRO, F. *et al* (2018). *Recording Early Modern Hull Remains* [em-linha]. [S.l.]: Center for Maritime Archeology & Conservation. [Consult. 25 abr. 2022]. Disponível em <https://www.academia.edu/36552529/Recording_Early_Modern_Hull_Remains>.
- CORREIA, A. (2021). *Bonecos, Coleção e Museu. O Figurado de Barcelos pelas mãos de Sellés Paes* [em-linha]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado. [Consult. 21 set. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/139767>>.
- COTTERELL, H. (1929). *Old Pewter: Its Makers and Marks In England, Scotland and Ireland: an Account of the Old Pewterer & His Craft* [em-linha]. Vermont: Charles E.

- Tuttle Company. [Consult. 19 set. 2022]. Disponível em <<https://pewterbank.co.uk/wp-content/uploads/2020/07/Old-pewter-Its-Makers-and-Marks-by-H-H-Cotterell.pdf>>.
- COTTERELL, H. (1934). *Some Early Pewter Candlesticks* [em-linha]. «The Connoisseur», pp. 105-109. [Consult. 22 nov. 2022]. Disponível em <<https://pewterbank.co.uk/some-early-candlesticks-by-h-h-cotterell/>>.
- COWARD, M. *et al* (1997). *Technical note Investigation into tarnishing of pewter artefacts recovered from the 'Mary Rose'* [em-linha]. «British Corrosion Journal», 32, 3, pp. 223-224. [Consult. 19 dez. 2022]. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1179/000705997798114878>>.
- CRESPO, H. (aut.); AGUIAR-BRANCO, P. (coord.); ROQUETTE, Á. (coord.) (2016). *Choices* [em-linha]. Lisboa: Ar-Pab. [Consult. 25 jan. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/33608988/Hugo_Miguel_Crespo_Choices_Lisboa_AR_PAB_2016>.
- CRESPO, H. (2018). *À Mesa do Príncipe. Jantar e Cear na Corte de Lisboa (1500 – 1700)* [em-linha]. In AGUIAR-BRANCO, P. (coord.); ROQUETTE, Á. (coord.). *À Mesa do Príncipe. Jantar e Cear na Corte de Lisboa (1500 – 1700): prata, madrepérola, cristal de rocha e porcelana*. Lisboa: Ar-Pab. [Consult. 27 fev. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/36297434/Hugo_Miguel_Crespo_ed_%C3%80_Mesa_do_Pr%C3%ADncipe_Jantar_e_Cear_na_Corte_de_Lisboa_1500_1700_At_the_Princes_Table_Dining_at_the_Lisbon_Court_1500_1700_Lisboa_AR_PAB_2018_pdf>.
- CRESPO, H. (2019). *A Arte de Coleccionar Lisboa, a Europa e o Mundo na Época Moderna (1500-1800)* [em-linha]. In AGUIAR-BRANCO, P. (coord.); ROQUETTE, Á. (coord.). *A Arte de Coleccionar Lisboa, a Europa e o Mundo na Época Moderna (1500-1800)*. Lisboa: Ar-Pab. [Consult. 27 fev. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/38625703/Hugo_Miguel_Crespo_ed_A_Arte_de_Coleccionar_Lisboa_a_Europa_e_o_Mundo_na_%C3%89poca_Moderna_1500_1800_The_Art_of_Collecting_Lisbon_Europe_and_the_Early_Modern_World_1500_1800_Lisboa_AR_PAB_2019>.

- CURLE, A.; SCOT, F. (1926). *Domestic candlesticks from the fourteenth to the end of the eighteenth century* [em-linha]. «Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland», 60, pp. 183-214. [Consult. 23 nov. 2022]. Disponível em <<http://journals.socantscot.org/index.php/psas/article/view/7667>>.
- DIEULEFET, G. (2018). *The Isle aux Morts Shipwreck: A Contribution to Seventeenth-Century Material Culture in Newfoundland* [em-linha]. «Newfoundland and Labrador Studies», vol. 33, nº 1, pp. 136-171. [Consult. 19 dez. 2022]. Disponível em <<https://www.erudit.org/en/journals/nflds/1900-v1-n1-nflds04277/1055868ar.pdf>>.
- DUARTE, A. (2013). *Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora* [em-linha]. «Revista Museologia e Patrimônio», VI, 1, pp. 99-117. [Consult. 8 fev. 2023]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/89660>>.
- ESCUDERO, L. et al (2018). *Guía para identificar los santos de la iconografía cristiana*. Madrid: Cuadernos Arte Cátedra.
- ESCUDERO, L. et al (2021). *Guía para identificar las escenas y los personajes de la Biblia*. Madrid: Cuadernos Arte Cátedra.
- EGAN, G. (1996). *Some Archaeological Evidence for Metalworking in London c.1050 AD - c.1700 AD* [em-linha]. «London: Archeology», 30:2, pp. 83-94. [Consult. 16 jan. 2023]. Disponível em <<https://hmsjournal.org/index.php/home/article/view/417/399>>.
- EGAN, G.; WATSON, B. (2012). *‘Every Man to His Trade’: The Tudor Brass Buckles And Other Finds From Trump Street In The City Of London* [em-linha]. [Consult. 14 jan. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/65816367/_Every_Man_to_His_Trade_The_Tudor_Brass_Buckles_and_Other_Finds_from-Trump_Street_in_the_City_of_London>.
- FONSECA, C. et al (2015). *The Early Modern Belinho Ship (Esposende, Portugal): a First Report*. [S.l.]: Centro de História d’Aquém e d’Além-Marca. [Consult. 25 abr. 2022].

- Disponível em <https://www.academia.edu/16515624/The_Early_Modern_Belinho_Ship_Esposen_de_Portugal_a_First_Report>.
- FONSECA, P. (2017). *História Submersa*. «Visão», 6 jul. 2017, pp. 36-45.
- FREIRE, A. (1908). *Maria Brandoa. A do Cristal*. In «Arquivo Histórico Português», pp. 408-409.
- GADD, J. (1998). *Hallmarks – fake and pseudo silver marks on pewter in 1636 and later* [em-linha]. «The Journal of The Pewter Society», vol. 11, nº 3. [Consult. 23 out. 2022]. Disponível em <<https://pewterbank.co.uk/wp-content/uploads/2020/07/Hall-Marks-Jan-Gadd.pdf>>.
- GADD, J. (1999). *The Crowned Rose as a secondary touch on pewter* [em-linha]. «The Journal of The Pewter Society», vol. 12, nº 2. [Consult. 19 set. 2022]. Disponível em <<https://pewterbank.co.uk/wp-content/uploads/2020/05/Marks-Crowned-Rose-Jan-Gadd-....9.pdf>>.
- GADD, J.; RICHARDSON, J.; BOORER, M. (2000). *Arlington Court: The Pewter Collection* [em-linha]. [S.l.]: The Pewter Society. [Consult. 22 nov. 2022]. Disponível em <<https://pewterbank.co.uk/arlington-court-from-the-papers-of-the-late-jan-gadd/>>.
- GADD, J. (2001). *English Pewter Candlesticks of the Baroque Period* [em-linha]. [Consult. 22 nov. 2022]. Disponível em <<https://pewterbank.co.uk/english-pewter-candlesticks-of-the-baroque-period/>>.
- GADD, J. (2008). *Brass Basins and Bowls from a Single Nuremberga Workshop, Around 1500-1580* [em-linha]. «Journal of the Antique Metalware Society», 16, pp. 2-21. [Consult. 18 jan. 2023]. Disponível em <https://www.antiquemetalware.org.uk/wp-content/uploads/2016/11/AMSJ-16-2008-Gadd_0.pdf>.
- GOTELIPE-MILLER, S. (1987). *Unique Pewter Set Sheds Light on Life and Trade* [em-linha]. «Ina Newsletter», vol. 14, nº 1/2, pp. 7-10. [Consult. 27 dez. 2022]. Disponível em <<https://nauticalarch.org/ina-quarterly/ina-quarterly-14-1-2-spring-summer-1987/>>.

- GOTELIPE-MILLER, S. (1990). *Pewter and Pewterers from Port Royal, Jamaica: Flatware before 1692*. Texas: Texas A&M University.
- GSCHWEND, A. (1999). *Queen of the Seas and Overseas. Dining at the Table of Catherine of Austria, Queen of Portugal* [em-linha]. Lisboa: Instituto Português de Museus, pp. 14-43. [Consult. 27 fev. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/27152480/Dining_etiquette_and_ceremonial_at_the_court_of_Catherine_of_Austria_Queen_of_Portugal>.
- GSCHWEND, A. (2018). *Rainha d'Aquém e d'Além-Mar. Jantar e Cear à Mesa de D. Catarina de Áustria na Corte de Lisboa* [em-linha]. In AGUIAR-BRANCO, P. (coord.); ROQUETTE, Á. (coord.). *À Mesa do Príncipe. Jantar e Cear na Corte de Lisboa (1500 – 1700): prata, madrepérola, cristal de rocha e porcelana*. Lisboa: Ar-Pab. [Consult. 27 fev. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/36297434/Hugo_Miguel_Crespo_ed_%C3%80_Mesa_do_Pr%C3%ADncipe_Jantar_e_Cear_na_Corte_de_Lisboa_1500_1700_At_the_Prince_Table_Dining_at_the_Lisbon_Court_1500_1700_Lisboa_AR_PAB_2018_pdf>.
- HAGNAUER, M. (1948). *Touchmarks on swiss pewter* [em-linha]. «The Bulletin – The Pewter Collectors' Club of America», II, 3, pp. 49-52. [Consult. 19 jan. 2023]. Disponível em <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/101-200/0142/0142_PCCA_bulletin_022_1948_Vol_2_nr_3.pdf>.
- HALL, D. (s.d.). *Some commonly found Irish pewterers marks* [em-linha]. [Consult. 23 out. 2022]. Disponível em <https://www.pewtersociety.org/sites/default/files/2019-07/Irish_Pewter_Marks.....by_David_Hall.pdf>.
- HALL, D. (2012). *The Punta Cana Pewter Wreck* [em-linha]. «Journal of the Pewter Society», outono, p. 46. [Consult. 19 dez. 2022]. Disponível em <<https://www.yumpu.com/en/document/read/20554431/punta-cana-wreck-responses-the-the-pewter-society>>.
- HAYWARD, P. (2003). *Pewterer's and braziers' trade tokens* [em-linha]. «Journal Norman Merritt». [Consult. 23 nov. 2022]. Disponível em

<https://www.pewtersociety.org/sites/default/files/2019-07/Irish_Pewter_Marks.....by_David_Hall.pdf>.

HAYWARD, P.; MARSDEN, M. (2015). *English Porringers post-1650: Part 1* [em-linha]. «Journal of the Pewter Society». [Consult. 19 set. 2022]. Disponível em <https://www.pewtersociety.org/sites/default/files/2018-12/Porringers_part_1.pdf>.

HAYWARD, P.; MARSDEN, M. (2016). *English Porringers post-1650: Part 2* [em-linha]. «Journal of the Pewter Society». [Consult. 19 set. 2022]. Disponível em <https://www.pewtersociety.org/sites/default/files/2018-12/Porringers_part_2.pdf>.

HEIN, G. (1998). *Learning in the Museum*. Londres: Routledge.

HERRADÓN, A. (2008). *Buckles, forgotten jewels* [em-linha]. «Indumenta – Revista del Museo del Traje». [Consult. 13 dez. 2022]. Disponível em <https://www.academia.edu/37983346/Las_hebillas_pdf>.

HERRADÓN, A. (2018a). *Joyería modernista. Hebillas y broches de cinturón* [em-linha]. In CARMONA, J (coord.); ZAPATA, I. (coord.). *Estudios de Platería San Eloy 2018*. Murcia: Universidade de Murcia. [Consult. 13 dez. 2022]. Disponível em <https://www.academia.edu/37983182/Joyer%C3%ADa_modernista_Hebillas_y_broches_de_cintur%C3%B3n_Modernist_Jewelry_Buckles_and_Belt_Clips>.

HERRADÓN, A. (2018b). *Las hebillas en los Llibres de passanties* [em-linha]. In *Actas del III Congreso Europeo de Joyería*. [Consult. 13 dez. 2022].

HINTZE, E. (1921a). *DIE DEUTSCHEN ZINNGIESSER UND IHRE MARKEN BAND I: SÄCHSISCHE ZINNGIESSER* [em-linha]. Leipzig: Hiersemann. [Consult. 9 nov. 2022]. Disponível em <<https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/hintze1921bd1>>.

HINTZE, E. (1921b). *DIE DEUTSCHEN ZINNGIESSER UND IHRE MARKEN BAND II: NÜRNBERGER ZINNGIESSER* [em-linha]. Leipzig: Hiersemann. [Consult. 9 nov. 2022]. Disponível em <<https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/hintze1921bd2>>.

- HINTZE, E. (1923). *DIE DEUTSCHEN ZINNGIESSER UND IHRE MARKEN BAND III: NORDDEUTSCHE ZINNGIESSER* [em-linha]. Leipzig: Hiersemann. [Consult. 9 nov. 2022]. Disponível em <<https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/hintze1923bd3>>.
- HINTZE, E. (1926). *DIE DEUTSCHEN ZINNGIESSER UND IHRE MARKEN BAND IV: SCHLESISCHE ZINNGIESSER* [em-linha]. Leipzig: Hiersemann. [Consult. 9 nov. 2022]. Disponível em <<https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/hintze1926bd4>>.
- HINTZE, E. (1927). *DIE DEUTSCHEN ZINNGIESSER UND IHRE MARKEN BAND V: SÜDDEUTSCHE ZINNGIESSER* [em-linha]. Leipzig: Hiersemann. [Consult. 9 nov. 2022]. Disponível em <<https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/hintze1927bd5>>.
- HINTZE, E. (1928). *DIE DEUTSCHEN ZINNGIESSER UND IHRE MARKEN BAND VI: SÜDDEUTSCHE ZINNGIESSER* [em-linha]. Leipzig: Hiersemann. [Consult. 9 nov. 2022]. Disponível em <<https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/hintze1928bd6>>.
- HINTZE, E. (1931). *DIE DEUTSCHEN ZINNGIESSER UND IHRE MARKEN BAND VII: SÜDDEUTSCHE ZINNGIESSER* [em-linha]. Leipzig: Hiersemann. [Consult. 9 nov. 2022]. Disponível em <<https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/hintze1931bd7>>.
- HOMEM, P. (ed.); MONTEIRO, M. (ed.); OLIVEIRA, M. (ed.) (2020). *Ensaio e práticas em museologia. Vol. 09*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- HOMER, R. (1980). *Base Metal Spoons* [em-linha]. «Antique Collecting», pp. 14-16. [Consult. 19 set. 2022]. Disponível em <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/6100/6170_EFN.pdf>.
- HORNSBY, P. (1980). *Pewter Exports from Bristol to the American Colonies* [em-linha]. «The Pewter Collectors Club of America Inc. – Bulletin», vol. 8, nº1, pp. 10-15. [Consult. 19 set. 2022]. Disponível em <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/101-200/0142/0142_PCCA_bulletin_080_1980_Vol_8_nr_1.pdf>.
- HORNSBY, P. (1981). *The Marketing of Pewter in Seventeenth Century England* [em-linha]. «The Pewter Collectors Club of America Inc – Bulletin», vol. 8, nº 4, pp. 141-

145. [Consult. 23 out. 2022]. Disponível em <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/101-200/0142/0142_PCCA_bulletin_083_1981_Vol_8_nr_4.pdf>.
- KULESZ, A.; MICHALIK, J. (2020). *Modern Shoe Buckles from Archeological Research In Gniew and Piaseczno (Pomerania Province, Poland)* [em-linha]. «Acta Universitatis Lodziensis Folia Archeologica», 35, pp. 151-165. [Consult. 14 jan. 2023]. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/350393474_Modern_Shoe_Buckles_from_Archeological_Research_in_Gniew_and_Piaseczno_Pomerania_Province_Poland>.
- LEFEVER, G. (2007). *Early Pewter Tableware* [em-linha]. «Side by side», dezembro, pp. 58-68. [Consult. 19 dez. 2023]. Disponível em <<http://www.gregorylefever.com/pdfs/Pewter%20Tableware2.pdf>>.
- MARSILLA, J. (1992). *LA ALIMENTACIÓN EN EL MEDIEVALISMO VALENCIANO. UN TEMA MARGINADO* [em-linha]. In «Anales de la Universidade de Alicante. Historia Medieval», pp. 301-322. [Consult. 27 fev. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/52602391/La_alimentaci%C3%B3n_en_el_medievalismo_valenciano_un_tema_marginado>.
- MARSILLA, J. (2001). *Imatges a la llar. Cultura material i cultura visual a la València dels segles XIV i XV* [em-linha]. «Recerques», 43, pp. 163-194. [Consult. 25 jan. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/74870530/Imatges_a_la_llar_Cultura_material_i_cultura_visual_a_la_Val%C3%A8ncia_dels_segles_XIV_i_XV>.
- MARSILLA, J. (2011). *Arte, imágenes y vida cotidiana en la Valencia Medieval* [em-linha]. «Arte en la ciudad de valencia», pp. 302-307. [Consult. 25 jan. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/4263041/Arte_im%C3%A1genes_y_vida_cotidiana_en_la_Valencia_medieval_La_Ciudad_de_Valencia_Geograf%C3%ADa_y_Arte_Valencia_PUV_Ajuntament_de_Val%C3%A8ncia_2011_>.

MARSILLA, J. (2013). *Alimentación y salud en la Valencia Medieval. Teorías y Prácticas* [em-linha]. «Anuario de Estudios Medievales», janeiro-junho, pp. 115-158. [Consult. 27 fev. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/75040160/Food_and_health_in_medieval_Valencia_Theories_and_practices>.

MARSILLA, J. (2015). *Mercados del Lujo, Mercados del Arte* [em-linha]. In BROUQUET, S. (ed.); MARSILLA, J. (ed.). «Mercado del Lujo, Mercados del Arte – El Gusto de las elites mediterráneas en los siglos XIV y XV», pp. 11-17. València: Universidade de València. [Consult. 27 fev. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/12156873/Mercados_del_lujo_mercados_del_arte_El_gusto_de_las_elites_mediterr%C3%A1neas_en_los_siglos_XIV_y_XV_Valencia_PUV_2015>.

MARSILLA, J.; ESPINACH, G.; AULESA, C. (2015). *Pledges and Auctions: the Second-Hand Market in the Late Medieval Crown of Aragon* [em-linha]. In «Il Commercio al Minuto. Domanda e offerta tra economia formale e informale. Secc. XIII-XVIII». Florença: Firenze University Press. [Consult. 27 fev. 2022]. Disponível em <https://www.academia.edu/12462039/Garc%C3%ADa_Marsilla_J_V_Navarro_G_Vela_C_Pledges_and_Auctions_the_Second_Hand_Market_in_the_Late_Medieval_Crown_of_Aragon_Il_commercio_al_minuto_Domanda_e_offerta_tra_economia_formale_e_informale_Secc_XIII_XVIII_Atti_46_Settimani_di_Studi_di_Prato_Firenze_University_Press_295_317>.

MARSILLA, J. (2017). *Influjos de Flandes y del norte de Europa en la cultura material del Mediterráneo. Valencia, siglos XIV y XV* [em-linha]. In CERDÁ, M. (coord.); JUAN, A. (coord.); SABATER, T. (coord.). *Els mons nòrdic i mediterrani. Relacions artístiques i culturals entre els segles XIV i XVI*. Palma: UIB. [Consult. 25 jan. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/34991331/Influjos_de_Flandes_y_del_norte_de_Europa_en_la_cultura_material_del_Mediterr%C3%A1neo_Valencia_siglos_XIV_y_XV_en_Magdalena_Cerd%C3%A0_Ant%C3%B2nia_Juan_y_Tina_Sabater_coords_Els_m%C3%B3ns_n%C3%B2rdic_i_mediterrani_Relacions_art%C3%ADstiques_i_culturals_entre_els_segles_XIV_i_XVI_Palma_UIB_2017>.

- MARTINS, J. (2010). *Pratos e Bacias de Latão dos Séculos XV-XVI de Temática Religiosa da Casa Museu Guerra Junqueiro* [em-linha]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. [Consult. 10 nov. 2021]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55520>>.
- MARTINS, A. et al (2016). *Reconstructing Trees from Ship Timber Assemblages Using 3D Modelling Technologies: Evidence from Belinho in Northern Portugal*. Fremantle: University of Wales Trinity Saint David. [Consult. 25 abr. 2022]. [S.l.]: Instituto de Arqueologia e Paleociências; Instituto de História Contemporânea, pp. 181-191. [Consult. 9 mai. 2022]. Disponível em <https://www.academia.edu/30308151/Reconstructing_Trees_from_Ship_Timber_Assemblages_Using_3D_Modelling_Technologies_Evidence_from_Belinho_in_Northern_Portugal>.
- MARTINS, A. M.; CASTRO, F.; NAYLING, N (2017). *Belinho 1: Registo e Análise Provisória às Madeiras do Navio*. In GOMES, R. V. (ed.); MONCHET, K. T. (ed.). *Árvores, Barcos e Homens na Península Ibérica (Séculos XVI-XVII)*. Navarra: Instituto de arqueologia e Paleociências; Instituto de História Contemporânea, pp. 181-192. [Consult. 9 mai. 2022]. Disponível em <https://www.academia.edu/36778562/BELINHO_1_REGISTO_E_ANALISE_PROVISORIA_MADEIRAS_DO_NAVIO>.
- MARX, R. (1971). *Silver and Pewter Recovered from the Sunken City of Port Royal, Jamaica* [em-linha]. Ilhas Virgens Americanas: Caribbean Research Institute. [Consult. 29 jan. 2023]. Disponível em <https://museum.wa.gov.au/maritime-archaeology-db/sites/default/files/marx_silver__pewter_port_royal_1966_68.pdf>.
- MASSÉ, H. (1909). *Some notes on the recent pewter exhibition in Clifford's* [em-linha]. «The Connoisseur», pp. 115-119. [Consult. 22 nov. 2022]. Disponível em <<https://pewterbank.co.uk/pewter-exhibition-in-cliffords-inn-part-1/>>.
- MASSÉ, H. (1910). *Pewter Plate*. Londres: George Bell and Sons.

MASSÉ, H. (1915). *Chats on Old Pewter*. Nova Iorque: Frederick A. Stokes Company publishers. [Consult. 12 mar. 2023]. Disponível em <<https://archive.org/details/chatsonoldpewterOOmass>>.

MASSÉ, H. (1921). *The Pewter Collector: A Guide to English Pewter with some Reference to Foreign Work* [em-linha]. Londres: Herbert Jenkins Limited. [Consult. 20 out. 2022]. Disponível em <https://www.pewtersociety.org/sites/default/files/2019-06/THE_PEWTER_COLLECTOR..._H_J_J_L_MASSE_1921.pdf>.

MICHAELIS, R. (1949a). *English Pewter Porringers – Part I* [em-linha]. «Apollo», julho, pp. 23-26. [Consult. 18 jan. 2023]. Disponível em <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/401-500/0495/0495_20_English_Pewter_Porringers_by_Ronald_M_Michaelis_1949.pdf>.

MICHAELIS, R. (1949b). *English Pewter Porringers – Part II* [em-linha]. «Apollo», agosto, pp. 46-48. [Consult. 18 jan. 2023]. Disponível em <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/401-500/0495/0495_20_English_Pewter_Porringers_by_Ronald_M_Michaelis_1949.pdf>.

MICHAELIS, R. (1949c). *English Pewter Porringers – Part III* [em-linha]. «Apollo», setembro, pp. 81-84. [Consult. 18 jan. 2023]. Disponível em <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/401-500/0495/0495_20_English_Pewter_Porringers_by_Ronald_M_Michaelis_1949.pdf>.

MICHAELIS, R. (1949d). *English Pewter Porringers – Part IV* [em-linha]. «Apollo», outubro, pp. 99-102. [Consult. 18 jan. 2023]. Disponível em <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/401-500/0495/0495_20_English_Pewter_Porringers_by_Ronald_M_Michaelis_1949.pdf>.

PORTUGAL. Ministério Público (1985). *Convenção Relativa às Medidas a Adotar para Proibir e Impedir a Importação, a Exportação e a Transferência Ilícitas da Propriedade*

- de Bens Culturais*. «Diário da República», I, nº 170 (1985-07-26). [Consult. 23 jan. 2023]. Disponível em <https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/convencao_relativa_medidas_impedir_importacao.pdf>.
- PORTUGAL. Ministério Público (2006). *Convenção Sobre A Proteção Do Património Cultural Subaquático*. «Diário da República», I, nº 137 (2006-07-18). [Consult. 19 jan. 2023]. Disponível em <<https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/43%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20patrim%C3%B3nio%20subaqu%C3%A1tico%20-%20UNESCO%202001.pdf>>.
- MIRA, L. (2001). *El Tesoro del Delfín. Catálogo razonado* [em-linha]. Madrid: Museu do Prado. [Consult. 27 fev. 2023]. Disponível em <<https://www.museodelprado.es/aprende/biblioteca/biblioteca-digital/fondo/el-tesoro-del-delfin/ce5df53f-aa8f-44ae-b451-cde2b72ffc5f>>.
- MOORE, D.; MALCOM, C. (2008). *Seventeenth-Century Vehicle of the Middle Passage: Archaeological and Historical Investigations on the Henrietta Marie Shipwreck Site* [em-linha]. «International Journal of Historical Archaeology», 12, pp. 20-38. [Consult. 27 dez. 2023]. Disponível em <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10761-007-0039-1>>.
- MUKHERJEE, R. (2016). *Portuguese slave ports in Bengal 1500-1700*. In POLÓNIA, A (coord.); ANTUNES, C. (coord.). *Seaports in the First Global Ages: Portuguese Agents, Networks and Interactions (1500-1800)*. Porto: UPORTO Edições, pp. 215-236.
- MULLER, L. (2008). *Swedish-Portuguese trade and Swedish consular services, 1700-1800*. In *A articulação do sal português aos circuitos mundiais: antigos e novos mundos*. Porto: Universidade do Porto. Instituto de História Moderna.
- MUNDEY, R. (1991). *Pewter Hallmarks* [em-linha]. Londres: The Pewter Society. [Consult. 31 out. 2022]. Disponível em <<https://www.pewtersociety.org/identifying-and-collecting-pewter/pewterers-marks>>.

- NEATE, R. (1928). *English Pewter Candlesticks of the Seventeenth Century* [em-linha]. In *The Book of Antiques*, pp. 90-93. [Consult. 22 nov. 2022]. Disponível em <<https://pewterbank.co.uk/richard-neate-writing-on-candlesticks/>>.
- NEISH, P.; RICKETTS, C. (2018). *The Neish Pewter Collection. A Catalogue by Patricia Neish* [em-linha]. [Consult. 22 nov. 2022]. Disponível em <<https://pewterbank.co.uk/the-neish-pewter-collection/>>.
- NORTH, A. (1999). *Pewter at the Victoria and Albert Museum*. Londres: V&A Publications.
- OLIVEIRA, L. (2015). *Políticas Régias de Logística Naval (1481 – 1640)* [em-linha]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado. [Consult. 3 nov. 2022]. Disponível em <<https://www.notion.so/OLIVEIRA-2015-cap-tulos-3-1-e-3-3-c118524055d34ca39640ea8a02d51240>>.
- OLIVEIRA, M. (2019). *Museus Locais e Desenvolvimento Sustentável* [em-linha]. Aveiro: Universidade de Aveiro. [Consult. 27 jan. 2023]. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/334319552_Museus_Locais_e_Developmento_Sustentavel>.
- PERKINS, E. (1948). *Black Markets are Not New* [em-linha]. «The Bulletin – The Pewter Collectors' Club of America», II, 2, pp. 35-38. [Consult. 30 jan. 2023]. Disponível em <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/101-200/0142/0142_PCCA_bulletin_021_1948_Vol_2_nr_2.pdf>.
- PINHO, E.; FREITAS, I. (2000). *Normas gerais: Artes Plásticas e Artes Decorativas* [em-linha]. Lisboa: Instituto Português de Museus. [Consult. 23 set. 2022]. Disponível em <<http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/NormasInventario.aspx>>.
- PINTO, D. (2019). *De Campanis Fundentis. A fábrica de Fundição de Sinos de Rio Tinto* [em-linha]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado. [Consult. 23 set. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/121685>>.

- PIRES, C. (2022). *As Artes Decorativas no dote de D. Beatriz de Portugal: reconstituição a viagem de 1521 com destino ao ducado de Saboia* [em-linha]. Porto: Faculdade de Letras da universidade do Porto. Dissertação de mestrado. [Consult. 14 dez. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/145172>>.
- POLÓNIA, A. (1995). *Reflexões sobre alguns aspectos da vida quotidiana no século XVI* [em-linha]. Leiria: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, pp. 75-95. [Consult. 17 dez. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/13124>>.
- POLÓNIA, A. (1999). *Espaço concelhio, rede viária e dinâmicas socio-económicas: conexões e interinfluências: o estudo de um caso: Vila do Conde no século XVI* [em-linha]. [Consult. 1 nov. 2022]. Disponível em <<https://www.notion.so/Bibliografia-199fc7fb8f8044c9a43de65c6bc062fd>>.
- POLÓNIA, A. (2002a). *O Porto de Vila do Conde no século XVI: depoimentos históricos e perspectivas catográficas* [em-linha]. Porto: Universidade do Porto; Instituto de História Moderna. [Consult. 3 nov. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/22214>>.
- POLÓNIA, A. (2002b). *Espaços de inclusão e de exclusão de agentes femininas no processo de expansão ultramarina portuguesa (Século XVI)* [em-linha]. In Simpósio «Os Espaços Femininos no Mundo Americano. Séculos XVI a XIX. Cultura, Resistência e Poder», XIII Congresso Internacional da Ahila, Ponto Delgada. [Consult. 9 nov. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/13173>>.
- POLÓNIA, A. (2003). *Women's contribution to family, economy and social range in maritime societies. Portugal. 16th century* [em-linha]. «Conference of the International Federation for Research in women history», Belfast, Queen's University. [Consult. 9 nov. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/13189>>.
- POLÓNIA, A. (2004a). *The sea as inevitability. The sea as a decisive factor in the construction of a maritime community. Interactions applied to a case study (Portugal, 16th Century)* [em-linha]. In «Fourth International Congress of Maritime History»,

- Corfu. [Consult. 9 nov. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/13074>>.
- POLÓNIA, A. (2004b). *Redes informais de comércio ultramarino* [em-linha]. In *Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, vol. 3, pp. 879-891. [Consult. 1 nov. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8361>>.
- POLÓNIA, A. (2005). *Arte, técnica e ciência náutica no Portugal Moderno. Contributos da “sabedoria dos descobrimento” para a ciência europeia*. «Revista da Faculdade de Letras – História», III, 6, pp. 9-20. [Consult. 9 nov. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/7701>>.
- POLÓNIA, A. (2006). *Relações poder central/poder local: a permanência de jurisdições senhoriais no Portugal Moderno: o estudo de um caso: Vila do Conde* [em-linha]. «Revista da Faculdade de Letras – História», III, 7, pp. 107-132. [Consult. 3 nov. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8072>>.
- POLÓNIA, A. (2010). *European seaports in the Early Modern Age: concepts, methodology and models of analysis* [em-linha]. «Cahiers de la Méditerranée», n.º 80, pp. 17-39. [Consult. 3 nov. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/56492>>.
- POLÓNIA, A.; COSTA, C. (2020). *Preservar patrimônios e partilhar memórias em cidades-porto latinoamericanas. Um projeto em ação: CoopMar – Cooperação Transoceânica, Políticas Públicas e Comunidade Sociocultural Ibero-Americana* [em-linha]. «Locus – revista de história», XXVI, 2, pp. 13-28. [Consult. 9 nov. 2022]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/129429>>.
- PRICE, H. (1908). *Old Base Metal Spoons with Illustrations and Marks* [em-linha]. Londres: B. T. Bastford, 94, High Holborn. [Consult. 17 nov. 2022]. Disponível em <<https://pewterbank.co.uk/old-base-metal-spoons-and-marks-reprinted-booklet/>>.
- RAYMOND, P. (1947). *The Skerry Paten* [em-linha]. «The Bulletin – The Pewter Collectors’ Club of America», II, 2, pp. 35-38. [Consult. 30 jan. 2023]. Disponível em

<https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/101-200/0142/0142_PCCA_bulletin_021_1948_Vol_2_nr_2.pdf>.

RAYMOND, P. (1949a). *The alloys called pewter* [em-linha]. «The Bulletin – The Pewter Collectors’ Club of America», II, 5, pp. 95-99. [Consult. 30 jan. 2023].

RAYMOND, P. (1949b). *Influence of English on American Pewter* [em-linha]. «The Bulletin – The Pewter Collectors’ Club of America», II, 6, pp. 109-118. [Consult. 30 jan. 2023].

REÁU, L. (1996). *Iconografía del arte cristiano: Iconografía de la Biblia Antiguo testamento*. Vol. 1. Barcelona: Ediciones del Serbal.

REÁU, L. (2000). *Iconografía del arte cristiano: Iconografía de los santos de la A a la F* (2ª ed.). Vol. 3. Barcelona: Ediciones del Serbal.

REÁU, L. (2001). *Iconografía del arte cristiano: Iconografía de los santos de la G a la O* (2ª ed.). Vol. 4. Barcelona: Ediciones del Serbal.

REDMAN, W. (1903). *Handbook of Information on Pewter and Sheffield Plate with full particular of touch marks, marker«s marks, etc.* [em-linha]. Bradford: Price. [Consult. 24 out. 2022]. Disponível em <<https://ia600603.us.archive.org/35/items/illustratedhandb00redm/illustratedhandb00redm.pdf>>

RIBEIRO, A. (2016). *Violence in early modern portuguese ports cities – myths and realities. The case study of Porto in the second half of the eighteenth century*. In POLÓNIA, A (coord.); ANTUNES, C. (coord.). *Seaports in the First Global Ages: Portuguese Agentes, Networks and Interactions (1500-1800)*. Porto: UPORTO Edições, pp. 215-236.

RIBEIRO, C. (2016). *Patrimônio, Memória e Identidades Marítimas. Proposta de Implantação de um Museu Digital Marítimo para o Extremo Oriente das Américas – Paraíba/Brasil* [em-linha]. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Dissertação de mestrado.

RICH, S. (1981). *Pewter was prized then* [em-linha]. «The Pewter Collectors Club of America Inc – Bulletin», vol. 8, nº 4, p. 145. [Consult. 23 out. 2022]. Disponível em

- <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/101-200/0142/0142_PCCA_bulletin_083_1981_Vol_8_nr_4.pdf>.
- RICKETTS, C.; DOUGLAS, J. (1994). *The use of verification marks to identify pewterers* [em-linha]. «The Journal of The Pewter Society». [Consult. 4 nov. 2022]. Disponível em <<https://pewterbank.co.uk/on-the-origins-of-touchmarks-ii-carl-ricketts/>>.
- RICKETTS, C. (2007). *On the origins of touchmarks II* [em-linha]. «The Journal of The Pewter Society». [Consult. 4 nov. 2022]. Disponível em <<https://pewterbank.co.uk/the-use-of-verification-marks-to-identify-pewterers/>>.
- RICKETTS, C. (2008). *On the origins of touchmarks III* [em-linha]. «The Journal of The Pewter Society». [Consult. 4 nov. 2022]. Disponível em <<https://pewterbank.co.uk/on-the-origins-of-touchmarks-ii-carl-ricketts/>>.
- ROBERTS, M. (2012a). *The Punta Cana Pewter Wreck: the earliest pewter known in the Americas* [em-linha]. «The Pewter Collectors' Club of America INC. – The Bulletin», vol. 14, nº 7, pp. 4-19. [Consult. 19 dez. 2022]. Disponível em <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/101-200/0142/0142_PCCA_bulletin_144_2012_Vol_14_nr_7.pdf>.
- ROBERTS, M. (2012b). *The Punta Cana Wreck* [em-linha]. «Journal of the Pewter Society», outono, pp. 47-51. [Consult. 19 dez. 2022]. Disponível em <<https://www.yumpu.com/en/document/read/20554431/punta-cana-wreck-responses-the-the-pewter-society>>.
- ROBERTS, M. (2013). *The Punta Cana Pewter Wreck. Pewter: Origin, Styles, Makers & Commerce* [em-linha]. [Consult. 19 set. 2022]. Disponível em <https://www.academia.edu/5090970/The_Punta_Cana_Pewter_Wreck_Pewter_Origins_Styles_Makers_and_Commerce>.
- RODRIGUES, D. (2020). *Conservação Preventiva. Embarcações Lagunares em Contexto Museológico* [em-linha]. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Dissertação de mestrado.

- RORIE, D. (1934). *CHAMBER-POTS FILLED WITH SALT AS MARRIAGE GIFTS* [em-linha]. In «Folklore», 45:2, pp. 162-163. [Consult. 13 fev. 2023]. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0015587X.1934.9718548?journalCode=rfo120>>.
- RUCKMAN, J. (1948). *Various Thoughts on Pewter* [em-linha]. «The Bulletin – The Pewter Collectors' Club of America», II, 3, pp. 49-52. [Consult. 19 jan. 2023]. Disponível em <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/101-200/0142/0142_PCCA_bulletin_022_1948_Vol_2_nr_3.pdf>.
- [S.a.] (2010). *Tips for photographing marks on pewter* [em-linha]. Londres: The Pewterbank. [Consult. 4 nov. 2022]. Disponível em <<https://pewterbank.co.uk/tips-for-photographing-pewter/>>.
- [S.a.] (2015). *Naufrágio da praia do Belinho (Esposende): Programa para um projecto arqueológico integrado*. [Consult. 9 mai. 2022]. Disponível em <<https://docplayer.com.br/56419672-Naufragio-da-praia-do-belinho-esposende.html>>.
- SEBASTIAN, L. (2013). *Mosteiro de S. João de Tarouca: Da investigação à musealização* [em-linha]. In BRAGA, A. et al. *Atas das 1ª Conferências Museu de Lamego/CITCEM – 2013. História e Património no/do Douro: investigação e desenvolvimento*, pp. 21-62. Lamego: Museu de Lamego; CITCEM. [Consult. 8 fev. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/43890902/Mosteiro_de_S_Jo%C3%A3o_de_Tarouca_da_investig%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_musealiza%C3%A7%C3%A3o>.
- SHELLEY, R. (1945). *Wigan and Liverpool Pewterers* [em-linha]. [S.l.]: The Society. [Consult. 29 jan. 2023]. Disponível em <<https://www.hslc.org.uk/wp-content/uploads/2017/06/97-2-Shelley.pdf>>.
- SILVA, A.; BLUTEAU, R. (1789). *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro* [em-linha]. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira. [Consult. 23 mar. 2023]. Disponível em <<https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-da-lingua-portugueza-recompilado-dos-vocabularios-impressos-ate-agora-e-nesta-segunda>>.

edi%C3%A7%C3%A3o-novamente-emendado-e-muito-acrescentado-por-antonio-de-moraes-silva/>.

SILVA, F. (2002). *Alfândegas lusas em finais de Setecentos: fiscalidade e funcionalismo*.

In AMORIM, I. (coord.); POLÓNIA, A. (coord.); OSWALD, H. (coord.). *O Litoral em Perspectiva Histórica (Séc. XVI-XVIII)*.

SIMÕES, J. (2019). *Projeto de um Museu Marítimo da Ericeira* [em-linha]. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.

SMEDLEY, S. (1948). *The Story of Westtown Pewter* [em-linha]. «The Bulletin – The Pewter Collectors’ Club of America», II, 3, pp. 49-52. [Consult. 19 jan. 2023]. Disponível em <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/101-200/0142/0142_PCCA_bulletin_022_1948_Vol_2_nr_3.pdf>.

SNODGRASS, M. (2004). *ENCYCLOPEDIA OF KITCHEN HISTORY*. Nova Iorque: Taylor & Francis Group.

SOULAT, J.; BRY, J. (2019). *Archaeology Of Piracy Between Caribbean Sea And The North American Coast Of 17th And 18th Centuries: Shipwrecks, Material Culture And Terrestrial Perspectives* [em-linha]. «Journal of Caribbean Archeology», vol. 19, pp. 68-103. [Consult. 19 dez. 2022]. Disponível em <https://www.floridamuseum.ufl.edu/wp-content/uploads/sites/44/2019/08/JCA_Soulat_FINAL1.pdf>.

SOUSA, A. (1997). *Ourivesaria Estampada e Lavrada: Uma Técnica Milenar num Oficina de Gondomar* [Em-linha]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. [Consult. 10 nov. 2021]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/19036>>.

SOUSA, A. (2010). *Tyolo da prata (...), do arame, estanho e ferro (...), latam cobre e cousas meudas... Objectos litúrgicos em Portugal (1478-1571)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento.

STANBURY, M. (2006). *Before the Mast: Life and Death Aboard the Mary Rose* [em-linha]. «The International Journal of Nautical Archeology», 35:2, pp. 341-368.

- [Consult. 19 dez. 2022]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1111/j.1095-9270.2006.126_1.x?needAccess=true&role=button>.
- SUTHERLAND-GRAEME, A. (s.d.). *Old British Pewter from 1500 to 1800* [em-linha]. Londres: The National Magazine. [Consult. 22 nov. 2022]. Disponível em <<https://pewterbank.co.uk/old-british-pewter-from-1500-to-1800/>>.
- TEIXEIRA, A.; GIL, L. (2012). *Cada Botão Sua Casaca. Indumentária Recuperada Nas Escavações Arqueológicas Da Fragata Santo António De Taná, Naufragada Em Mombaça Em 1697* [em-linha]. In TEIXEIRA, A. (coord.); BETTENCOURT, J. (coord.). *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna – Volume 2*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar. [Consult. 19 jan. 2023]. Disponível em <https://www.academia.edu/2411156/_Cada_bot%C3%A3o_sua_casaca_indument%C3%A1ria_recuperada_nas_escava%C3%A7%C3%B5es_arqueol%C3%B3gicas_da_Santo_Ant%C3%B3nio_de_Tan%C3%A1_naufragada_em_Momba%C3%A7a_em_1697>.
- TILLEY, C. (1994). *Interpreting material culture*. In PEARCE, S. (ed.). *Interpreting Objects and Collections*, pp. 67-75. Londres: Routledge.
- THE PEWTER COLLECTORS CLUB OF AMERICA INC. (2015). «The Bulletin», vol. 15, nº 4. [Consult. 23 out. 2022]. Disponível em <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/101-200/0142/0142_PCCA_bulletin_151_2015_Vol_15_nr_4.pdf>.
- THE PEWTER SOCIETY (s.d.). *Glossary* [em-linha]. [Consult. 9 jan. 2023]. Disponível em <<https://www.pewtersociety.org/about-pewter/glossary>>.
- THWING, L.; RAYMOND, P. (1950). *Sixteenth Century Venetian Pewter-Making* [em-linha]. «The Bulletin – The Pewter Collectors’ Club of America», II, 7, pp. 122-125. [Consult. 30 jan. 2023].
- VITERBO, J. (1798-1799). *Elucidario das palavras, termos, e frases, que em Portugal antigamente se usárão: e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável*

WHITE, A. (2010). *An Evaluation of the Recovery, Conservation and Display of the Mary Rose* [em-linha]. [Consult. 19 dez. 2022]. Disponível em <<https://osf.io/7avsu/>>.

YOUNG, S. (1981). *Auxiliary British Marks With King's Initials* [em-linha]. «The Pewter Collectors Club of America Inc – Bulletin», vol. 8, nº 4, pp. 130-131. [Consult. 23 out. 2022]. Disponível em <https://www.nederlandsetinvereniging.nl/wp-content/uploads/101-200/0142/0142_PCCA_bulletin_083_1981_Vol_8_nr_4.pdf>.